

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

CLÁUDIO TAROUCO DE AZEVEDO



**OFICINA AÇÃO AMBIENTAL E PRODUÇÃO CULTURAL:
CRIANDO *KLINAMENS* ATRAVÉS DE MICROINTERVENÇÕES**

Rio Grande - RS

2010

CLÁUDIO TAROUCO DE AZEVEDO

**OFICINA AÇÃO AMBIENTAL E PRODUÇÃO CULTURAL:
CRIANDO *KLINAMENS* ATRAVÉS DE MICROINTERVENÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

Orientador:
Prof. Dr. Alfredo Guillermo Martin Gentini

Rio Grande – RS

2010

CLÁUDIO TAROUCO DE AZEVEDO

**AÇÃO AMBIENTAL E PRODUÇÃO CULTURAL. A
PRODUÇÃO DE KLINAMENS ATRAVÉS DE
MICROINTERVENÇÕES**

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:



Dr. Alfredo Guillermo Martin
(Orientador - FURG)



Dr. Cleusa Helena Guaita Peralta Castell
(FURG)



Dr. Jaques Maurice Gauthier
(UNIJORGE)

***Aos que lutam por um mundo melhor
e pelo cuidado com a vida.***

Caso o seu cotidiano lhe pareça pobre, não reclame dele, reclame de si mesmo que não é poeta o bastante para evocar as suas riquezas.

Rainer Maria Rilke

Cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas.

Félix Guattari

AGRADECIMENTOS

Ao escrever este trabalho, certos momentos recordaram-me os depoimentos do meu querido pai – eterno companheiro e exemplo de honestidade e perseverança – quando dava seus relatos sobre os árduos tempos em que tinha de estudar a luz de velas e a partir de seus escritos em folhas usadas de papel manteiga (muito utilizado na época para empacotar pães). Era num casebre simples que muitas vezes a cena se repetia e o menino continuou, avançou. Ao meu pai, que foi trabalhador da companhia estadual de energia elétrica, atleta, menino e amigo, agradeço profundamente sua coragem e sua presença viva em minha existência e em suas palavras que ecoam até hoje em minha mente: seja honesto e estuda, estuda... Sujeito que sofreu no debate de superar seus próprios medos e limitações, buscava a honestidade e a amizade. Acreditava nas pessoas, foi bom com os que pôde e justo com os que não mereceram sua confiança. Diante de todas suas qualidades e limitações ficou registrado seu desejo de transformar, sua insatisfação com as tristezas e sofrimentos da vida e das relações humanas. Seu espírito institucionalista pulsa na atmosfera e vibra nos diferentes níveis de realidade que posso e não perceber.

Agradeço a esta pessoa especial, Professor Alfredo. Orientador, amigo, companheiro de ideias e ideais. Pelo constante e profundo aprendizado que ele possibilita como pesquisador e ser humano. Como um livro, como um filme ele carrega memórias, histórias e emoções que transformam as experiências de convívio com aqueles a sua volta. Através de suas aulas, de sua postura enquanto sujeito e suas práticas interventivas, possibilita um grande aprendizado a todos(as) que desejam o envolvimento com as práticas sociais, mentais e ambientais. Pelos aprendizados proporcionados e, sobretudo pela amizade alimentada durante nossos devires, lhe agradeço companheiro de luta contra o instituído.

Agradeço carinhosamente ao grupo-sujeito que compôs a oficina: Ana Queli Tormes Machado, Beatriz Mello de Albuquerque, Cláudia Teixeira, Diana Salomão de Freitas, Fernanda Ciandrini, Flávia Maisonnave, Geórgia Tavares de Souza, Jai Bezerra Massaut, Leonir Claudino Lanznaster, Ivonne Ayde Rodriguez e aos demais colegas que, embora não tenham concluído suas microintervenções, estiveram conosco em

alguns encontros da oficina: Elisa Salengue, Karine, Simone Silva, Wagner Terra Silveira... A vocês que foram fundamentais para que eu também pudesse fazer minha auto-análise e pelo trabalho comprometido, somos um grupo de microinterventores. Valeu Diana e Wagner pela amizade cultivada e parceria em busca de nossos ideais.

Meu muito obrigado a banca que com sensibilidade, proferiu palavras na medida certa, entre a crítica e o ser sensível, o que auxiliou na qualificação da proposta. Inicialmente pelo aceite de contribuir com esta etapa importante de minha formação, por permitir a gravação da banca de qualificação, o que ajudou com aqueles detalhes referentes às questões que a memória cognitiva não consegue abarcar. Pelo referencial teórico indicado e disponibilizado pela Prof^a. Cleusa Peralta, como o livro do Adorno, por seu carinho e fundamental contribuição nos redirecionamentos conceituais; e pelas indicações feitas pela Prof^a. Francisca Michelin que, embora não tenha podido estar na defesa final, contribui profundamente. Obrigado por possibilitarem-me uma experiência acadêmica maravilhosa, com respeito e olhar atento ao crescimento desta proposta.

Obrigado Prof. Jacques Gauthier pelo aceite sem ter estado na qualificação, tenho certeza das contribuições que chegarão em tempo de contribuir e qualificar a pesquisa.

Se o Prof. Alfredo possibilitou experiências significativas em relação à prática institucionalista, Prof. Gregorio Baremlitt me auxiliou e complementou fundamentalmente, através de seu livro *Compêndio de análise institucional...*, para o campo conceitual instituinte. Ao senhor meus sinceros agradecimentos pelo tamanho conhecimento rico e profundo que é possível obter através da leitura e compreensão de seus escritos e estudos. A Guattari que ao escrever *As três ecologias*, contribuiu significativamente com o devir científico, com o pensamento contemporâneo, sobretudo com seus antídotos aos espaços instituídos.

Ao coordenador do PPGEA, Prof. Humberto Calloni, por estar sempre disposto a discutir as questões ligadas as atividades que envolvem nosso programa, desde o apoio na realização dos eventos até a inserção dos vídeos desenvolvidos pelos colegas da oficina na página do PPGEA. Obrigado, Gilmar, nosso porto seguro, secretário do PPGEA. Competente e incentivador nos momentos em que as luzes pareciam estar se apagando. Dizes que não fazes nada além do teu dever, mas ao dispores da atenção e estímulo para que possamos extrapolar as regras, propões uma abertura para mudança do estado de estagnação do ambiente acadêmico.

A oficina que possibilitou este estudo ocorreu nas dependências da FURG TV. Obrigado Ricardo Almeida pela possibilidade de dispor da estrutura para que as microintervenções pudessem se movimentar.

Agradeço também às professoras Ana Maio e Teresa Lenzi pelo trabalho junto ao Projeto de Qualificação Audiovisual para o Curso de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado da FURG (PQAV), o que contribui com a retroalimentação entre meu projeto de pesquisa e o campo das artes, através dos contatos, parcerias e conhecimentos produzidos. Valeu Lidiane Fonseca Dutra pela parceria no PQAV e constante troca de ideias e reflexões. E a alguns alunos do Curso de Artes pelo convívio, a confiança, o incentivo e pelo ambiente de produção de conhecimentos. Também aos demais colegas e professores do PPGEA pelas identificações e diferenças que nos propiciaram projetos como o IEDEA e a Semana do Meio Ambiente, ainda em relação a amizade aprofundada com muitos de vocês, obrigado!

Obrigado a minha companheira e amiga Roberta Cadaval e a amiga Cibele Borges por auxiliarem nos registros em vídeo e fotografia durante o encontro para aplicação dos questionários e exibição dos vídeos produzidos ao longo da oficina. Valeu Mel, gatinho companheiro adotado no final de 2009. Pelas constantes interrupções proporcionadas, por suas insistentes investidas em tentar me ajudar a digitar o trabalho. És uma companhia que preenche diversos espaços, inclusive os internalizados.

Agradeço a minha mãe, Regina Tarouco de Azevedo, pela mulher valente que me ensina com suas belas e simples maneiras de viver a vida. A lembrança de minha madrinha Shirley é inevitável, a pesar da distância lhe tenho com carinho e exemplo de perseverança. Agradeço as minhas lindas irmãs, Viviane e Márcia, exemplos de união, sempre no meu coração. E aos meus sobrinhos, Maycon e Jéssica, combustíveis essenciais que me alimentam constantemente. A Eliana, minha mana mais nova, que a vida nos aproxime sempre.

Meu amor, Roberta, estejamos juntos para vencer em todos os momentos. Obrigado pela compreensão e paciência, pela companhia constante e amizade. Pela leitura carinhosa com algumas partes deste trabalho, somos dois em um.

Aos que não me querem bem, por, ao imaginarem estar me privando da paz e felicidade, me aproximaram do meu dever, em uma linha de fuga me possibilitam novamente a vida. Que as energias do divino transcendental lhes apresentem novos caminhos por uma vivência mais digna.

RESUMO

A partir de algumas reflexões sobre a influência nociva da mídia em nosso cotidiano, e procurando compreender e amenizar estes efeitos, foi criado um dispositivo de Intervenção Institucional intitulado: *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*; ela foi implementada como atividade integrada ao seminário *As três ecologias de Félix Guattari*, oferecida junto ao Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental da FURG. A proposta pretende contribuir com a Educação Ambiental Não-Formal, de maneira a possibilitar a formação de grupos-sujeitos que possam estar realizando microintervenções ecosófica nos diversos espaços possíveis. Esta pesquisa qualitativa se justifica pela necessária compreensão crítica da produção de subjetividade implementada pela mídia, de maneira a produzir uma autonomia do pensar e agir, uma geração de novas subjetividades produzidas pelos próprios atores sociais participantes da oficina. Nosso objetivo é promover processos de autoanálise e autogestão para a criação de vídeos produtores de *klinamens*, tanto nos produtores como nos espectadores. Os procedimentos de coleta de dados foram: fotografar os sete encontros previstos para realização da oficina; produção de vídeos por parte dos participantes e um encontro para exibição das produções, com posterior aplicação de questionário e autoanálise do dispositivo. Como resultados das atividades foram produzidos cinco vídeos com temáticas pautadas na Ecosofia, compondo as respectivas microintervenções. Num processo imanente ao da oficina interventiva, esta pesquisa se propõe, como parte do dispositivo e dos vídeos, ser produtora de novas subjetividades e geradora de *klinamens*.

Palavras-chave: educação ambiental, ecosofia, microintervenções, *klinamens*, produção de subjetividade, vídeos.

RÉSUMÉ

À partir de quelques réflexions sur la mauvaise influence des médias dans notre quotidien et voulant comprendre et réduire ces effets, fut créé un dispositif d'intervention institutionnelle intitulé *Atelier d'Action Environnementale et Production Culturelle*, intégrée au Séminaire Trois Écologies de Félix Guattari et offerte dans le Programme de Post-Graduation en Éducation à l'Environnement de la FURG. Elle prétend faire une contribution avec l'Éducation Non Formelle de manière à rendre possible la formation de groupes-sujets qui puissent faire des micro-interventions écosophiques dans les divers espaces possibles. Cette recherche qualitative se justifie par la nécessaire compréhension critique de la production de subjectivité suscitée par les médias, visant une autonomie de la pensée et de l'action, une création de nouvelles subjectivités produites par les propres acteurs sociaux participants de l'atelier. Notre objectif est de promouvoir des processus d'auto-analyse et d'autogestion par la création de vidéos producteurs de *klinamens*, autant dans les producteurs comme chez les spectateurs. Les procédures de récollecion de données furent: photographier les sept rencontres prévus pour la réalisation des ateliers; production des vidéos par les participants et une rencontre postérieure d'exhibition et analyse des produits, avec un questionnaire et une auto-analyse du dispositif. Comme résultat des activités, furent produites cinq vidéos environnementales avec des thématiques liées à l'Ecosophie, structurées par les micro-interventions. Dans un processus immanent avec ces ateliers, cette recherche vise, comme part du dispositif et des vidéos, produire de nouvelles subjectivités et susciter des *klinamens*.

Mots-clés: éducation à l'environnement, ecosophie, micro-interventions, *klinamens*, production de subjectivité, vidéos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Diagrama Institucionalismo</i> – criado no Photoshop, 2010	56
Figura 2 – <i>Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural</i> , 2008	68
Figuras 3 e 4 – <i>Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural</i> , 2008	78
Figuras 5 e 6 – <i>Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural</i> , 2008	79
Figuras 7 e 8 – <i>Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural</i> , 2008	82
Figuras 9 e 10 – <i>Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural</i> , 2008	84
Figura 11 – <i>Interface Adobe Premiere</i> , 2010	84
Figura 12 – <i>Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural</i> , 2008	86
Figuras 13 e 14 – <i>Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural</i> , 2009.....	96
Figuras 15 e 16 – <i>Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural</i> , 2009.....	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 BREVE TRAJETÓRIA DE UM EDUCADOR AMBIENTAL SOB A INFLUÊNCIA DA ECOSOFIA DE FÉLIX GUATTARI	17
1.1 Educador ambiental e a Educação Ambiental (EA).....	17
1.2 Ecosofia, as três ecologias de Félix Guattari: um outro paradigma ...	21
1.3 Breve trajetória de experiências profissionais e acadêmicas integradas à educação ambiental. Algumas implicações do pesquisador na pesquisa	27
1.3.1 No devir das aspirações a educador ambiental	27
1.3.2 Um devir que vem sendo atualizado	33
1.3.3 Uma pesquisa qualitativa, do diário à problemática de pesquisa	36
2 AS IMPLICAÇÕES DO PESQUISADOR NA PESQUISA: DA MÍDIA TELEVISIVA AO AQUECIMENTO GLOBAL	39
2.1 A influência da <i>indústria cultural</i> em nosso cotidiano	40
2.2 Da produção de subjetividade da mídia	43
2.3 A poluição e o aquecimento global	48
3 MOVIMENTO INSTITUCIONALISTA: POR UMA PRÁTICA INSTITUINTE	54
3.1 Movimento Instituinte	54
3.2 Autoanálise e autogestão	57
3.3 Por uma intervenção institucional	60
4 A OFICINA AÇÃO AMBIENTAL E PRODUÇÃO CULTURAL: DO DIÁRIO DE PESQUISA AOS CONCEITOS DISCUTIDOS	65
4.1 A oficina – instituição, organização, estabelecimento, equipamento, agentes, práticas e ações	65
4.2 A estrutura da oficina, as atividades e práticas de autoanálise e autogestão	67
4.2.1 Primeiro encontro – 9 de agosto de 2008	68
4.2.2 Segundo encontro – 16 de agosto de 2008	75
4.2.3 Terceiro encontro – 23 de agosto de 2008	76
4.2.4 Quarto encontro – 30 de agosto de 2008	79

4.2.5 Quinto encontro – 6 de setembro de 2008	84
4.2.6 Sexto encontro – 13 de setembro de 2008	85
4.3 Os vídeos produzidos	86
4.4 Outras relações e conceitos implicados na pesquisa	89
5 RESULTADOS DE UMA PESQUISA QUALITATIVA A PARTIR DE UMA INTERVENÇÃO INSTITUCIONAL	94
5.1 Da pesquisa qualitativa e do problema de pesquisa	94
5.2 Encontro para autoavaliação e aplicação do questionário	95
5.3 As microintervenções, os vídeos	98
5.3.1 Vídeo “IEDEA”	98
5.3.2 Vídeo “3 ecologias”	101
5.3.3 Vídeo “Cassino, a outra cara do balneário”	102
5.3.4 Vídeo “Oficina de higienização corporal e ambiental”	103
5.3.5 Vídeo “Visitando a escola”	105
5.4 Análise sobre as demais questões	106
5.5 A produção de <i>klinamens</i>	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	119
Anexo 1 – Questionários aplicados aos participantes do grupo-sujeito	125
Anexo 2 – Oficina “Uma leitura crítica sobre a linguagem de vídeo” – certificado	144
Anexo 3 – <i>Folder</i> do 4º ArtEstação Cassino Cine Vídeo	145
Anexo 4 – <i>Folder</i> – 37ª Feira do Livro	147
Anexo 5 – Modelo de roteiro: “TV na Escola e os desafios de hoje”	148
Anexo 6 – Cronograma de microintervenção	150
Anexo 7 – DVD – Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural	151
Anexo 8 – <i>E-mail</i> enviado por um membro do grupo-sujeito	152
Anexo 9 – Cartaz da Semana do Meio Ambiente	153
Anexo10 – <i>Banner</i> do Projeto “Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural” ..	154
Anexo11 – Termos de consentimento livre e esclarecido	155

INTRODUÇÃO

*Para fazer educação ambiental temos
que forçosamente resgatar valores e,
principalmente, o sentido da vida.*
Léa Depresbiteris¹

A proposta desta pesquisa consiste em um estudo na linha da Educação Ambiental Não-Formal (EANF). Nossa problemática de pesquisa nasce com algumas reflexões e constatações sobre a influência que a mídia exerce sobre nossas relações sociais, mentais e ambientais. Pensamos no que poderíamos propor para trabalhar estas questões de maneira a transformar as realidades implicadas nesse âmbito, e como estaríamos contribuindo com a EANF. Para desenvolver esta investigação e a hipótese de que poderíamos contribuir com relação ao problema identificado, criamos um dispositivo intitulado *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*.

Assim, ao longo do trabalho poderão ser observadas as implicações do pesquisador na pesquisa, a análise de filmes e documentários, o uso do diário de pesquisa, bem como a pesquisa bibliográfica e a análise do questionário aplicado aos participantes da oficina (Anexo 1). Esta foi realizada junto ao Seminário *As três ecologias de Félix Guattari* do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA-FURG).

A oficina foi organizada como dispositivo de autoanálise e autogestão junto ao grupo-sujeito da oficina, bem como para promover discussões de temas ambientais relacionados a alguns impactos provocados e/ou potencializados pela grande mídia em nosso cotidiano. Ela foi proposta com duas intenções: por um lado, a de que os participantes desenvolvessem sua autonomia em relação à produção de subjetividade da mídia, aumentassem a sua tomada de consciência e estimulassem sua reflexão e ação; por outro, de que realizassem suas próprias análises e criação

¹ DEPRESBITERIS, Léa. Educação ambiental – algumas considerações sobre interdisciplinaridade e transversalidade (1998, p. 143). Léa Depresbiteris é doutora em Ciências da Educação – Área de Psicologia Escolar (USP).

de vídeos produtores de uma nova subjetividade, a dos próprios participantes da oficina.

Para a execução desta investigação, foram elaborados cinco capítulos, distribuídos da seguinte maneira: no primeiro conceituamos a Educação Ambiental (EA), analisamos o papel do educador ambiental e o novo paradigma proposto por Félix Guattari. Apresentamos também o enfoque qualitativo da investigação, o modo com que está estruturada e algumas implicações do pesquisador na pesquisa, de forma a esclarecer suas ligações com o campo de atuação acadêmica e profissional. Finalizamos com a problemática referente a esta investigação.

No capítulo a seguir foi realizado um breve resgate histórico da situação ambiental que da origem à problemática proposta, que conduz da Revolução Industrial à atual Indústria Cultural, sua produção de subjetividade e conseguinte influência em nosso cotidiano. Finalizamos com uma reflexão e análise sobre o aquecimento global e suas relações com a pecuária e os reflexos poluidores dessa atividade econômica.

No terceiro momento da pesquisa o foco incidiu sobre o Movimento Instituinte, suas tendências e principalmente os objetivos básicos deste movimento, que são os processos de autoanálise, autogestão e transformação institucional. Esse movimento nos provê o arcabouço teórico necessário para compreender o problema estudado. Observamos ainda os mecanismos de intervenção institucional utilizados nesta pesquisa caracterizada no campo qualitativo.

Seguindo, o quarto capítulo apresenta a oficina *Ação Ambiental e Produção Cultural* no contexto do Movimento Instituinte, como metodologia de intervenção concreta, analisando as atividades e práticas de autoanálise e autogestão e as produções audiovisuais realizadas pelo grupo-sujeito.

No último capítulo analisamos os resultados dos questionários aplicados ao grupo protagonista da oficina, de maneira a procurar responder às questões de pesquisa elencadas inicialmente. Logo após apresentamos alguns resultados obtidos, com a produção dos vídeos e as possibilidades de novas microintervensões.

Relevância e justificação da pesquisa

Considerando a pouca produção bibliográfica encontrada integrando as linguagens audiovisuais e a EA, tanto junto ao PPGEA-FURG, nas bibliotecas da Universidade, quanto em outros textos que se buscou em diferentes locais – como sebos, livrarias e Internet –, entendemos relevante esta pesquisa de acordo com o atual intenso avanço tecnológico.

Essa relevância está no uso das tecnologias no processo de educação ambiental e, além disso, no âmbito mental, social e ambiental relacionado aos participantes da oficina, seus proponentes e nas possibilidades relacionadas às produções em vídeo realizadas e os leitores desta pesquisa.

Quanto aos participantes, educadores ambientais em formação, ao exercitarem os processos nos quais puderam desenvolver suas autoanálises e autogestão, abriram-se possibilidades de transformação tanto em suas práticas educativas, sociais e ambientais, quanto em suas percepções em relação à produção de subjetividade implementada pela grande mídia.

Aos proponentes da oficina também foi possível a análise institucional sobre a mídia e o exercício de mecanismos e táticas das práticas sociais para produção de subjetividade a partir do grupo da oficina, contribuindo com a EA em seu campo de pesquisa e práticas sociais. Com isso, os proponentes avançam também em suas práticas, desenvolvendo-as, bem como suas análises e promovendo ainda a formação de grupos-sujeito.

Portanto, esta pesquisa não se restringe aos procedimentos de comunicação tecnológica, mas avança no âmbito da Ecologia Social e amplia o exercício do pensamento crítico em relação às imposições midiáticas consumistas e sedutoras. Propicia um exercício de autonomia, não somente tecnológica, mas sobretudo do pensar e do agir por escolhas mais conscientes; um processo de descongestionamento das percepções frente àquilo que nos está posto e imposto, aparecendo como aparentemente irreversível.

Em relação aos vídeos produzidos pelo grupo da oficina, as possibilidades são diversas, desde exposições em inúmeros espaços que possam desejar utilizá-los. A partir daí, com a formação de público espectador, mais pessoas poderão ser estimuladas a produzir seus próprios materiais audiovisuais ambientais. E abre-se ainda uma possibilidade para a produção de novas subjetividades nestes grupos de espectadores.

Já para os leitores desta pesquisa, apresentam-se algumas perspectivas para refletir sobre a formação de grupos-sujeito autoanalisadores e autogestionários, com vistas a pensamentos e ações autônomas às imposições colocadas pelo atual sistema de consumo de idéias e ideais onde quase tudo é mercadoria. Pretendemos apresentar algumas alternativas de mudanças de comportamentos que possam produzir transformações significativas para a EANF.

Propomos uma intervenção acadêmica e institucional, tanto nos envolvidos com os procedimentos de pesquisa, quanto nos possíveis leitores. Uma intervenção que possa gerar transformações no âmbito das relações sociais, da produção de subjetividade – para sujeitos conscientes das formas de produção de subjetividade da mídia e de seus potenciais de produzir sua própria subjetividade.

Nessa articulação entre a produção de subjetividade e as relações sociais, tanto os envolvidos com os procedimentos de pesquisa, como os possíveis leitores, poderão desenvolver a Ecologia Ambiental com vistas à melhoria da qualidade de vida, no sentido de condições dignas de existência e convívio entre as diferentes espécies e seus lugares de convivência.

Esta pesquisa originou-se da vontade de trabalhar com EA e com práticas em grupo que possam promover uma nova Ecologia Mental a partir dos desejos dos sujeitos, novas formas de produzir ideias, reflexões, práticas e ações por uma melhoria das atitudes e pensamentos humanos, das relações com o ambiente em suas escalas micro e macrocósmicas.

Assim, surgiram nossas questões de pesquisa:

- Que tipo de movimento seria necessário para produzir grupos que pudessem subverter a lógica conservada e imposta pela mídia e o atual sistema de consumo?
- Que tipo de materiais podemos produzir para utilizar como instrumentos de reflexão e provocação de discussões e ações alternativas?
- De que maneira podemos contribuir com a EANF?

A partir destas questões, implementamos o dispositivo interventivo que constitui a oficina e esta pesquisa que pretende respondê-las.

1 BREVE TRAJETÓRIA DE UM EDUCADOR AMBIENTAL SOB A INFLUÊNCIA DA ECOSOFIA DE FÉLIX GUATTARI

*Sonhei e fui, mar de cristal,
Sol, água e sal, meu ancestral,
E eu tão singular me vi plural.*
Lenine²

Para relacionar minhas experiências profissionais e acadêmicas – pautadas sob a influência do filósofo francês Félix Guattari³ –, no âmbito da EA, é necessário esclarecer alguns conceitos-chaves para compreensão do pensamento e da prática desenvolvida. Portanto, para entrar em consonância com a proposta, é coerente começar pelo exposto no título deste capítulo: o educador ambiental e posteriormente a ecosofia de Félix Guattari.

1.1 Educador ambiental e a Educação Ambiental (EA)

O professor Marcos Reigota⁴ define a EA como:

um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade (2004, p. 21).

² Lenine é cantor, compositor e instrumentista brasileiro. O trecho em epígrafe pertence à canção “Sonhei”, faixa 2 do álbum *Falange canibal*. BMG. Brasil, 2002. 1 CD.

³ Analista institucional, ex-psicanalista, filósofo, escritor e ativista político francês, “autor entre outros de *A revolução molecular* (Brasiliense, 1985), *O inconsciente maquínico* (Papyrus, 1988) e *As três ecologias* (Papyrus, 1989). Publicou com Gilles Deleuze *O anti-édipo* (Imago, 1978), *Mille Plateaux* (Ed. 34, 1995) e *O que é a filosofia?* (Ed. 34, 1994)” (O REENCANTAMENTO DO CONCRETO. *Cadernos de Subjetividade*, 1993, p. 187). Segundo Baremlitt, ele foi “um intelectual, praticamente autodidata, que não chegou a cumprir a burocracia de nenhum título universitário” (2003, p. 12).

⁴ Militante ecologista e professor do Mestrado em Educação da Universidade de Sorocaba. Em 1998 recebeu o prêmio “Personalidade do Meio Ambiente do Ano”, oferecido pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB – São Carlos). É doutor pela Universidade Católica de Louvain, tendo realizado o pós-doutorado na Universidade de Genebra.

Neste contexto, o educador ambiental está indissociado dos processos de criação cultural e tecnológica, sem contar os citados processos históricos e políticos. O educador ambiental é um agente importante nas práticas transformadoras da natureza e da sociedade, tendo assim um papel fundamental de promover ações, reflexões e iniciativas individuais e coletivas de propagação de atitudes conservadoras do meio ambiente e que qualifiquem a vida no cosmos.

Corroborando, a Lei referente à Política Nacional de EA (PNEA) entende por EA

os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.⁵

Ao longo desta pesquisa pretendemos articular a PNEA com as reflexões, temas e conceitos tratados. Buscaremos, assim, um entendimento coerente com o que está previsto na legislação, atentando para os compromissos com a política de EA, a sociedade e as questões ambientais relacionadas com a proposta desta pesquisa, pois tão importante quanto conhecer a lei é colocá-la em prática. É dessa forma que surgirão os impasses e as contradições, podendo ocorrer avanços e transformações para melhor atender as necessidades da vida – em cada tempo histórico – e a melhoria de sua qualidade.

Além do já exposto, cabe ao educador ambiental promover o entendimento de que nós, humanos, também somos o meio ambiente. Como já vimos, Reigota define a EA como “um lugar determinado e/ou percebido” (idem). E nas relações com a natureza e a sociedade, nós, neste e com este lugar, somos o meio ambiente. Com isso, o educador ambiental em seu propósito, precisa atentar para o cuidado, a preservação e a qualidade do nosso lugar, este imenso lugar no qual vivemos.

Como diz Carlos Rodrigues Brandão, “aqui é onde eu moro... agora. Vim de lá, onde vivia antes, mas agora vivo aqui. Vivo aqui agora e depois, no futuro, não sei onde irei viver. Sempre – antes, agora e... depois – vivi e espero viver aqui onde eu vivo” (2005, p. 22).

⁵ Lei nº 9795 de 27 de abril de 1999. Capítulo I, Art. 1º. Ministério do Meio Ambiente. Consultoria Jurídica. *Legislação Ambiental Básica*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, UNESCO, 2008.

É nessa atmosfera de um lugar de todos, do agora, do antes e do futuro, que o educador ambiental pode trabalhar as noções de preservação e cuidado com a vida e os lugares, no tempo presente, preservando o passado para um futuro menos degradado.

Para exemplificar este tipo de comportamento de respeito e cuidado com o ambiente, vamos refletir sobre algumas passagens do filme *Dersu Uzala*⁶, dirigido por Akira Kurosawa. O personagem Dersu Uzala, interpretado por Maxim Munzuk, é o protagonista do enredo que acontece, em sua grande parte, num cenário florestal. As figuras principais da narrativa são Dersu e o Capitão Arseniev, interpretado por Yuri Solomin.

É noite e o capitão e seus soldados preparavam-se para dormir ao redor de uma fogueira quando escutam alguns barulhos. Um velho homem, Dersu, se aproxima. Começa aí uma história de amizade e respeito, no entanto com algumas passagens inusitadas.

Logo no primeiro contato estabelecido entre eles, Dersu propicia uma cena singular – aos olhares do capitão e sua equipe – ao conversar com a fogueira que os aquecia. Tal fato gera certa estranheza ao Capitão e um de seus soldados. Após discutir com o fogo que produzia muito barulho, Dersu recolhe um dos gravetos que estava a queimar e o apaga, fazendo cessar o incômodo ruído.

O velho homem, que há muito vive na floresta, demonstra conhecer bem o seu ambiente. Através daquele ato inusitado ele revela um conhecimento valioso. Ele sabia exatamente qual dos tipos de madeira produzia aquele som estridente ao queimar. Ao apagar a brasa daquele único pedaço ela retoma o silêncio desejado, sem ter que apagar toda a fogueira que os manteria aquecidos ao longo da noite. A demonstração de conhecimento e a atitude ponderada, embora curiosa, desperta o olhar do capitão em relação àquele sujeito.

Durante um breve diálogo, o Capitão explica a Dersu que está na floresta, com sua equipe, em uma expedição que tem por objetivo inspecionar a área, as distâncias, as passagens, os lagos e os rios da região. Logo após o convida para ser o guia do agrupamento. A partir daí nascerá uma forte amizade entre eles.

A película avança e inúmeros diálogos e situações ocorrem. Ao caminhar pela floresta o grupo encontra uma cabana aparentemente abandonada. Dersu

⁶ Vencedor do Oscar de melhor filme estrangeiro em 1976.

surpreende mais uma vez. Ele começa a recolher lenha seca e a coloca dentro da cabana, junta algumas cascas secas de árvores e cobre os furos do telhado. Logo após se aproxima do Capitão e lhe pede arroz, sal e fósforos. Este lhe questiona para que precisa de tais mantimentos. Dersu responde que outras pessoas irão àquele lugar e assim encontrarão ali lenha seca e alimento. Prontamente o capitão solicita os mantimentos a um de seus soldados. Dersu dá o exemplo de que cuidar daquela cabana e prepará-la com os mantimentos pode ser fundamental para sobrevivência de quem ali chegar, pois a cabana que os abrigou poderá também ser abrigo de outros.

Transcorridos 23 minutos e 30 segundos do filme, há uma cena em que os dois amigos contemplam os astros. Naquele momento Dersu diz: “Capitão. O sol é um companheiro muito importante. Se ele morre, todos morrem”. É com este entendimento e sensibilidade que o velho homem demonstra sabedoria ao compreender a complexidade e as inter-relações na e da vida. Chamando a atenção para a nossa principal fonte de energia, o sol, e os que dela dependem.

Embora o filme tenha sido realizado há mais de três décadas (1975), e mesmo não estando explícito nos diálogos o termo ambiental, ele já tratava de questões ambientais pertinentes e fundamentais nas relações humanas com o planeta.

Durante a película Dersu desempenha um papel importante como educador ambiental não-formal. Um caso advindo do cinema, mas que exemplifica o exposto no capítulo II, na seção III, artigo 13, da Lei da PNEA, quando define a EA não-formal como “as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre questões ambientais e à sua organização na defesa da qualidade do meio ambiente”.

As relações ecológicas estão imbricadas na narrativa, nos diálogos e nas relações sociais, nos pensamentos de Dersu e do Capitão e nas relações destes com a floresta, a fauna e a flora. Isto faz deste filme um material audiovisual ambiental.

Para ampliar o entendimento sobre os meios audiovisuais, procuramos amparo nas palavras da pesquisadora Diana Rose⁷, que os define como “um amálgama

⁷ Ela estudou nas universidades de Alberdeen e London e tem seu PhD dessa última. Escreveu amplamente em sociolinguística, métodos qualitativos, representações sociais, análises de televisão e saúde mental.

complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, sequência de cenas e muito mais” (2002, p. 343). A antropóloga e educadora Rachel Trajber e a socióloga Larissa Barbosa da Costa, no livro *Avaliando a Educação Ambiental no Brasil*, esclarecem que quando ainda estavam na etapa de propor a organização do livro, em 1994, os materiais audiovisuais restringiam-se “apenas a slides e vídeos” (2001, p. 14). Com a aprovação do projeto de elaboração do livro, em 1999, depararam-se com a proliferação dos meios audiovisuais, de modo que foi necessário modificar “o escopo da análise para incluir os CD-ROMs e os sites da internet” (id., ibid.).

Em *Dersu Uzala*, Kurosawa nos revela um contexto de reflexões e atitudes de preocupação e defesa do meio ambiente. A película apresenta alguns conflitos ambientais e as maneiras com que estes vão sendo tratados e solucionados.

Portanto, podemos considerar *Dersu Uzala* um filme ambiental. Assim como vídeos, sites e programas de TV que, em seus conteúdos, abordam questões ambientais, discutem e problematizam temas ambientais, apontando algumas soluções para os conflitos.

Seguindo esta perspectiva ambiental desvelada na película de Kurosawa, passaremos a analisar um conceito que está diretamente relacionado às atitudes e pensamentos do personagem Dersu: a Ecosofia de Félix Guattari.

1.2 Ecosofia, as três ecologias de Félix Guattari: um outro paradigma

A palavra ecosofia nasce da junção entre os vocábulos ecologia e filosofia. Etimologicamente, ecologia é originária do grego *oikos*, que significa casa, e *logos*, estudo, resultando “no estudo sobre casa”. Ou ainda, conforme o Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, de Antônio Geraldo da Cunha, o “estudo das relações entre os seres vivos e o meio onde vivem” (1986, p. 283). Já o termo filosofia origina-se do grego *philos*, que ama, e *sophia*, sabedoria – filósofo, aquele que ama a sabedoria. Enfim, podemos dizer que o termo ecosofia se refere a uma filosofia ecológica.

Todavia, o prisma ecosófico de Guattari compreende três registros ecológicos, “o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana” (1993a, p. 8), configurando assim as chamadas três ecologias. Segundo o autor, a ecologia social consiste “em desenvolver práticas específicas que tendam a

modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho etc.” (id., p. 15-16). Já a ecologia mental (da subjetividade humana) “será levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma⁸, com o tempo que passa, com os ‘mistérios’ da vida e da morte” (id., p. 16). Ao referenciar o social e mental, Guattari apresenta a ecologia ambiental estabelecida entre a ecologia mental e social e as relações existentes entre elas e os diversos ambientes. “Um exemplo evidencia-se na atual “poluição” identificada nas telas de televisão que estão “saturadas de uma população de imagens e de enunciados ‘degenerados’” (id., p. 25). Enunciados sensacionalistas que fazem da violência e degradação ambiental e social suas notícias. Corroborando, o escritor e jornalista Vilmar Berna faz a seguinte colocação:

se queremos um planeta preservado de verdade, não basta apenas lutar contra poluidores e depredadores. É preciso também nos esforçarmos para mudar nossos valores consumistas, hábitos e comportamentos que provocam poluição, atitudes predatórias com os animais, as plantas e o meio ambiente. (2006, p. 166).

Tais valores são fortemente promovidos pela mídia. A esse respeito discorreremos com mais atenção no decorrer desta pesquisa. Diferentemente dos hábitos e comportamentos destrutivos citados, o que podemos verificar em *Dersu Uzala* são personagens com mentes preocupadas com a vida, estabelecendo relações sociais de companheirismo e colaboração na solução dos problemas ambientais encontrados. Nessa mesma perspectiva ecosófica, Guattari propõe reinvenções na maneira de agir e pensar, assim como os intentos de Dersu.

Guattari aponta para a necessidade de uma articulação ético-estética – a própria ecosofia. Um entendimento sobre a vida em seus múltiplos aspectos inter-relacionados, passando pela subjetividade humana, a vida social e o ambiente, considerando estes elementos em sua complexidade e nunca de forma indissociada; promovendo uma reinvenção nas atitudes políticas – da ordem micro à macro –, e

⁸ Fantasma inconsciente se refere à apresentação visual subjetiva de formas ou pessoas ausentes. Segundo Jung “o fantasma é uma das formas da fantasia como atividade imaginativa, mas sem a direção voluntária e consciente dos elementos psíquicos carregados de energia” (apud CABRAL, 2006, p. 120). Esse fantasma se relaciona com “uma cena imaginária, na qual o sujeito está presente e que figura de maneira mais ou menos deformada pelos processos defensivos com a satisfação de um desejo inconsciente. O fantasma apresenta-se de várias maneiras, diurnas, conscientes; outra é inconsciente, que só se descobre através de um processo de análise, e originários são os fantasmas mais primitivos do ser humano (morte, fim do mundo)” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1984, p. 152).

produzindo ações criativas e renovadoras nas relações estabelecidas entre as três instâncias ecológicas integradas.

No que diz respeito a essa articulação, Guattari se refere a um novo paradigma, fundamentado sob a “égide ético-estética de uma ecosofia” (1993a, p. 23) – o paradigma ético-estético. Considerando o enfoque ético, Guattari sublinha o compromisso social para além das regras instituídas, ou seja,

a responsabilidade e o necessário “engajamento” não somente dos operadores “psi”, mas de todos aqueles que estão em posição de intervir nas instâncias psíquicas individuais e coletivas (através da educação, saúde, cultura, esporte, arte, mídia, moda etc) (1993a, p. 21).

Nesse sentido, ele afirma que “é eticamente insustentável de se abrigar, como tão freqüentemente fazem tais operadores, atrás de uma neutralidade transferencial pretensamente fundada sobre um controle do inconsciente e um *corpus* científico” (id. *ibid.*).

Essa suposta neutralidade é forjada em ambientes instituídos e conservadores, sem que o movimento de recriar e inventar, necessário para que o novo paradigma aconteça, possa se desenvolver. Segundo Gregório Baremlitt⁹ o instituído é resultado das ações instituintes que não se renovam. Assim,

para que os instituídos sejam eficientes, devem permanecer abertos às transformações com que o instituinte acompanha o devir social. Contudo, o instituído tem uma tendência a permanecer estático e imutável, conservando *de jure* estados já transformados *de facto* e tornando-se assim resistente e conservador (2002, p.157).

Esse devir social a que se refere Baremlitt está relacionado a um estado de permanente transformação de cada pessoa ou de grupos sociais em relação aos desdobramentos da vida e das relações na complexa gama de eventos possíveis, em infinitos instantes e lugares.

Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar. Tampouco dois termos intercambiantes. A pergunta “o que você

⁹ Gregorio Baremlitt é professor de psiquiatria, terapeuta e institucionalista; criador do Instituto Félix Guattari localizado em Belo Horizonte - MG.

devém?” é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio (PARNET, apud ZOURABICHVILI, 2004, p. 20-21).

Exemplificamos o conceito de devir: “um indivíduo, etiquetado antropologicamente como masculino, pode ser atravessado por devires múltiplos e, aparentemente, contraditórios: devir-feminino que coexiste com um devir-criança, um devir-animal, um devir-invisível, etc.” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 382). Portanto, devir é – sobretudo e em linhas gerais – estar em transformação.

Assim, retomemos nosso devir sobre a crítica da neutralidade colocada por Guattari. Ela representa uma tomada de decisão, uma escolha frente aos conflitos sociais. Importante atentar, portanto, que tanto quanto as falas carregadas de ideologias, filosofias e conceitos, o silêncio também antepõe escolhas. Por isso o importante chamado de Guattari para que exerçamos nossa responsabilidade social de **intervir** nas instâncias psíquicas individuais e coletivas através das diversas áreas de atuação e do conhecimento.

Para nos ajudar a pensar sobre essa necessidade de intervir, recorreremos a Paulo Freire, que em *Pedagogia da autonomia* traz um subcapítulo importante para este momento de nosso estudo, intitulado: “Ensinar exige estética e ética”. Ele atenta que nós, “seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso nos fizemos seres éticos” (1996, p. 33). Portanto, falamos aqui de uma ética que não está somente atrelada a leis e regras de convívio social, mas a uma ética conectada às práticas de intervir, de escolher e decidir, e isso está ligado a uma função de autonomia que os sujeitos possam vir a exercer.

Essa autonomia “vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas” (FREIRE, 1996, p. 107). Ela se dá em um processo no qual os sujeitos possam ir tendo liberdade para decidir. Freire nos provoca com algumas questões:

Por que, por exemplo, não desafiar o filho, ainda criança, no sentido de participar da escolha da melhor hora para fazer seus deveres escolares? Por que o melhor tempo para esta tarefa é sempre o dos pais? Por que perder a oportunidade de ir sublinhando aos filhos o dever e o direito que eles têm, como gente, de ir forjando sua própria autonomia? (id., *ibid.*).

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada (id., *ibid*).

Portanto, um processo educativo nos âmbitos formais e não-formais pode estimular os indivíduos a desenvolverem sua própria autonomia nesse processo contínuo. Corroborando, Cornelius Castoriadis diz que “a autonomia seria o domínio do consciente sobre o inconsciente” (1982, p. 123). Ou seja, uma tomada de reconhecimento daquilo que nos influencia e que absorvemos cotidianamente sem, necessariamente, perceber conscientemente. Segundo Barembliitt, de uma certa perspectiva, pode-se analisar o significado de inconsciente como a “qualidade de pré-materialidades e processos das mais diversas essências que se gera como espaço no ato mesmo da produção do novo” (2002, p. 156). Um *novo* que neste caso pode se dar de diversas formas, inclusive de formas opressoras e de repressão social. Por exemplo, quando a mídia divulga sobre uma possível epidemia, como a recente gripe H1N1, ela poderá – antes mesmo da materialização do fato – produzir um estado de pânico, apreensão e medo na população, uma atmosfera de tensão social e, até mesmo, certa descrença por parte daqueles mais céticos. De uma forma ou de outra, o inconsciente coletivo é povoado de incertezas, e qualquer gripe comum prontamente resgata do inconsciente o medo da epidemia.

Ainda em relação à mídia, uma forma de neutralizar a autonomia coletiva é quando uma potente emissora de TV qualifica um candidato eleitoral e desqualifica seu suposto opositor. Sem um questionamento, uma reflexão crítica sobre os cantados – para além dos espaços das mídias de massa – a opinião pública fica à mercê das informações que irão, mais uma vez, povoar seu inconsciente. Desta vez com apelos afetivos dos políticos caridosos e de promessas louváveis frente ao contraste social das cidades contemporâneas.

Essa é uma forma de alienação que “surge pois como *instituída*, pelo menos como grandemente condicionada pelas instituições” (CASTORIADIS, 1982, p. 132). Assim, as instituições políticas e midiáticas promovem uma inversão no âmbito da autonomia social; se um conjunto de instituições deveria estar a serviço da sociedade, essa lógica “transforma-se numa sociedade a serviço das instituições” (id. *ibid.*, p. 133). Nos próximos capítulos trataremos mais sobre essa questão das

instituições. Agora precisamos elucidar o enfoque estético do paradigma de Guattari. Vamos a ele.

Guattari enfatiza, em relação a este enfoque, a necessidade de que “tudo deveria ser sempre reinventado, retomado do zero, do contrário os processos se congelam numa mortífera repetição” (1993a, p. 22). Então, quando se refere ao estético, vai além da representação do belo, do visual. Encontra uma associação do estético com o novo que envolve um processo de criação, passível de reinvenção e que subverta os estados de estagnação e inércia. Ponderando as implicações desse paradigma criativo, consideramos que ele “fala em responsabilidade da instância criadora em relação à coisa criada, em inflexão de estado de coisas, em bifurcação para além de esquemas preestabelecidos” (GUATTARI, 1992, p. 137). Essa bifurcação é uma transformação, em mínima escala, na qual “o ponto crítico em que a mínima flutuação de energia pode conduzir a um novo estado, representa a potencialidade do sistema em ser atraído para um novo estado de menor entropia” (SANTOS, 2008, p. 47).

Portanto, mesmo as transformações em pequenas escalas são importantes para a reinvenção. Elas possibilitam processos de criação, nos quais o novo aponta uma fuga em relação aos estados congelado-mortíferos e podem romper com a neutralidade forjada nos ambientes, nas relações e nos sujeitos instituídos. Assim surge um novo paradigma, podemos dizer instituinte, que promove transformações em nome de retomadas de posturas e ações pela qualidade de vida e das relações ecosólicas.

Esse novo modelo proposto se contrapõe ao paradigma dominante descrito por Boaventura de Sousa Santos, um paradigma racional científico. Este é pautado nas leis da ciência moderna que “são um tipo de causa formal que privilegia o *como funciona* das coisas em detrimento de *qual o agente* ou *qual o fim* das coisas” (2008, p. 30). Santos reflete sobre um paradigma emergente em relação à sociedade, frisando que “o paradigma a emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social (o paradigma de uma vida decente)” (2008, p. 60). Isso está relacionado com a proposta ético-estética que emerge como um paradigma alternativo ao dominante, no intento de uma vida decente, participativa, criativa e com autonomia para inovar com responsabilidade os modos instituídos. Corroborando, a própria EA surge como um paradigma emergente para a educação

perante as deficiências dos sistemas de ensino da humanidade, bem como para salvar o planeta (PERALTA, 2002, p. 108). Sendo assim, o paradigma ético-estético e a EA estão integrados na proposta de romper as amarras do instituído.

1.3 Breve trajetória de experiências profissionais e acadêmicas integradas à educação ambiental. Algumas implicações do pesquisador na pesquisa

Após esta breve abordagem sobre as três ecologias em sua essência ético-estética, partiremos para um relato de experiências e implicações relacionadas a um fazer, pensar e criar em educação ambiental pautado na ecosofia. De acordo com os conceitos abordados, segue uma breve análise de minha trajetória acadêmica e profissional.

1.3.1 No devir das aspirações a educador ambiental

Em 2002, quando cursava o segundo ano de Artes Visuais – Licenciatura na FURG, ingressei como estagiário na emissora de TV da Universidade para desenvolver atividades voltadas à produção dos programas. Um deles chamava-se “Mágica no ar” e era fruto de um projeto de extensão de responsabilidade do Prof. Dr. Alfredo Martin. A partir daí fui tendo contato com discussões para além do espaço da TV e dos programas. Através do Prof. Alfredo conheci o livro *As três ecologias* de Guattari e o seminário de mesmo nome do livro que é oferecido atualmente como disciplina optativa do PPGEA. Não podendo cursar o seminário em 2003, acabei por adquirir o livro, o qual utilizei em minha monografia de conclusão do curso de Artes, discorrendo sobre a responsabilidade social dos educadores e da sociedade em relação aos seus atos enquanto atores sociais, o que está diretamente relacionado com o novo paradigma ético-estético e a neutralidade forjada nos ambientes instituídos.

Não poderia deixar de lembrar a minha primeira experiência entrecruzando o uso do vídeo, as artes e a EA. Foi em outubro de 2003, durante as atividades do 2º *Simpósio Ensino de Arte: subsídios para reflexão*, realizado na Escola de Belas Artes Heitor de Lemos, integrado à 16ª Semana de Arte e Cultura na cidade do Rio Grande. Na ocasião, eu e outros acadêmicos do Curso de Artes da FURG fomos

motivados pela Prof.^a Cleusa Peralta, MSc. em Educação Ambiental e docente do Curso de Artes, para apresentar propostas a serem oferecidas como oficinas durante o evento. Foi então que se intitulou minha primeira experiência pedagógica com a linguagem do vídeo: *Uma leitura crítica sobre a linguagem do vídeo em sala de aula* (ver Anexo 2).

Essa reflexão crítica proposta se deu a partir da exibição, análise e discussão do mundialmente premiado vídeo *Ilha das Flores*¹⁰, dirigido pelo cineasta Jorge Furtado. Foi uma tarde de reflexões sobre aspectos técnicos e conceituais da linguagem audiovisual e a maneira com que estes são utilizados para produzir significados. No caso de *Ilha das Flores*, estes significados estão relacionados com a produção de alimentos, o consumo, a condição humana relacionada a esses processos e a produção de lixo, um vídeo de forte apelo ambiental.

Assim, meu contato com a educação ambiental ia aumentando através das relações estabelecidas com profissionais formados na área. Um desses contatos se deu com minha orientadora de graduação, Prof.^a. MSc. Fabiane Pianowski¹¹, a qual realizou sua pesquisa de mestrado no PPGEA. A rede de contatos profissionais e amizades crescia. Essas pessoas passaram a ser parte da minha história, possibilitando reflexões sobre uma educação repleta de aspectos sociais, ambientais e mentais, enfim, ampliando minhas percepções e formas de olhar o mundo em sua complexidade.

Mais adiante, em 2004, passei a ser bolsista da disciplina de Fotografia, que estava sob a responsabilidade da Prof.^a. MSc. em Educação Ambiental Cláudia Mariza Mattos Brandão. No mesmo ano ela cria o Grupo de Pesquisa em Fotografia e Educação FURG/CNPq denominado Photographein, do qual faço parte até hoje. Ao longo dessa trajetória vêm sendo desenvolvidas inúmeras saídas de campo na cidade do Rio Grande para fotografar, diversas exposições, participação em atividades e

¹⁰ Um tomate é plantado, colhido, transportado e vendido num supermercado, mas apodrece e acaba no lixo. Acaba? Não. *Ilha das Flores* segue-o até seu verdadeiro final, entre animais, lixo, mulheres e crianças. E então fica clara a diferença que existe entre tomates, porcos e seres humanos. Um vídeo dinâmico e de grande apelo ambiental pelas relações humanas de consumo.

Disponível em: <http://www.casacinepoa.com.br/os-filmes/produ%C3%A7%C3%A3o/curtas/ilha-das-flores> Acesso em 15 fev. 2010. *Ilha das Flores*. Brasil, 1989. Direção: Jorge Furtado. Casa de Cinema de Porto Alegre. Gênero: documentário. Fita de vídeo – VHS/NTSC, color. (12 min).

¹¹ Orientou meu trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado *A importância da memória e das experiências estéticas no processo de educação*, trabalho co-orientado pela Prof.^a. Dr.^a. Ivana M. Nicola Lopes. O referido TCC encontra-se no Laboratório de Estética do Curso de Artes Visuais - Bacharelado e Licenciatura da FURG e no acervo do Núcleo de Informação e Documentação da mesma instituição (biblioteca central, Campus Carreiros).

mostras de produções científicas e publicações na revista eletrônica *Educação Ambiental em Ação*¹². Projetos continuam em andamento – por exemplo, o *site* do grupo, do qual sou administrador e *designer* (www.fotografein.com.br), uma exposição intitulada: “Sob o signo da cegueira” composta de videoinstalação, objetos e fotografias, e um livro com ensaios dos participantes do grupo. O *site* tem a proposta de inserção do grupo na Internet para ampliar os contatos e intercâmbios de pesquisas e novas propostas.

Ainda no ano de 2004 participei do Projeto TV Escola, ministrando o curso de extensão intitulado “TV Escola – uma abordagem centrada nos educandos”, no qual pude desenvolver atividades de planejamento e produção de material de apoio pedagógico, oficinas de vídeo, edição e seminário de integração.

Em 2005 trabalhei como bolsista voluntário da disciplina de Cinema e Vídeo; realizei alguns trabalhos em videoficção e videoarte, como “A Complexidade¹³” que participou do IX Festival Nacional de Vídeo – Imagem em 5 Minutos¹⁴ e discutii questões ambientais ligadas ao tema principal do sociólogo e filósofo francês Edgar Morin, a complexidade.

Ao final de 2005 concluí o curso de Artes e fui contratado para compor o quadro profissional da emissora de TV da FURG. Participei, naquele momento, de uma reestruturação da grade de programação da emissora que envolveu diversos aspectos de reformulação de identidade, incluindo mudanças nas características filosóficas da linguagem audiovisual da emissora aplicada a sua programação e estrutura de funcionamento. As imagens, depoimentos e sons veiculados passaram a ser cuidados de maneira a não descaracterizar a emissora como educativa. Classificações indicativas e normas éticas estabelecidas pela Associação Brasileira de Televisão Universitária¹⁵ tornaram-se questões respeitadas junto à instituição.

¹² Revista eletrônica que nasceu a partir do Grupo de Educação Ambiental da Internet – GEAI, em 2002. É editada trimestralmente e mantida pelo esforço voluntário de cada membro da equipe, principalmente seus editores, não tendo uma instituição mantenedora. É uma publicação totalmente feita com os recursos da Internet e não possui versão impressa. Todos os volumes estão à disposição no ambiente virtual. A revista pretende ser instrumento para divulgar, difundir e incentivar ações de Educação Ambiental integradas e conscientizadoras. Anseia mostrar o que muitas pessoas, de diferentes Estados do Brasil e do exterior, pensam e fazem para a consolidação da Educação Ambiental. Pretende, ainda, ser um jardim de ideias, um solo fértil onde germinem sementes de conscientização, ação, reflexão, tolerância e confiança na construção de um mundo melhor. Disponível em: <http://www.revistaea.org/> Acesso em 25 fev. 2009.

¹³ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=xnrTRITdxKY> Acesso em 02 de abr. 2009.

¹⁴ Evento promovido pela Fundação Cultural do Estado da Bahia - Diretoria de Artes Visuais e Multimeios / DIMAS.

¹⁵ Disponível em: <http://www.abtu.org.br/> Acesso em 02 de abr. 2009.

Trabalhei na emissora até dezembro de 2008. Desenvolvi atividades de produtor, cinegrafista, editor e coordenador de programação.

Durante esse período procurei, no trabalho em conjunto com a equipe, realizar produções com enfoque sobre EA, como no programa “Outras Palavras”¹⁶ que discutiu a problemática socioambiental dos moradores do Bairro Getúlio Vargas, em Rio Grande. Essas pessoas residem em área estatal que está sob responsabilidade do Porto do Rio Grande. Em decorrência da expansão portuária haverá necessidade do deslocamento de centenas de famílias. Procurou-se, portanto, promover o debate entre representação dos moradores do bairro, porto do Rio Grande e Prefeitura Municipal, com intuito de colaborar para o avanço nas negociações.

No Programa “Viva +”¹⁷, abordou-se a temática da agroecologia sob a perspectiva ambiental no Sítio Talismã, situado no distrito de Povo Novo em Rio Grande. A FURG TV¹⁸ realizou a divulgação do 1º Encontro de Diálogos pela Educação Ambiental, produzindo matérias sobre o PPGEA e algumas atividades desenvolvidas durante o evento.

O programa “Intercâmbio” é uma proposta que prevê troca de produções – ou apenas receber material para veiculação na grade de programação – entre produtores independentes, outras TVs educativas e universitárias, bem como entre de ONG’s e outras organizações que realizam material educativo. Um exemplo de material recebido e que compôs uma das edições do programa em 2008, foi o vídeo “Brotou a Esperança - MB2 Braço do Trombudo”, produzido pela EPAGRI (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural do Estado de Santa Catarina), disponibilizado por uma colega que desenvolve sua pesquisa de mestrado junto ao PPGEA, Leonir Claudino Lanznaster. Ela atua como secretária executiva municipal do Programa Microbacias 2 na cidade de Braço do Trombudo, região do Alto Vale do Itajaí no estado de Santa Catarina. Um vídeo que apresenta o projeto desenvolvido junto aos pequenos produtores e produtoras rurais da região, discutindo junto com

¹⁶ Programa formatado com o objetivo de debater assuntos polêmicos da atualidade, tendo duração de uma hora semanal e diversas reprises.

¹⁷ Programa semanal com duração de 30 minutos e diversas reprises. Propõe discussões sobre qualidade de vida, integrando aspectos referentes a filosofias alternativas (ioga, Johrei, etc.), esportes e saúde.

¹⁸ Um videoarte que pretende refletir sobre o universo das palavras acerca do conceito de complexidade abordado por Edgar Morin. Disponível em: <http://www.furgtv.furg.br/> Acesso em 23 mai. 2009.

os agricultores os seus resultados que envolvem, em linhas gerais, a agricultura familiar e a EA.

Além desses, outros programas, matérias e vinhetas sobre EA foram exibidos na programação da emissora. Filmes como *Terráqueos* e *A carne é fraca*, do Instituto Nina Rosa¹⁹ – que discutem diversos aspectos em relação à qualidade de vida, o uso de animais em pesquisa, consumo de carne e as implicações dessas questões em nossa contemporaneidade –, tendo sido veiculados na programação da emissora em horário nobre (das 20h às 22h em diversos sábados e domingos).

De maio de 2006 a janeiro de 2007 trabalhei no projeto “ArtEstação nos Trilhos da Cultura”, do Ponto de Cultura ArtEstação²⁰, na função de oficinairo de fotografia e vídeo. Todo o trabalho foi desenvolvido visando à articulação entre a educação patrimonial – proposta do projeto – e as tecnologias do vídeo e da fotografia. Foram produzidas naquele espaço de educação não-formal diversas atividades de interação entre o universo audiovisual e suas variadas mídias, resultando em exposições com produtos como postais fotográficos, desenhos, gravuras, entre outros, realizados pelos próprios participantes do projeto (jovens e adultos da rede pública de ensino em situação de vulnerabilidade social).

No ano de 2009 estive atuando em parceria com o ArtEstação, na condição de produtor cultural, na coordenação e organização do 4º ArtEstação Cassino Cine Vídeo²¹. Já em 2006 fui organizador da primeira edição do evento, que acontece sempre em outubro, quando ocupava a função de oficinairo junto ao Ponto de Cultura. A proposta inicial do evento era promover o encontro de produtores

¹⁹ “O instituto Nina Rosa é uma organização independente, sem fins lucrativos, que atua voluntariamente, com autonomia. Desde 2000 promove conhecimento sobre defesa animal, consumo sem crueldade e vegetarianismo. Por princípio, não recebe recursos de empresas ou organismos contrários aos ideais que buscam erradicar todas as formas de exploração animal. Financia o trabalho com a venda do material produzido e com doações espontâneas de pessoas físicas. O Instituto acredita que a educação e o exemplo têm poder de transformar e incentivar a responsabilidade pela natureza, pelo reino animal e pela própria humanidade. Por isso realizamos projetos e produzimos material educativo focados na Educação de Valores”. Disponível em: <http://www.institutoninarosa.org.br/> Acesso em: 13 dez. 2009.

²⁰ O ArtEstação está localizado na Avenida Rio Grande, no prédio da Antiga Estação Ferroviária Vila Siqueira, no balneário Cassino, município do Rio Grande-RS. Centro de produção, promoção e formação em arte e cultura, fundado em 15 de julho de 2003, é uma associação civil sem fins econômicos, de duração indeterminada. Desde a sua inauguração, em 02 de abril de 2004, o ArtEstação mantém programações mensais realizando e promovendo exposições, oficinas, palestras, *shows*, *saraus*, mostras de vídeo e lançamentos de produções literárias. Com a aprovação do projeto “ArtEstação nos trilhos da cultura” em 2006, passa a ser um Ponto de Cultura vinculado ao Ministério da Cultura.

²¹ Programação disponível em: <http://artestacaocinevideo.blogspot.com/> Acesso em: 02 nov. 2009. Neste endereço eletrônico é possível acompanhar o histórico das edições do evento.

audiovisuais locais para assistir e debater a produção rio-grandina. Em 2007 o evento ampliou seu plano de ação para além das exposições de produtores locais, oferecendo oficinas com profissionais da área audiovisual oriundos de outros lugares. Nesse ano colaborei com o evento oferecendo duas oficinas, *Edição não-linear* e *Criação e edição em vídeo*²². Na terceira edição do evento o cronograma se destinou à exibição de vídeos realizados por diversos Pontos de Cultura, como, por exemplo, os vídeos produzidos no Projeto Vídeos nas Aldeias, coordenado por Mari Corrêa²³ e Vincent Carelli²⁴.

Em 2009, para a realização da quarta edição do evento, estive reunido algumas vezes com o grupo de trabalho do ArtEstação²⁵ para pensar e escrever um projeto para concorrer ao edital de divulgação nº. 2, de 15 de março de 2009, destinado a contemplar seus vencedores com o Prêmio de Apoio a Pequenos Eventos Culturais – Areté Cultura Viva Eventos em Rede, do Ministério da Cultura. Fomos contemplados com o prêmio, viabilizando a proposta inicial de agrupar as características dos eventos anteriores em um. Com o fomento do prêmio, conseguimos ampliar a programação com exposições no cineclube, às segundas-feiras; mostras destinadas a atender o público de escolas municipais, estaduais e particulares, através de agendamento prévio, e planejadas para acontecer nas terças e quartas-feiras, em horários que favorecessem as escolas; exposição de fotografias *still*²⁶ e as mostras internacionais, contando com a participação de filmes e vídeos da Espanha, Portugal, Uruguai, França e Inglaterra, conforme o *folder* do evento (Anexo 3).

O evento foi realizado nas instalações do Ponto de Cultura ArtEstação, no Balneário Cassino, município do Rio Grande, com o objetivo de valorizar a produção audiovisual brasileira e criar espaços de aprendizado na linguagem audiovisual, promover discussões e reflexões acerca da arte e cultura audiovisual, formar público e debater questões ambientais. Para promover este último objetivo citado, buscamos

²² A programação do 2º ArtEstação Cassino Cine Vídeo encontra-se disponível em: <http://cassinocinevideo.blogspot.com/> Acesso em: 02 nov. 2009.

²³ Mari Corrêa é diretora, produtora e editora de documentários. De 2000 a 2009 foi co-diretora da ONG Vídeo nas Aldeias. Estudou Ciências Sociais (PUC-SP) e Cinema (Paris III, Sorbonne Nouvelle - França). Iniciou sua carreira profissional na França, como editora de documentários e ficções.

²⁴ Vincent Carelli é atualmente coordenador da ONG Vídeo nas Aldeias, em Olinda, e atua como formador de realizadores indígenas e produtor de seus filmes.

²⁵ Célia Pereira, Miguel Isoldi, Arita Benelli e Sandro Martins Costa.

²⁶ O termo se destina a definir as fotografias dos bastidores das produções cinematográficas, ou em vídeo, que são utilizadas como material de divulgação. O termo *still*, do inglês, significa “parado”.

contato com o Festival Internacional de Cinema Ambiental de Góias (FICA) para ter acesso a produções premiadas nesse festival e que poderiam ser exibidas e discutidas, tanto da perspectiva técnica quanto da conceitual, durante nosso evento.

Propus essa articulação com o FICA a partir da leitura de uma matéria sobre o festival publicada na revista *Planeta*²⁷. O grupo foi receptivo à proposta e providenciamos o contato com o FICA. Fomos encaminhados a contatar com a Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira (Agepel), que administra o acervo das produções que participam do festival. Viabilizamos três produções vencedoras do FICA que integraram a programação do ArtEstação Cassino Cine Vídeo (Anexo 3).

A relevância do FICA para o cenário audiovisual é importante, inclusive por contar em seu corpo de jurados com consideráveis estudiosos como Philippe Dubois (professor de cinema na Sorbonne, França) e André Trigueiro (ambientalista e jornalista).

O ArtEstação Cassino Cine Vídeo é um evento que representa uma forma de intervir socialmente, propor alternativas de produção cultural e transversalizar conhecimentos. Ao submeter o projeto da quarta edição ao edital de incentivo à realização de pequenos eventos, demonstramos acreditar na importância dos espaços culturais e de fomento de discussões, principalmente aquelas referentes aos temas ambientais. Investimos na proposta, acreditando nas políticas públicas de promoção à cultura. Ao viabilizar o evento, integramos a comunidade e garantimos a democratização de informações ambientais, bem como o estímulo e fortalecimento da consciência crítica sobre a problemática ambiental e social, como dispõe o artigo 5, capítulo I, da Lei da PNEA.

1.3.2 Um devir que vem sendo atualizado

Retomando minha trajetória, encerro relatando duas condições atuais em que me encontro. A primeira: até meados de março de 2010 atuo como bolsista do Programa Institucional de Pós-Graduação REUNI²⁸/CAPES²⁹ de Assistência ao Ensino de Graduação e Educação Básica através do Projeto de Qualificação

²⁷ PLANETA. São Paulo, Editora Três, n. 432, set. 2008.

²⁸ Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.

²⁹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Audiovisual para o Curso de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado³⁰. Desenvolvo junto ao projeto atividades de auxílio à docência, assistência ao ensino, pesquisa e extensão na área audiovisual, participação na organização e desenvolvimento de seminários, cursos e ciclo de debates, captação e organização de recursos audiovisuais (fotografia, cinema e vídeo), entre outras previstas no projeto. Essa experiência auxilia no aprofundamento da pesquisa, complementando meus fazeres na área audiovisual e retroalimentando minha formação enquanto arte-educador-ambiental.

A segunda condição está relacionada à ONG Amigo Bicho³¹, pela qual fomos convidados, minha esposa e eu, para compor um grupo de estudos sobre ética e direito dos animais, em meados de 2009. O convite se deu através da saudosa Camila Born, cunhada de minha esposa e companheira de causa, a qual – juntamente com Vanilda Pintos, veterinária e responsável pela ONG – organizava o grupo. Filiados à proposta, passamos a integrar a ONG e atualmente o grupo compõe o núcleo da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) na cidade do Rio Grande³². Já temos desenvolvido algumas atividades como, por exemplo, a participação na Feira do Livro da FURG de 2010, com a oficina *Desvelando olhares e atitudes: uma proposta em nome da vida* (Anexo 4). O objetivo da oficina foi a exibição dos documentários *A carne é fraca*, *Terráqueos*, *O fulaninho*, *Meat the truth* (Uma verdade mais que inconveniente) e posterior discussão sobre os temas relativos ao uso de animais na pesquisa, o consumo de carne e as problemáticas ambientais advindas desse consumo.

Este relato sobre minha trajetória configura uma análise de minha implicação ideológica e libidinal com a pesquisa. Ela se justifica por estar vinculada a experiências e práticas em EANF e que estão sob a perspectiva de uma concepção ambiental centrada na ecosofia. Este libidinal se conecta com os desejos e afetos do pesquisador – desejos estes ligados àquilo que produzimos.

Ao citar os estudos de Deleuze e Guattari em relação a esses processos produtivos, Baremlitt pontua que “consiste em introduzir o desejo na produção e a produção no desejo” (2002, p. 58). Uma retroalimentação imanente, que estimula e possibilita constantes maneiras de criação, em diversas instâncias de nossas

³⁰ Projeto coordenado pelas professoras doutoras do Instituto de Letras e Artes (ILA-FURG) Ana Zeferina Ferreira Maio e Teresa de Jesus Paz Martins Lenzi.

³¹ Para saber mais sobre a ONG e suas ações, acesse: <http://www.ong-amigobicho.blogspot.com/>.

³² Para saber mais sobre a SVB, consulte o site: www.svb.org.br Acesso em 18 fev. 2010.

vivências, nas quais, segundo o paradigma ético-estético, a produção é a geração do novo, “é aquilo que processa tudo que existe – natural, técnica, subjetiva e socialmente” (BAREMBLITT, 2002, p. 164). É nesse processo que a produção, juntamente com o desejo – que “é essencial e imanentemente produtivo, gera e é gerado no processo mesmo de invenção, metamorfose ou ‘criação’ do novo” (id., p. 144) – que se desenvolve o devir.

Neste caso os desejos que estão espelhados em minha produção vão sendo introjetados no devir da pesquisa. De forma que os desejos, afetos e práticas estão implicados na investigação da mesma forma que a pesquisa passa a produzir novos desejos, afetos e práticas. Ela consiste em uma produção desejante de transformação, um processo criativo nas articulações teórico-práticas em consonância com o paradigma ético-estético.

Um exemplo disso é que, sendo vegetariano, estou implicado com algumas questões ideológicas, afetivas e éticas em relação a instâncias ambientais, de respeito aos animais e à qualidade de vida. Assim como qualquer outra pessoa em relação a suas opções, desejos e ideologias também possui suas implicações, quer as reconheça ou não. Então, ao fazer esta opção, considero alguns pensamentos e atitudes importantes com relação à preocupação com a incidência de maus tratos com os animais; com os impactos da pecuária, do abate e da industrialização da carne nas questões ambientais; com nossa responsabilidade em ponderar e respeitar os *habitats* naturais de diversas espécies, como deveriam e devem, por exemplo, no caso dos humanos, ser respeitadas as reservas indígenas e os próprios índios. Algumas dessas questões terão maior atenção mais adiante, ao longo da investigação, assim como minha experiência com as linguagens audiovisuais e a mídia televisiva, que me levaram a uma saudável retroalimentação entre estas práticas e a pesquisa, fomentando assim um exercício de reflexão crítica constante entre ambos os fazeres, o que será possível perceber com mais profundidade nos capítulos a seguir.

Outro exemplo dos processos de implicação pode ser percebido a partir do diário de pesquisa, uma “ferramenta eficaz para quem quer compreender sua prática, refletir, organizar, mudar e torná-la coerente com suas ideias.” (HESS; WEIGAND, 2006, p. 17). Na primeira página escrita em meu diário de pesquisa, iniciado em 2008, podemos verificar uma reflexão que acompanha a proposta desde

o início. Provavelmente venha me acompanhando há mais tempo, mas ali naquelas páginas está escrita a breve reflexão:

Em existindo um poder, é natural pensar que também exista o seu opositor. Desta forma há possibilidade de se imaginar que esse opositor exercite e detenha certo grau de poder. Assim como os “laranjas” ou “testas de ferro”, as massas podem ser usadas. Porém, diferentemente daqueles que sabem estar servindo a alguém, o povo acredita estar sendo parte de ações controladas por si próprio. Hipótese que se configura: o opositor-poder pode prever e usar de ferramentas semióticas de indução para gerar um movimento no âmago da “massa”, para que esta se volte contra o governo da situação, podendo depor um sistema em detrimento de outro já predeterminado pelas “sombras”. Quem transforma a sociedade é o povo ou os poderosos? A “massa” se movimenta de que maneira? A resistência parece vingar em pequenos nichos, habitados por poucos.

Ao analisar hoje este escrito, que por um momento parece desconexo, identifico que pareço subestimar o povo na condição posta, a “massa”, homogeneizando a sociedade como a mídia geralmente faz. Minha intenção era pensar o que está posto, uma globalização que tende a uniformizar a sociedade. Pressuponho, ainda, um povo sem poder, pois, embora existam chavões como “a voz do povo é a voz de Deus”, algumas instituições como a mídia exercem forte controle social, sendo, inúmeras vezes, praticamente um discurso divino. No entanto, pensar dessa perspectiva polarizada pode nos deixar neutralizados por um lado, deixando de reagir ao instituído e prostrando-nos no ato de apenas reproduzir o que está posto, sem reação por não acreditar em mudanças. Ou ainda uma neutralidade exercida sem a consciência de estarmos sendo manipulados. Por outro lado, não podemos esquecer que algumas pessoas já vêm lutando por uma quebra desse engessamento engendrado pelo instituído.

1.3.3 Uma pesquisa qualitativa, do diário à problemática de pesquisa

Assim vou fazendo algumas análises a partir do meu diário de pesquisa e procurando obter, através dele, relações com minhas ideias e ideais. Questiono no breve fragmento exposto, de que maneira a “massa” se movimenta. Logo após surge uma hipótese. A de que “a resistência parece vingar em pequenos nichos, habitados por poucos”.

É então que, nesse escrito da primeira página do diário, me defronto com o problema que envolve esta pesquisa e que procuro elucidar ao longo da investigação: que tipo de movimento é necessário para produzir grupos que consigam subverter a lógica instituída, conservada? E que tipos de materiais podemos estar produzindo para utilizá-los como instrumentos de subversão, reflexão e provocação de discussões alternativas ao que é instituído pela grande mídia? De que maneira estaremos contribuindo com a EANF?

Ao longo da pesquisa procuro elucidar estas questões para clarear nossa proposta e verificar quais os caminhos que conseguiremos trilhar na busca por uma prática e um pensamento inovador, como o instituinte que “aparece como atividade revolucionária, criativa, transformadora por excelência” (BAREMBLITT, 2002, p. 30).

Nossa pesquisa está fundamentada em um enfoque qualitativo, ou seja,

ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. (...) ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 21-22).

Ainda em relação à pesquisa qualitativa, é importante ressaltar que ela é um tipo de abordagem que “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 1994, p. 22). Portanto, vejamos os quatro pilares que sustentam esta proposta:

- Primeiro, a *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*, desenvolvida junto ao *Seminário As três ecologias de Félix Guattari*;
- Segundo, a revisão bibliográfica sobre os temas e conceitos abordados;
- Terceiro, o diário de pesquisa, que é de grande valor e funciona como resgate de memórias, reflexões, constatações e inquietações anotadas durante o processo de pesquisa, antes, durante e após a realização da oficina;
- Quarto, a análise dos materiais audiovisuais produzidos durante a oficina e a respectiva coleta de dados através do questionário aplicado ao grupo.

Seguindo esta proposta, nosso estudo no segundo capítulo avançará na análise das minhas implicações na pesquisa. Observando algumas reflexões sobre a influência da mídia em nosso cotidiano e alguns impactos fomentados por ela, a intenção é desvelar um pouco mais alguns aspectos das formas de controle da mídia sobre os coletivos sociais e suas respectivas ações.

2 AS IMPLICAÇÕES DO PESQUISADOR NA PESQUISA: DA MÍDIA TELEVISIVA AO AQUECIMENTO GLOBAL

*Há cinéfilos, mas não há teléfilos.
Só há teledrogados. As imagens são consumidas
como os produtos das gôndolas dos supermercados.*
Décio Pignatari³³

A partir, principalmente, das experiências na FURG TV, fui desenvolvendo um contínuo interesse pelas questões da mídia, fundamentalmente a televisiva. Sempre consciente da responsabilidade de uma emissora de televisão educativa, procurava inovar na produção e divulgação de informações de caráter cultural e educativo que pudessem contribuir de alguma forma com os telespectadores. Mas não somente com eles. Internamente, junto ao grupo da emissora, eram frequentemente gerados debates sobre as pautas e a forma de conduzir os programas e entrevistas, bem como a posterior análise e discussão daquilo que vínhamos produzindo. Nosso foco não estava no sensacionalismo tão freqüente nas emissoras comerciais, tampouco em vender espaços comerciais na grade de programação. Desejávamos mesmo era fazer uma TV diferente dos moldes já conhecidos. Nesse sentido, no mínimo duas vezes ao ano fazíamos reuniões para esclarecer os objetivos de uma emissora universitária e educativa, assim como sua responsabilidade social ao produzir informações críticas e de interesse da comunidade local, bem como ao estimular na mesma comunidade interesses culturais e educativos.

Agregou-se a esse contexto o acompanhamento constante de produções audiovisuais sobre a exploração animal, o consumo de carne e os impactos gerados no meio ambiente e na diminuição da qualidade de vida. Nesse sentido segue este capítulo, que pretende analisar essas implicações com relação à mídia e o que ela produz socialmente; o aquecimento global e suas relações com o consumo de carne.

³³ PIGNATARI, Décio. O paleolhar da televisão. In: NOVAES, 1988. Cap. 29, p. 492.

2.1 A influência da *indústria cultural* em nosso cotidiano

Primeiramente precisamos esclarecer que abordaremos a influência da mídia de acordo com um estilo de vida coletivo, considerando que neste coletivo existem variadas diferenças, no entanto estamos todos sob a égide de uma indústria cultural. Uma indústria evocada há algumas décadas pelo filósofo alemão Theodor Adorno em *Dialética do esclarecimento* (1947), quando, juntamente com Max Horkheimer, empregou a expressão *indústria cultural*.

Para compreender melhor as influências dessa indústria na vida contemporânea, retomemos historicamente alguns processos que contribuíram com o desenvolvimento tecnológico e filosófico dessa indústria. O livro *Indústria cultural e sociedade* consiste na compilação de três ensaios escritos por Adorno, dois da década de 1940 e um de 1969. Nesse livro o autor fundamenta o princípio básico dessa indústria com relação ao consumidor, o que consiste

em lhe apresentar tanto as necessidades como tais, que podem ser satisfeitas pela indústria cultural, quanto por outro lado organizar antecipadamente essas necessidades de modo que o consumidor a elas se prenda, sempre e apenas como eterno consumidor, como objeto da indústria cultural (ADORNO, 2002, p. 37).

A dominação desta indústria cultural é tão perspicaz que ela “fixa as regras, os horários, os espaços” e os indivíduos se submetem a estas “regras do tempo livre programado”, também por ela (PEREIRA, 1997, p. 44). Ela opera diretamente em relação ao tempo livre de que dispomos e nele “se prolonga a não-liberdade, tão desconhecida da maioria das pessoas não-livres como a sua não-liberdade, em si mesma” (ADORNO, 2002, p. 104). Ao preencher nosso tempo livre com o conteúdo produzido pela *indústria cultural*, podemos nos contaminar com as informações superficiais e massificadas, assim como pelo divertimento vazio propagado, principalmente, através da televisão. Como disse Pignatari, estamos sujeitos a virarmos “teledrogados”, presos àquilo que acreditamos nos dar liberdade. Adorno afirma que “as pessoas não percebem o quanto não são livres lá onde mais livres se sentem” (2002, p. 108).

Dessa forma, os sujeitos podem ir assumindo inconscientes as suas condições de domesticados, e esse processo gera multidões consumidoras e produz

necessidades desnecessárias. A *indústria cultural* vai se utilizando dos mecanismos midiáticos para realização de seu intento, de maneira que

o cinema e o rádio não têm mais necessidade de serem empacotados como arte. A verdade de que nada são além de negócios lhes serve de ideologia. Esta deverá legitimar o lixo que produzem de propósito. O cinema e o rádio se autodefinem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores-gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade social de seus produtos (ADORNO, 2002, p. 8).

No entanto, nem todo rádio, nem todo cinema, nem toda televisão são assim produtores dessa mesma ideologia de consumo, embora movimentem, certamente, algumas cifras em suas produções e exibições. Por exemplo, o filme *Tempos modernos*³⁴, de Charles Chaplin, apresenta seu personagem *Carlitos* como um atrapalhado operário industrial na incansável busca por emprego e a realização de uma vida ao lado de sua amada. Logo no início da película

vemos desfilar um rebanho de ovelhas e logo a seguir reaparece uma massa de operários a caminho da fábrica. O que equivale a dizer que as condições de trabalho alienantes desta última reduzem bem depressa os trabalhadores a rebanhos amorfos (MOSCARIELLO, 1985, p. 19).

Ou seja, uma massa sem forma definida, um engodo homogêneo de sujeitos alienados. Essa relação se dá a partir de um artifício utilizado no momento para justapor uma imagem seguida de outra que possibilite uma analogia por semelhança entre ambas. A esse artifício baseado na semelhança entre os elementos da narrativa damos o nome de *analogia* (MOSCARIELLO, 1985, p. 19). Isso possibilita a compreensão de que o audiovisual possui uma semântica própria que estabelece relações e significados determinados por quem as produz. Portanto, através do próprio cinema, Chaplin fazia sua crítica à sociedade industrial.

Decerto muitas pessoas que assistiram ao filme podem não ter feito essa observação, no entanto a mensagem estava ali, construída conscientemente por quem a produziu. Mais adiante analisaremos com mais atenção outros elementos constitutivos da linguagem audiovisual.

³⁴ TEMPOS MODERNOS. EUA, 1936. Direção: Charles Chaplin. Continental. Gênero: comédia. 1 DVD/NTSC, P&B. (87 min.).

Chaplin faz a crítica aos tempos modernos e ao que, com eles, vinha se desenvolvendo, as próprias indústrias. Em termos históricos, esta industrialização foi resultado de um processo ocorrido ao longo do século XIX, no qual se assiste à passagem da manufatura para a maquinofatura. Segundo o historiador Francisco Iglesias, está aí “a natureza da Revolução Industrial, que poderia ter seu esquema completado com a produção em série, em grande escala, para um consumidor indeterminado” (1983, p. 48).

Tal esquema é observado pelo escritor francês Guy Debord, em *A sociedade do espetáculo*: “com a revolução industrial, a divisão do trabalho e a produção maciça para o mercado mundial, a mercadoria aparece efetivamente como uma potência que vem realmente *ocupar* a vida social” (1997, p. 14). Guattari afirma que “a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente ‘ossificada’ por uma espécie de padronização dos comportamentos” (1993b, p. 7).

É inegável a influência da mídia, principalmente a televisiva, na contemporaneidade. Ela está tão presente em nosso cotidiano que, segundo os pesquisadores Pedrinho Guareschi e Osvaldo Biz,

as pessoas adultas dos países ocidentais gastam entre 25 e 30 horas por semana olhando televisão e isso, sem contar o tempo que empregam ouvindo rádio ou música estereofônica, lendo jornais, livros, revistas, enfim consumindo os produtos oferecidos pelas indústrias transnacionais de comunicação. Além disso, mesmo quando estão longe do aparelho televisor, discutem os assuntos gerados pela mídia (2005, p. 59).

O professor e pesquisador Claude-Jean Bertrand comenta que adquirimos informações e conhecimentos através “da escola, de conversas – mas sobretudo da mídia. Para o homem comum, a maior parte das regiões, das pessoas, dos assuntos dos quais a mídia não fala, não existem” (1999, p. 37).

O que existe então, e que podemos observar e analisar, é, por exemplo, um espetáculo polarizado entre a violência dos telejornais e a glamurização das telenovelas. Segundo Debord, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens” (1997, p. 9). Nossas relações, pensamentos e comportamentos cotidianos são, em diversas instâncias, influenciados pela mídia e a influenciam também.

O livro *Edgar Morin: ética, cultura e educação* contém uma entrevista com o filósofo, datada de 1967, na qual, ao ser questionado sobre nossa relação com a TV, ele responde: “dizem que a televisão impede a família de conversar. Na minha opinião, é porque não se tinha muita coisa a dizer. A televisão é o reflexo dos usuários” (PENA-VEJA; ALMEIDA; PETRAGLIA, 2003, p. 117). Considerando esta afirmação de Morin, somos o reflexo da *indústria cultural*, do consumismo. Portanto, ligar menos a TV é uma maneira de dar espaço ao silêncio, por consequência, a reflexões e a diálogos fraternos entre a família. Um espaço de fomento a informações produzidas no próprio âmago dos entes familiares, seus desejos, medos, afetos e sonhos. Ainda que estejamos a escutar seu “eco” nas conversas cotidianas.

E se a televisão interfere na ecologia social, por exemplo, das relações familiares, ela influencia também na consumação dos sujeitos-objetos. “A televisão contribui para criar o homem-mercadoria” (JAPPE, 2005, p. 271). Podemos dizer ainda: a mulher-mercadoria, criança-mercadoria, animais-mercadorias e assim por diante, pois ao virarmos mercadorias, enxergamos sob uma lente mercadológica. Precisamos, portanto, repensar constantemente nossa posição em relação às instâncias ecológicas ambientais e sociais, ou seja, em nossas relações interpessoais, com o meio ambiente e as outras espécies, para não nos deixarmos alienar pelos seus mecanismos de consumo.

2.2 Da produção de subjetividade da mídia

Passemos então a refletir sobre a mídia e sua influência em nossos comportamentos. Isso está conectado com o que podemos chamar de produção de subjetividade. Mas não falaremos em produção de subjetividade sem antes procurar esclarecer o termo subjetividade.

Segundo Jun Okamoto para uma análise da subjetividade é importante considerarmos os elementos subjetivos, que são “fatores intervenientes dos sentidos internos, das motivações e da interpretação dos fatos que dão origem às ações externas. Toda ação é precedida de um pensamento consciente, inconsciente ou de ambos” (1999, p. 12-13). Complementando, Suely Rolnik afirma que a subjetividade é “o perfil de um modo de ser – de pensar, de agir, de sonhar, de amar, etc. – que

recorta o espaço, formando um interior e um exterior”³⁵. Um modo de ser que pode estar precedido de um pensamento consciente, inconsciente ou de ambos, como afirmou Okamoto.

Portanto, podemos supor que, por vezes, agimos inconscientemente, embora – em algum momento anterior – tenhamos internalizado experiências e informações geradoras das ações. Assim, podemos verificar que a subjetividade está relacionada a um “fenômeno do comportamento humano, como resultado da interação do homem com o meio ambiente e com as relações interpessoais” (OKAMOTO, 1999, p. 12). De nossa perspectiva ecosófica, complementamos esta afirmação acrescentando a relação humana na instância mental, quando neste processo de subjetividade nos encontramos com nosso próprio interior, nossas elucubrações, desejos, afetos e memórias.

Para aprofundar a complexa contextualização da subjetividade e suas implicações no comportamento humano, recorreremos a Joaquín Rodríguez Nebot:

la subjetividad fluye a distintas velocidades, no empieza ni termina, es un continuo que se transforma y que incansablemente se transmuta. La subjetividad es lo esencialmente humano por excelencia, adquiere formas singulares y plurales. Es social y es singular en su máxima expresión. Es la base de la conformación de los imaginarios sociales, de los instituidos y potencia los niveles instituyentes (1994, p. 16).

Ela está, portanto, na base do instituído e do instituinte.

A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 42).

Portanto, a subjetividade pode produzir nos indivíduos tanto estágios de alienação como de criação. No segundo encontra-se em efervescência, no movimento do paradigma ético-estético. No primeiro está à mercê, por exemplo, da *indústria*

³⁵ Extraído do artigo: *Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura*, de Suely Rolnik. Disponível em: <http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/subjeticabourdieu.pdf>. Acesso em: 13 out. 2009.

cultural e suas investidas na homogeneização social, dos sujeitos-objetos regidos pela lei do consumo. O que de acordo com Guattari é o que vem acontecendo. “A subjetividade permanece hoje massivamente controlada por dispositivos de poder e de saber que colocam as inovações técnicas, científicas e artísticas a serviço das mais retrógradas figuras da socialidade” (1993b, 190-191). Essas figuras a que ele se refere estão relacionadas ao instituído, o conservado. E a mídia, como meio de comunicação e produção de informações, é intensamente usada para esses mecanismos de controle e poder, configurando o que podemos considerar uma subjetividade dominante.

Corroborando, Guattari enfatiza que “as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas nos seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos (...)” (1992, p. 14).

Percebe-se que nossa contemporaneidade está repleta de instrumentos tecnológicos capazes de gerar, reter e emitir informações produtoras de subjetividade. Nesse contexto, é clara a existência da *indústria cultural*, interessada em estimular o consumo, para o que se vale das ferramentas tecnológicas que produzem tais significações de maneira massificadora.

Os produtos culturais, os filmes, os programas radiofônicos, as revistas ilustram a mesma racionalidade técnica, o mesmo esquema de organização e de planejamento administrativo que a fabricação de automóveis em série ou os projetos de urbanismo (MATTELART, 2003, p. 77).

Pode-se relacionar essa situação com os fatores subjetivos frisados por Guattari quando ele afirma que estes “sempre ocuparam um lugar importante ao longo da história” (1992, p. 11). No entanto, a partir do momento em que foram assumidos pelos *mass media* de alcance mundial passaram a estar próximos de ocupar um papel preponderante em nossa sociedade. (GUATTARI, 1992, p. 12). Isto se dá, como já dissemos, principalmente por meio da mídia.

Assim, nossa sociedade vive um estado de consumo incessante. Vivemos em um planeta degradado pelo consumo desenfreado que presenciamos e do qual participamos, de certa forma, embebidos num sistema limitado de recursos³⁶.

A mídia produz informações e conduz nossos olhares de acordo com a forma com que trata os conteúdos por ela priorizados. Ela é composta por diversos tipos de organizações. Dentre elas as de grande penetração social são as emissoras de TV, principalmente as TVs abertas³⁷. Propomos um teste ao leitor: ligue o aparelho de TV em algum canal da TV aberta. Assista, no mínimo, a meia hora de programação e analise os intervalos comerciais. Veremos que eles estão repletos de propaganda de automóveis, de alimentos à base de carne com desenhos animados dos mesmos animais felizes, bem diferente da realidade dos abatedouros. Somos estimulados por esse universo audiovisual a nos comportarmos como consumidores daquilo que eles oferecem. Sutilmente a mídia vai naturalizando comportamentos, sem propor questionamento.

Como disse Pignatari, “há uma grande empatia ambiental entre a televisão e o supermercado” (1988, p. 488). Mesmo quando a televisão não oferece serviços de televenda, ela está influenciando naquilo que comemos, que vestimos e que sonhamos um dia ter. O que está posto é o incentivo aos bens de consumo, o “ter” sobrepujando o “ser”.

Somos uma sociedade mediada pela mídia. Tecemos reflexões, tomamos decisões e nos comportamos com influências televisionadas. As telenovelas narram a vida através de fantasias e do desfrute de bens de consumo; os telejornais banalizam a violência cotidiana e a morte. Fazem das imagens um espetáculo que embriaga o olhar do telespectador. A “TV não é questão de obsessão, paixão ou afeição: é questão de vício. Vicia-se pela televisão, como se vicia em açúcar, fumo, maconha, coca e outros da área fármaco-dependente” (PIGNATARI, 1988, p. 487). Um vício que polui nossas mentes, transformando a ecologia mental em “gás metano”. Como disse o crítico de arte Pierre Restany, em seu “Manifesto do Rio Negro”³⁸, em 3 de agosto em 1978, perceber nosso tempo ecológico é “lutar muito mais contra a poluição subjetiva do que contra a poluição objetiva – a poluição dos

³⁶ Interessante assistir ao vídeo “A história das coisas”. Disponível em: <http://sununga.com.br/HDC/> Acesso em: 22 fev. 2009.

³⁷ É como são chamados os canais de TV gratuitos. Receberam esta denominação após a chegada dos canais por assinatura.

³⁸ Disponível em: <http://www.krajcberg.vertical.fr/fkmanifestoportugues.html> Acesso em: 18 set. 2009.

sentidos e do cérebro contra a queda do ar e da água”. A poluição das mentes tende a acontecer por diversos motivos, como patológicos e o desejo de poder. Um desejo de supremacia econômica e aumento produtivo o que intensifica o aquecimento global, e concomitantemente, causa poluição do ar e das águas.

Portanto, é necessário pensar para além do que é instituído pela mídia. A partir de um movimento instituinte poderemos repensar nossos hábitos alimentares, encaminhando a sociedade para uma transformação ecosófica. Para despoluir objetiva e subjetivamente o nosso planeta, precisamos deixar florescer em nossas mentes uma nova e diferente forma de pensar e agir, pois ainda “estamos programados por nossa herança a ver os outros seres vivos sobretudo como algo comestível, e nos importamos mais com nossa tribo nacional do que com qualquer outra coisa” (LOVELOCK, 2006, p. 17).

Corroborando esse pensamento de Lovelock, o escritor e jornalista Vilmar Berna argumenta:

se queremos um planeta preservado de verdade, não basta apenas lutar contra poluidores e depredadores. É preciso também nos esforçarmos para mudar nossos valores consumistas, hábitos e comportamentos que provocam poluição, atitudes predatórias com os animais, as plantas e o meio ambiente (2006, p. 166).

Mas o estilo de vida que está estabelecido pela mídia e seus mantenedores, principalmente o setor empresarial, fomenta este tipo de comportamento predatório. Falemos, ainda, sobre o incentivo a um tipo de comportamento exploratório, que conduz à naturalização do consumo de carne, assim como acontece com diversos outros produtos como os automóveis e o fumo. Embora tenhamos ciência da grande influência do consumo de cigarro na incidência do câncer de pulmão, sem contar seus efeitos poluentes, seu consumo ainda atinge altos índices. O cigarro tem suas características que causam dependência e, embora a carne não seja produzida da mesma forma, seus impactos são preocupantes. Atentemos, portanto, para o consumo de carnes. Não apenas em função de seus efeitos nocivos ao ambiente, como já vimos, mas também em respeito à vida das outras espécies.

Portanto, cuidar da Terra é cuidar da vida, dos animais, dos recursos disponíveis para que sejam preservados e não faltem. Enfim, muitos sabem disso, e falar, apenas, não é o suficiente. Algumas medidas interventivas são importantes

para despertar as consciências, possibilitando um canal aberto para reflexão de determinados temas instituídos.

Para contribuir com a mudança no estado de inércia dos comportamentos individuais e coletivos, propomos esta análise do processo de produção de subjetividade da mídia. A seguir, avançaremos para uma análise das influências do consumo desenfreado de carne em relação ao aquecimento global.

2.3 A poluição e o aquecimento global

A partir de agora será abordado um tema que está diretamente relacionado com nossos hábitos alimentares, o qual é pouco discutido. Queremos, portanto, provocar uma análise reflexiva para evocar aspectos muito pouco, ou quase nunca, abordados pela mídia. A escrita que segue é resultado, não só de uma análise inorgânica, distanciada da pesquisa, mas está diretamente implicada com as ideologias, materialidades e afetos do pesquisador. A condição de vegetariano.

Seguindo um pensamento que compreende a presença de vida em coisas que, por vezes, desconsideramos dotadas de uma energia própria, pensemos as relações humanas com nosso planeta, *Gaia*, como Lovelock denominou a Terra. Uma metáfora inspirada na deusa da mitologia grega para referenciar nosso planeta como um ente vivo. Ela reage às nossas ações e demonstra isso quando percebemos algumas alterações ambientais. Um exemplo disso são as informações coletadas para o relatório científico do IPCC (*Intergovernmental Panel on Climate Change*)³⁹ de 1995, quando indica que “um feixe de elementos sugere que existe uma influência perceptível do homem sobre o clima global” (TABEAUD, 2007, p. 40). O crescimento acelerado do aquecimento global é um dos principais indícios de que a humanidade vem tendo um comportamento, no mínimo, descuidado com o meio ambiente.

³⁹ Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima.

Em grande parte este aquecimento vem aumentando em função dos altos níveis de dióxido de carbono (CO²) e gás metano na atmosfera – e estes gases causam o chamado efeito estufa⁴⁰. O dióxido de carbono provém em grande parte dos desmatamentos e da queima de combustíveis fósseis como gasolina, diesel, querosene e carvão mineral. Já o metano tem sua grande produção advinda da pecuária. Os vastos rebanhos de gado distribuídos ao longo do globo produzem, segundo o documentário *Meat the truth*⁴¹ (Uma verdade mais que inconveniente), apresentado pela deputada holandesa Marianne Thieme, do Partido pelos Animais nos Países Baixos, 18% do metano (originados em sua maioria das flatulências e eructações dos rebanhos bovinos), enquanto 13% provém do ramo de transportes com o consumo de combustíveis fósseis. O mais agravante é que, segundo Lovelock, “o metano é 24 vezes mais potente como gás de estufa que o dióxido de carbono”. Juntos eles representam forte ameaça ao planeta.

O aumento na produção desses gases vem ocorrendo principalmente em consequência de uma visão de consumo antropocêntrica. O desmatamento das florestas é feito para ampliação dos rebanhos de gado de corte e a monocultura de grãos que, fundamentalmente, se destinam a alimentar estes animais. Este aumento ainda se deve à gigantesca frota de veículos movidos à base de combustíveis fósseis. E isto está relacionado ao estilo de vida humana que se desenvolve rumo à sofisticação tecnológica e ao estímulo ao desejo por bens de consumo, passando pelo consumo de carnes de espécies exóticas de animais e chegando ao comércio de automóveis

⁴⁰ A maior parte da energia radiante do Sol está nas faixas visível e próxima do infravermelho. O ar, quando livre de nuvens e poeira, é tão transparente a essa radiação como o vidro de uma estufa. Superfícies na Terra, ou dentro da estufa, são aquecidas pela luz solar, e parte desse calor é transferido ao ar em contato com as superfícies. O ar quente permanece na estufa principalmente porque as paredes e o telhado de vidro impedem que o vento agitado o dissipe. A Terra é mantida quente, de forma parecida mas não idêntica, pela absorção de calor radiante emitido na superfície quente pelos gases dióxido de carbono, vapor d'água e metano. Esses gases, embora transparentes à luz, são parcialmente opacos aos comprimentos de onda mais longos emitidos por uma superfície quente. Esse efeito estufa há muito mantém quente o ar da superfície e, na ausência de poluição, é benigno; sem ele, a Terra seria 32°C mais fria e provavelmente incompatível com a vida. (LOVELOCK, 2006, p. 153-154).

⁴¹ *Meat the Truth* é um documentário da Fundação Nicolaas G. Pierson (Holanda) baseado nas mais recentes pesquisas científicas sobre a mudança climática e a pecuária. Para realizar o filme, os pesquisadores da Fundação e da Universidade Livre da Holanda consultaram relatórios de pesquisa, dados estatísticos e outras fontes científicas. Entre os documentos que fundamentam a pesquisa para elaboração do documentário está o relatório da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (ONU/FAO). *Meat the Truth* chama a atenção para as mudanças climáticas, demonstrando que a criação de gado gera mais emissões de gases de efeito estufa em todo o mundo que todos os carros, caminhões, trens, barcos e aviões somados. Para mais informações, consultar o site oficial do documentário, disponível em: <http://www.meatthetruth.nl> Acesso em: 10 jan. 2010. MEAT THE TRUTH. Direção: Gertjan Zwanikken. Produção: Monique van Dijk Armor; Claudine Everaert. Holanda, 2008. 1 DVD (70 min.).

sofisticados, com bancos de couro e inúmeros “cavalos” de potência, podendo atingir mais de 200km/h, embora geralmente a velocidade máxima permitida em rodovias seja de 80km/h.

Este consumo advém do “progresso” humano. Conforme a pesquisadora Martine Tabeaud, foi em 1850 que se instaurou um período-chave para o aumento do consumo e geração da emissão de gases de efeito estufa, sendo “difícil imaginar que imediatamente após a Revolução Industrial toda a troposfera⁴² tenha podido modificar-se tão depressa” (2007, p. 42). É, portanto, indubitável que, a partir da Revolução Industrial, o comportamento humano passa a influenciar decisivamente nos rumos em direção ao aquecimento global.

A crescente industrialização e o conseqüente consumo vêm gerando catastróficos efeitos ao meio ambiente – lembramos que, ao mencionar o meio ambiente, consideramos a espécie humana como uma dentre as inúmeras espécies que compõem este cenário.

Como Tabeaud constata, “é inegável que a industrialização fez-se a grandes golpes de poluição (...)” (2007, p. 47) e isto se deve ao exacerbado consumo que a humanidade vem promovendo em suas investidas políticas e econômicas. Almejando lucros **em nome** de um desenvolvimento econômico. O que agrava esta situação é que, atualmente, nossa espécie representa mais de 6 bilhões de pessoas segundo os indicadores demográficos da UNFPA (Relatório sobre a Situação da População Mundial)⁴³, também constatados junto à *Population Reference Bureau - PRB*⁴⁴. Isto gera uma demanda de produção alimentícia em grande escala, que somada ao consumo de combustíveis e as áreas florestais devastadas para cultivo de monocultura e criação de gado, consiste em uma das causas de impactos provocados por gases poluentes como os já citados, metano e CO².

⁴² Camada atmosférica em contato com a Terra e cuja espessura aumenta do pólo (5 km) ao equador (18 km).

⁴³ ENGELMAN, Robert; Worldwatch Institute; et al. *UNFPA – Relatório sobre a Situação da População Mundial*. Enfrentando um mundo em transição: mulheres, população e clima. 2009. Disponível em: http://www.unfpa.org.br/novo/index.php?option=com_content&view=article&id=179&Itemid=4 Acesso em 03 jan. 2010.

⁴⁴ A PRB é uma organização sem fins lucrativos que informa as pessoas ao redor do mundo sobre os seguintes temas fundamentais: saúde reprodutiva e de fertilidade, os futuros da saúde global, crianças e famílias, meio ambiente e população (que inclui o envelhecimento, a desigualdade e pobreza, migração, urbanização e gênero). Disponível em: <http://www.prb.org/SpanishContent.aspx> Acesso em 27 dez. 2009.

Guattari constata que, além desse crescimento demográfico e do avanço das mutações técnico-científicas, ocorre o que ele chama de desenvolvimento do trabalho maquínico, ou seja, o trabalho incrementado pela atual “revolução informática” (1993a, p. 8). Este trabalho produz transformações nas produções industriais como, por exemplo, nas “fábricas Fiat em que a mão-de-obra assalariada passou de 140.000 para 60.000 operários numa década, enquanto a produtividade aumentava em 75%” (1993a, p. 8). O dado que chama atenção é o grande aumento da produção de automóveis em apenas uma década, o que evidencia uma mudança no estilo de vida de considerável parte da sociedade. Essa demanda de produção aumenta conforme se eleva a procura por bens de consumo como os veículos automotores. Um processo de produção diferente do proposto por Guattari, em que o desejo e a produção são imanentes e produtores do diferente, do novo num devir de metamorfoses. O processo, na lógica da produção industrial, além de diminuir empregos está sob um modelo de produção em série que estimula a produção do igual, detendo a produção criativa, o que compromete novas formas de se relacionar e viver.

Guattari reitera que “o que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico” (1993a, p. 8). Evoquemos então as palavras de Lovelock em relação à Terra quando diz que, “se deixarmos de cuidar da Terra, ela sem dúvida cuidará de si, fazendo com que não sejamos mais bem-vindos” (2006, p. 16). Não sei se bem-vindos, mas ela acabará por reagir com nossas intervenções destrutivas. O que propõe Lovelock pode ser reconhecido como uma necessária mudança de valores. Ou seja, uma retomada das condições climáticas e amenização dos efeitos danosos que infligimos à Terra. Precisamos reinventar nossa postura, nosso comportamento frente ao planeta e as outras espécies. Pois ao considerar melhores cuidados com a Terra, não podemos desconsiderar as outras espécies animais.

Não falamos de uma visão ingênua e vegetarianista superficial, pois se uma das grandes crises que passamos é o aquecimento global – o degelo das calotas polares e aumento do nível do mar, entre outros impactos gerados –, por que não repensar e exercitar uma mudança do estado de inércia consumista agressivo?

Com efeito, ele pode ser amenizado com uma modificação nos hábitos de transporte e de alimentação, com menos automóveis e menos carne.

Especificamente, uma dieta mais vegetariana e a redução do consumo de carne bovina poderiam promover a diminuição da emissão de gás metano, do número de animais abatidos e de florestas devastadas.

Considerando o exposto por Guattari, que “a instauração a longo prazo de imensas zonas de miséria, fome e morte parece daqui em diante fazer parte integrante do monstruoso sistema de ‘estimulação’ do Capitalismo Mundial Integrado” (1993a, p. 11), denominação dada pelo autor ao nosso atual sistema econômico capitalista pós-industrial. O CMI “tende, cada vez mais, a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade, por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade (...)” (1993a, p. 31).

Nesse sentido nossa proposta para diminuição das zonas de miséria, principalmente alimentar, já existentes – como em algumas regiões do nordeste brasileiro, da África e, inclusive, dos miseráveis dos grandes centros – é a diminuição do consumo de carne por parte daqueles que podem se dar ao luxo perversivo de consumi-la. Assim a intensa produção de grãos utilizada para alimentar os rebanhos de gado, poderia ser destinada a estes miseráveis. A diminuição das áreas de criação dos rebanhos permitiria o reflorestamento de diversas regiões; desta forma estaríamos auxiliando no processamento do dióxido de carbono considerando que, atualmente, o consumo de carne tem sido grande responsável pela emissão de gases de efeito estufa, que juntamente com

as indústrias modernas, lançam dióxido de carbono (CO₂) tão rapidamente que as árvores do mundo, e outras plantas, não conseguem fotossintetizá-lo. Além disso, as áreas verdes se tornam cada vez menores, os seres humanos estão usando estas extensões como terras para agricultura e para a instalação de indústrias e residências (ODUM, 1987, p. 171-172).

Enfatizamos que esse aumento de indústrias e residências se dá em grande parte pelo aumento demográfico, o que amplia esse consumo de carne e gera esta dificuldade de processamento do CO₂ por parte das plantas, que além de tudo estão sendo desmatadas.

Como algumas alternativas para tentar solucionar estes impactos citamos: a agricultura familiar, o esclarecimento da população e a diminuição gradativa do

consumo de carne e produção de carne; esta pesquisa também se apresenta como uma forma de atentar e refletir estas questões no campo científico.

A constante análise fílmica que vem sendo realizada ao longo do trabalho é mais um indício da implicação do pesquisador no trabalho desenvolvido, trazendo para a discussão alguns materiais audiovisuais de seu interesse e que estão diretamente relacionados com o estudo. Seguindo adiante, realizaremos no capítulo a seguir, uma análise do Movimento Instituinte e suas vertentes, haja visto que este é o movimento que contempla as práticas e os pensamentos aos quais este trabalho está filiado.

3 MOVIMENTO INSTITUCIONALISTA: POR UMA PRÁTICA INSTITUINTE

A liberdade só aumenta à medida que aumentam a auto-suficiência, a autonomia local, a autogestão, e se descentralizam todas as formas de poder de decisão.
José Lutzenberger⁴⁵

Após apresentar minha trajetória, algumas influências teóricas e práticas – no uso da ecosofia e das ferramentas audiovisuais – e refletir as implicações destas na pesquisa, abordamos o Movimento Institucionalista, suas tendências e as características comuns à grande diversidade de escolas filiadas ao Movimento. Poderemos observar, ao longo do capítulo, algumas de suas características como a autoanálise e a autogestão. Encaminhamos o estudo para uma análise da necessidade de intervenções passíveis de problematizar nossos pensamentos e atitudes.

3.1 Movimento Instituinte

Este capítulo consiste em um breve estudo sobre o Movimento Instituinte, também chamado Institucionalista. Diversas correntes integram o movimento, entre as quais podemos citar: a Esquizoanálise, proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari; a Análise Institucional de René Lourau e Georges Lapassade, e a Sociopsicanálise de Gérard Mendel. No decorrer desta pesquisa estamos, pouco a pouco, elaborando um texto com a colaboração dos estudos de alguns autores que dialogam com essas tendências – Guattari, Paulo Freire, Baremlitt, Carlos Rodrigues Brandão e Georges Lapassade.

Segundo Baremlitt, no *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática*, a gênese social do Movimento

⁴⁵ José Lutzenberger foi ambientalista e durante dois anos ministro do Meio Ambiente. Nessa condição participou da organização da Conferência Mundial para o Meio Ambiente da ONU no Rio de Janeiro, a ECO 92. LUTZENBERGER, José. *Manual de ecologia: do jardim ao poder* (2006, p. 113-114).

pode relacionar-se, em seus aspectos conservadores ou reformistas, com uma longa série de tentativas históricas de regular racionalmente a existência das coletividades. Arbitrária e muito simplificada, proporíamos as grandes balizas da Revolução Francesa, o Iluminismo e o Enciclopedismo, como acontecimentos importantes pioneiros deste tipo. Pelo contrário, em suas versões mais drásticas, o Institucionalismo tem parentesco com todos os ensaios libertários que as culturas e civilizações tenham pensado ou experimentado, desde a tribalidade primitiva e nômade até as tentativas autogestivas modernas da Iugoslávia, Argélia e, sobretudo, da República durante a Guerra Civil Espanhola (2002, p. 109).

A partir desta sucinta, no entanto complexa referência histórica sobre o Institucionalismo, pode-se dizer que é composto de um grande leque de tendências, sendo “classificável em uma escala que vai desde posições relativamente conservadoras, seguindo por outras crescentemente reformistas, até chegar a concepções e ações alternativas, marginais, clandestinas, revolucionárias” (Baremlitt, id., ibid.). No entanto, embora existam drásticas diferenças entre algumas correntes, são características comuns à maioria delas a autoanálise e a autogestão. A compreensão do que estas duas palavras representam, em sua complexidade, é de fundamental importância para o entendimento de nossa proposta institucional, objetivos, metodologia e justificativa que surgirão ao longo do trabalho.

Portanto, corroborando o que foi exposto, Baremlitt denomina o Movimento Institucionalista como

um conjunto heterogêneo, heterológico e poliformo de orientações, entre as quais é possível se encontrar pelo menos uma característica comum: sua aspiração a deflagar, apoiar e aperfeiçoar os processos auto-analíticos e autogestivos dos coletivos sociais (2002, p. 11).

A seguir, abordamos os objetivos básicos do Institucionalismo, a autoanálise e a autogestão, não sem antes observar o gráfico abaixo organizado com base nas informações do livro de Baremlitt acima citado.

O autor afirma que, em um plano formal, uma sociedade é “um tecido de instituições que se interpenetram e se articulam entre si para regular a produção e a reprodução **da vida** humana sobre a terra e a relação entre os homens”. As instituições “são entidades abstratas, por mais que possam estar registradas em escritos ou

conservadas em tradições” (2002, p. 27). Com o diagrama (Figura 1) é possível visualizar, em uma disposição simplificada, que a sociedade é como uma rede, um tecido de instituições. Mas, para cumprir sua função de regulação da vida humana, as instituições materializam-se através do que chamamos de organizações. Estas são compostas por um grande complexo como, por exemplo, um ministério (Ministério da Justiça, da Educação etc.). Portanto, as instituições existem por meio das organizações.



Figura 1 – Diagrama Institucionalismo – criado no Photoshop, 2010

Autor: Cláudio Tarouco de Azevedo

Segundo o diagrama, temos as seguintes unidades: sociedade, instituição, organização, estabelecimento e equipamentos, que adquirem dinamismo através dos agentes e suas práticas. “Os agentes são ‘seres humanos’, são os suportes e os protagonistas de toda essa parafernália” (BAREMBLITT, 2002, p. 28). A partir de suas práticas eles mobilizam e operam tudo isso. Essas práticas “podem ser verbais, não-verbais, discursivas ou não, práticas teóricas, práticas técnicas, práticas cotidianas ou inespecíficas. Mas é nas ações que toda essa parafernália acaba por operar transformações na realidade” (id., ibid.). Ou seja, é evidente que cada agente,

por meio do complexo arsenal que o constitui, desenvolve suas práticas de acordo com seus pensamentos, memórias, sentidos, estímulos, relações, histórias, experiências, suas ideologias políticas, religiosas e diversos outros filtros perceptivos, cognitivos e até espirituais que se desenvolvem nos seres humanos. E através de suas práticas produzem ações que podem transformar a si, os outros e as outras espécies em suas relações e o próprio meio ambiente.

3.2 Autoanálise e autogestão

Para objetivar estas transformações com o intuito de produzir e criar alternativas para solucionar problemas e proporcionar melhor qualidade de vida, analisemos dois processos que se dão de forma articulada e simultaneamente, considerados os objetivos básicos do institucionalismo – a autoanálise e a autogestão.

Começemos pelo primeiro:

a autoanálise consiste em que as comunidades mesmas, como protagonistas de seus problemas, necessidades, interesses, desejos e demandas, possam enunciar, compreender, adquirir ou readquirir um pensamento e um vocabulário próprio que lhes permita saber acerca de sua vida, ou seja: não se trata de que alguém venha de fora ou de cima para dizer-lhes quem são, o que podem, o que sabem, o que devem pedir e o que podem ou não conseguir (BAREMBLITT, 2002, p. 17).

Para esse processo ser incorporado ao grupo, é preciso que um ou mais sujeitos envolvidos tenham conhecimentos necessários para, de maneira horizontal e distante das hierarquias instituídas, provocar o movimento de autoanálise. Ainda poderá ser chamado alguém externo ao coletivo, alguém que seja conhecedor dos conteúdos necessários às discussões e que tenha condições de suscitar o processo; além disso, que esteja disposto a reformular, aprender e ensinar seu saber, reinventando suas práticas e integrando-se ao grupo, auxiliando para que ele próprio se auxilie e encontre parâmetros para compreender suas reais necessidades, desejos, demandas, limitações, de modo que “os coletivos desvelem suas limitações

e as causas que determinam suas necessidades e limitações, solucionando assim seus problemas” (BAREMBLITT, 2002, p. 17).

Mas, para resolver estes problemas, estes coletivos devem, simultaneamente à auto-análise, desenvolver o processo de autogestão, que se constitui da articulação da comunidade que se organiza para “construir os dispositivos necessários para produzir, ela mesma, ou para conseguir os recursos de que precisa para a manutenção e o melhoramento de sua vida sobre a terra” (id., ibid.). No caso de se fazer fundamental a presença de alguém externo ao grupo, a proposta é que este participe do processo inicial junto ao grupo e sem distinção de hierarquia possa promover o avanço das dinâmicas de amadurecimento e auto-reconhecimento do coletivo, a ponto de que este alavanque sua autogestão.

Um exemplo prático da aplicação destas características instituintes é a situação de alguns povos indígenas mexicanos, como o caso dos *13 Pueblos*. O enfrentamento destes povos no intuito de solucionar os problemas que os afetam, pode ser observado no documentário *13 Pueblos: en defensa del agua, el aire y la tierra*⁴⁶, dirigido pelo cineasta Francesco Taboada Tabone. A película apresenta a luta do *Estado de Morelos*, que sustenta o movimento dos *13 Pueblos*, para preservar os recursos naturais, principalmente os hídricos, as profundas raízes culturais destes povos indígenas e o ambiente em que vivem. No foco da questão está a proposta do governo de implementar um aterro sanitário no município de Cuernavaca, que configura uma área de proteção florestal.

Fica evidente no documentário a articulação dos povos indígenas que compõem o movimento em defesa da água, do ar e da terra. Eles se mobilizam, realizam assembleias e entram em contato com o governo na tentativa de solucionar os problemas. Enfim, demonstram suas capacidades críticas de autoanálise e autogestão ao reconhecerem que o governo não lhes trará benefícios, ao contrário, está cada vez mais perto a possibilidade da construção do aterro sanitário. Ao longo da película a comunidade organizada dá provas da consciência do eminente risco que corre. Eles comentam as drásticas mudanças que o ecossistema sofrerá com a construção do aterro, a começar pelas reservas de água que terão a potabilidade comprometida, afetando o equilíbrio do ambiente e pondo em risco a sobrevivência de várias espécies. Resta-lhes a luta em defesa de suas reservas. Confrontos

⁴⁶ Mais informações sobre a película e os *13 Pueblos* podem ser obtidas em: <http://13pueblos.blogspot.com/> Acesso em: 21 out. 2009.

constantemente são travados com a polícia local que, em nome do governo, avança no intento de tomar as terras daqueles povos indígenas.

No entanto, alguns depoimentos sobre a importância de preservar os ecossistemas demonstram a manifestação consciente do movimento organizado. Eles ressaltam que o estado atual de preservação de suas terras é reflexo da consciência e das atitudes de seus antepassados e a garantia de mantê-lo preservado recai nas tomadas de decisões da atual geração indígena que ali vive. Ao refletir sobre as responsabilidades humanas, para além daquilo que nos pertence e que pertence ao nosso tempo histórico, Brandão argumenta:

(...) podemos lembrar juntos um dizer muito bonito e que dá muito que pensar. Ele parece ter sido falado por um chefe de uma tribo indígena aqui das Américas. Ele é assim: *Nós não herdamos nossa terra dos nossos antepassados. Nós apenas a tomamos emprestada aos nossos filhos.* E se nós quisermos pensar com uma coragem e uma ousadia semelhantes à do velho índio, poderemos dizer algo assim: *Tudo o que é meu neste mundo faz fronteira e continua no que é seu, no que é de vocês. E assim, tudo o que é meu e é seu de alguma maneira é nosso também. É de todos nós!* (2005, p. 41).

Pensar sobre isto – que é de todos nós – é preponderante para galgar uma postura de conservação do meio ambiente e melhor qualidade de vida na Terra. E isso passa por uma atitude de entendimento e reconhecimento em escala global da complexidade que representa a palavra vida. Afinal, de quem o chefe indígena tomou emprestada a terra aos seus filhos? A resposta já sabemos: de nosso próprio planeta. Um planeta que nos dá a terra e possibilita o desfrute de suas riquezas, riquezas que não deveriam ser de poucos, pois a terra é nossa, de todos – todos que por aqui já passaram, nós e os que virão.

Em consonância com este pensamento, que é o mesmo do movimento dos *13 Pueblos*, entendemos que intervir nos processos sociais é uma forma de promover transformações nas relações e no meio ambiente. Portanto, elencamos a seguir um dispositivo utilizado pelo Institucionalismo para objetivar esses tipos de transformações. Considerando que, de acordo com Baremlitt, um dispositivo consiste em

uma montagem (termo que frequentemente se utiliza em cinematografia, teatro ou nas artes plásticas) de elementos extraordinariamente heterogêneos que podem incluir “pedaços”

sociais, naturais, tecnológicos e até subjetivos. Um dispositivo caracteriza-se pelo seu funcionamento, sempre simultâneo a sua formação e sempre a serviço da produção, do desejo, da vida, do novo. Um dispositivo forma-se da mesma maneira e ao mesmo tempo em que funciona, gerando acontecimentos insólitos, revolucionários e transformadores (2002, p. 66-67).

Esta montagem a ser conceituada chama-se intervenção institucional. E é este tipo de dispositivo, vinculado a nossa proposta de pesquisa, que vamos estudar a partir de agora.

3.3 Por uma intervenção institucional

Cuidar da Terra é cuidar da vida, dos animais, dos recursos disponíveis para que sejam preservados e não falem. Enfim, muitos sabem disso, mas apenas falar não é o suficiente. Assim, algumas medidas interventivas são importantes para que desperte a consciência das pessoas, possibilitando um canal aberto para reflexão de determinados temas instituídos e ações transformadoras. Para que seja promovido, através da autoanálise e da autogestão, um possível processo de mudança no estado de inércia dos comportamentos individuais e coletivos, de modo que, por meio de algum artifício, o novo aconteça. Um novo que advenha de um processo criativo. Uma maneira de provocar isso pode ser proposta com o dispositivo interventivo denominado intervenção institucional. Este surge como o aparato metodológico aplicado a esta pesquisa, com o intento de deflagrar, apoiar e aperfeiçoar os processos autoanalíticos e autogestivos do coletivo social que são citados a seguir.

Para a realização desta proposta, foi organizada e criada em 2008, a convite do Prof. Alfredo Martin, a oficina *Ação Ambiental e Produção Cultural*, desenvolvida como atividade integrada ao então seminário *As três ecologias de Félix Guattari*. Assim, a formação dos proponentes desta atividade, um no campo das Artes Visuais e outro da Psicologia, engendrou um processo que envolveu algumas tecnologias audiovisuais como o cinema, vídeo e televisão; a EANF e a ecosofia de Guattari. Importante descrever um pouco alguns dos objetivos e atividades propostas junto ao seminário.

O seminário *As três ecologias de Félix Guattari* está estruturado no livro de Guattari e prevê atividades de discussão, reflexão e produção sobre os aspectos da ecologia mental, social e ambiental. São utilizados dispositivos de leitura e reflexão dos conceitos ecológicos de Guattari, bem como a realização de atividades de sensibilização crítica da razão e das emoções para perceber e desatar os nós das relações instituídas em direção da produção do novo. Um novo que proponha uma alteração no estado de estagnação intensamente produzido pelo instituído, como, por exemplo, a análise e discussão sobre o filme *1984*⁴⁷, baseado no romance de George Orwell, que apresenta uma sociedade totalitária sob a onipresença e o controle social do Grande Irmão, o *Big Brother*.

Também estão previstas no cronograma do seminário atividades pedagógicas interventivas, que consistem em propostas desenvolvidas por pessoas convidadas, externas e internas ao grupo. Pode-se citar a “Oficina do Pão” e a própria “Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural”. A primeira oficina citada é desenvolvida por uma pessoa externa ao grupo, o professor de História Marcos Aristimunha. Consiste em discussões amplas e profundas sobre a produção e o consumo de alimentos e as relações em família. Refletimos sobre o quanto a cozinha pode ser um local de estreitamento dos laços em família e o quanto estes laços podem ser fortemente construídos quando produzimos com autonomia o nosso próprio alimento. Ao longo da experiência aprendemos a fazer pão e desfrutamos de discussões e análises sobre a produção de grãos, as energias renováveis, a fome no mundo, a autossuficiência alimentar, o problema da água, entre outros, bem como as trocas de experiências com os demais colegas. Como exercício final das atividades do seminário, os acadêmicos têm como tarefa produzir microintervenções junto a sua família, ao seu ambiente de trabalho, enfim, em seu cotidiano. Apresentam um projeto que descreva a proposta, objetivos e justificativa de sua práxis alicerçada nas discussões ecosófica realizadas ao longo dos encontros.

Com a proposta da oficina “Ação Ambiental e Produção Cultural”, a intenção foi de que os participantes elaborassem algumas dessas intervenções – as quais chamamos de microintervenções – e que estas culminassem na produção de vídeos. No capítulo a seguir será analisado o conceito de microintervenção e a relação do título da oficina com a proposta, bem como os processos de autoanálise

⁴⁷ 1984. Inglaterra, 1984. Direção: Michael Radford. Lume Produções Cinematográficas. Gênero: drama, ficção. 1 DVD/NTSC, color. (113min.).

e autogestão desenvolvidos ao longo da atividade da oficina. Assim sendo, esta foi criada como um dispositivo para Intervenção Institucional que está entre as diversas possibilidades de se fazer pesquisa qualitativa.

Portanto, estabelecemos o cronograma e determinamos que, após a realização dos trabalhos da oficina, seria feito um encontro para exibição, discussão e análise dos vídeos produzidos. Para tentar solucionar nosso problema de pesquisa elencado ao final do primeiro capítulo, fizemos um levantamento de dados nesse encontro. Para coleta destes dados foi aplicado um questionário aos participantes, que previa compreender as percepções dos participantes em relação às experiências vividas com a oficina e as produções coletivas e individuais, envolvendo seus vídeos.

O questionário foi realizado a partir de questões abertas, “com as quais [o entrevistado] fica inteiramente à vontade para responder o que achar necessário, podendo a sua resposta ser ampla” (OLIVEIRA, 2008, p. 84). Esse instrumento de pesquisa pode ser definido “como uma técnica para obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado que o pesquisador(a) deseja registrar para atender os objetivos de seu estudo” (id., p. 83).

Para realização dessas atividades, configurou-se o que chamamos de uma intervenção institucional interna ao seminário. Portanto, para compreender melhor a Intervenção Institucional é importante sublinhar que ela se configura de um campo de análise e outro de intervenção.

O campo de análise é o perímetro escolhido como objeto para aplicar o aparelho conceitual disponível (podendo este ser constituído de materiais teóricos muito heterogêneos). Destinado a entender o campo de intervenção, quanto mais amplo o campo de análise, mais possibilidades existem de entendimento do campo de intervenção que, por sua vez, caracteriza-se como o perímetro que delimitará o espaço dentro do qual se planejarão e executarão estratégias, logísticas, táticas e técnicas, ou seja, constitui-se do planejamento, escolha dos recursos e dos procedimentos que serão adotados de acordo com as circunstâncias, com propósitos diagnósticos e elaborativos (BAREMBLITT, 2002).

Para Barembritt, o campo de intervenção configura “um campo de análise, porque se pode entender sem intervir, mas não se pode intervir sem entender, embora durante a intervenção iremos entendendo cada vez mais” (2002, p. 91).

Para ficar claro, na intervenção feita junto ao seminário o campo de intervenção constituiu-se da oficina, das discussões sobre a linguagem audiovisual, a ecologia e as conseqüentes produções realizadas. Assim, o campo de análise envolveu o aparato conceitual constituído dos seguintes materiais: textos teóricos utilizados para discutir o conjunto de conceitos trabalhados; o diário de pesquisa utilizado pelo pesquisador; o encontro para exibição e análise dos vídeos; a revisão bibliográfica, e a constante análise de materiais audiovisuais utilizados ao longo da pesquisa.

Ainda em relação aos campos de análise e de intervenção, cabe salientar que eles são imanentes um ao outro, porém o de intervenção refere-se a uma instituição, organização ou grupo específico, neste, caso o grupo matriculado junto ao seminário. “O de análise possibilita estudar, paralelamente, outros grupos sem intervir, no entanto, aproveitando essas análises para complementar e melhor entender a intervenção realizada” (LAPASSADE, 2005). Isso é importante para visualização do campo, podendo suscitar outras e novas intervenções.

No campo de intervenção, a oficina, as reflexões e produções realizadas durante os encontros configuraram um momento de ampliação das possibilidades de exibições das produções audiovisuais (os vídeos), promovendo novas intervenções propostas pelo grupo, as quais serão apresentadas ao longo dos próximos capítulos. Portanto, na mediação entre esses dois campos – de análise e intervenção –, buscase com que todos os envolvidos na proposta possam compreender melhor as relações entre os conceitos, práticas e ações abordadas.

Para que as produções fossem desenvolvidas, foi proposto ao grupo que se organizassem em pequenos grupos, podendo até mesmo realizar-se propostas individuais. E assim como, em um trabalho de autogestão, os coletivos “deliberam e decidem” (BAREMBLITT, 2002, p. 19). Mais adiante aprofundamos as atividades da oficina, descrevendo as etapas do processo e as produções realizadas.

Cabe dizer ainda que a oficina funcionou como grupo-sujeito, ou seja, não tivemos como objetivos reproduzir o instituído, mas sim criar a partir dos desejos e necessidades dos instituintes, sendo estes o próprio grupo em questão. O grupo-sujeito é um conceito de autoria de Guattari e refere-se a um grupo que se constitui como uma Utopia Ativa, “capaz de gerar suas próprias leis para realizá-la e de construir a si mesmo durante o processo, tendo sempre presente sua finitude e perspectiva de sua própria morte” (BAREMBLITT, 2002, p. 153). Portanto um grupo

que não esteja alienado, que conheça seu contexto histórico, político e social e desempenhe suas funções autogestionárias.

E para que estes sujeitos assumam seus lugares na história, superando este estágio de objetos – de alienação –, é preciso que seja desenvolvido o que Freire chama de uma “práxis verdadeira” (1987, p. 91). Uma “reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (id., p. 21). Podemos dizer ainda, conforme termo cunhado por Guattari, uma necessária *práxis ecológica*.

Portanto, a seguir analisamos com mais profundidade a oficina e seu lugar na conjuntura das instituições sociais e no contexto da própria pesquisa, bem como a práxis desenvolvida pelo grupo-sujeito.

4 A OFICINA AÇÃO AMBIENTAL E PRODUÇÃO CULTURAL: DO DIÁRIO DE PESQUISA AOS CONCEITOS DISCUTIDOS

*Os que fazem da objetividade uma religião, mentem.
Eles não querem ser objetivos, mentira: querem ser
objetos para salvar-se da dor humana.*
Eduardo Galeano⁴⁸

O leitor deve estar se perguntando o porquê do nome da oficina. Já sabemos simplificarmente que é uma oficina realizada com o objetivo geral de apresentar algumas produções em vídeo desenvolvidas pelos participantes ao final das atividades propostas como processos de autoanálise e autogestão. Certamente seu título está relacionado a este objetivo geral e será explicado mais adiante, quando poderemos detalhar outros conceitos que estão a ele relacionados. Antes será analisado o lugar da oficina na conjuntura das instituições sociais e no contexto da própria pesquisa.

4.1 A oficina – instituição, organização, estabelecimento, equipamento, agentes, práticas e ações

Analisando as conjunturas institucionais e o contexto em que esta pesquisa está inserida, podemos verificar – conforme o diagrama do capítulo anterior – as seguintes unidades: instituição, organização, estabelecimento, equipamento, agentes, práticas e ações. Seguindo o estudo sobre as descrições relativas a estas unidades, comecemos pela instituição.

Depois da representação de sociedade, que se configura por meio de um tecido de instituições, podemos dizer que esta pesquisa em EANF configura algumas instâncias institucionais, quais sejam: o amplo campo da entidade abstrata que lida, a partir de suas organizações, com a EANF. Esta disposição configura logo

⁴⁸ GALEANO, Eduardo. Celebração da subjetividade. In: _____. *O livro dos abraços* (2009, p. 118).

em seguida a busca por compreender em que âmbito organizacional ela está envolvida.

As instituições materializam-se através das organizações. Estas são compostas por um grande complexo organizacional. Em nosso caso, este complexo está relacionado ao Ministério da Educação. Esta organização, por sua vez, tem como necessidade para seu funcionamento um conjunto de estabelecimentos, entre eles temos a universidade e, mais especificamente, pensando em nosso contexto, a FURG. Quando citamos, por exemplo, a FURG como sendo a instituição à qual estamos vinculados, na verdade citamos um estabelecimento que representa uma instituição maior, a da Educação.

Sendo a universidade um estabelecimento, para que este exista em sua estrutura física precisamos dos equipamentos – as *instalações* do estabelecimento, suas salas de aula, prédios administrativos, almoxarifado, auditórios, bibliotecas, hospital universitário, centro de convivência, restaurante universitário, entre outros espaços. Ainda como equipamentos, mencionamos os *arquivos*, ou seja, documentos impressos e digitais, demais registros acadêmicos, livros etc. Finalizando as exemplificações, temos os *aparelhos*, representados por computadores, multimídias, automóveis, ferramentas etc.

Para que toda esta estrutura seja dinâmica, precisamos de agentes e suas práticas para colocá-la em funcionamento. Estes agentes somos nós, seres humanos, protagonistas de todo este diagrama. E, enfim, temos as práticas por nós desenvolvidas que, retomando, podem ser verbais, não-verbais, discursivas ou não, práticas teóricas, práticas técnicas, práticas cotidianas ou inespecíficas. As ações de toda essa parafernália acabam por operar transformações na realidade, conforme descrito por Baremlitt (2002, p. 28).

É nesse sentido que desenvolvemos a intervenção institucional, que para a pesquisa se apresenta como o dispositivo aplicado internamente ao seminário *As três ecologias de Félix Guattari*. Considerando o campo de intervenção, a oficina se apresentou como o principal ponto de partida.

Relembramos que durante as atividades de intervenção está também operando o campo de análise, pois se faz imprescindível a análise constante que leve ao entendimento cada vez mais ampliado da própria intervenção. Isso favorece o aprofundamento dos conteúdos discutidos, alicerçando conhecimentos por meio das vivências que flutuam em meio às *práxis ecológicas*.

Os participantes compuseram um grupo-sujeito, formado por onze educadores(as) ambientais em formação – dois homens e nove mulheres, de faixas etárias entre vinte e cinquenta anos, que se envolveram com as atividades do início ao fim da proposta. Desenvolveram-se atividades gerando discursos verbais e não-verbais, através das imagens e sons produzidos em seus vídeos; práticas teóricas nos estudos e reflexões sobre a ecosofia no contexto da educação ambiental; práticas técnicas no uso das ferramentas audiovisuais (câmeras de vídeo, fotográficas, computadores para edição, microfones etc.); práticas relacionadas aos seus projetos de pesquisa e outras que poderemos recordar no andamento deste trabalho.

Nossa oficina também pode ser considerada um mecanismo de implementação de práticas autoanalíticas e autogestionadas. Veremos a seguir como ela esteve estruturada para potencializar estas práticas.

4.2 A estrutura da oficina, as atividades e práticas de autoanálise e autogestão

Sendo os processos de autoanálise e autogestão fundamentais dentro da proposta de pesquisa, eles foram desenvolvidos nas atividades pedagógicas durante a oficina. Mas para que isso fosse possível nos eram necessários os equipamentos, ou seja, as *instalações* – a estrutura física para trabalhar, sala e cadeiras para realização dos encontros –, os *arquivos* – livros, textos impressos e digitais – e os *aparelhos* – as câmeras, microfones, computador para edição de vídeos etc. Dessa forma nos estruturamos para que fossem realizados seis encontros – de aproximadamente cinco horas cada – nas instalações da FURG TV, localizada no pavilhão 8 do Campus Cidade da Universidade (Figura 2). Os encontros ocorreram aos sábados, a partir das 14 horas, durante os meses de agosto e setembro de 2008.



Figura 2 – *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*, 2008
Arquivo de Cláudio Tarouco de Azevedo

Como já citamos, o diário de pesquisa foi um importante instrumento, que conserva algumas memórias e informações valiosas referente ao processo, inclusive anotações, reflexões e ações realizadas durante os seis encontros da oficina. “Entre o momento da escrita e o momento da leitura (do primeiro para o último), existe um espaço temporal que cria uma distância (permitindo uma postura crítica)” (HESS; WEIGAND, 2006, p. 17). Portanto, é com este olhar crítico que retomamos o diário para, em concordância com o campo de análise, observar nosso planejamento e estratégias; como ocorreram os encontros; as atividades que foram desenvolvidas e alguns de seus resultados; os recursos, as táticas e procedimentos.

4.2.1 Primeiro encontro – 9 de agosto de 2008

Nesta primeira atividade fizemos um reconhecimento das instalações da emissora, as salas de transmissão da programação, redação de jornalismo, edição de programas e vinhetas, a sala de manutenção e os equipamentos como: câmeras, microfones, holofotes etc. Os participantes fizeram perguntas e esclareceram dúvidas sobre diversas questões que envolvem as etapas de produção televisiva. Por exemplo, em relação à transmissão do sinal da emissora, que, no caso da FURG TV, se dá simplificada através de uma antena localizada em suas dependências e que emite o sinal para outras duas situadas nas operadoras de televisão a cabo locais, ViacaboTV e Net. Estas, por sua vez, reenviam o sinal aos assinantes.

Após o passeio pelas instalações da emissora, nos encaminhamos para um dos estúdios onde daríamos continuidade à proposta. A partir daí foi feita uma apresentação do planejamento das atividades da oficina e os recursos a serem utilizados. Podemos citar, em termos gerais, os seguintes procedimentos para sua realização: discussões sobre temas ambientais refletidos a partir da perspectiva ecosófica; estudo da linguagem audiovisual; a análise de filmes e vídeos; produção de exercícios práticos com o uso de câmeras, microfones, tripés e ilha de edição de vídeo; elaboração de roteiros para as produções e saídas de campo para coleta de imagens e sons. Utilizamos como recursos, basicamente, câmeras de vídeo, tripés, microfones, computador para edição dos vídeos, outros materiais audiovisuais como filmes e vídeos para análise e aparelho televisor.

Na continuidade, cada participante falou um pouco sobre sua experiência ou não, com as ferramentas audiovisuais, e suas expectativas em relação à oficina. De acordo com os apontamentos no diário de pesquisa, algumas pessoas já haviam tido contato com gravação de imagens em vídeo através de equipamentos amadores portáteis. Dos dez participantes que compareceram nesse dia, quatro já tinham experimentado o processo de edição com *softwares* amadores.

Propomos um adendo às questões discutidas durante o primeiro encontro para criar um ambiente de entendimento e reflexão sobre alguns assuntos referentes ao universo audiovisual. Descrevemos, conforme a evolução do texto, as relações destas análises com a oficina.

Observemos algumas características comuns entre a mídia televisiva e a cinematográfica. Elas têm em comum o fato de serem linguagens audiovisuais, no entanto, assim como para os idiomas, elas reservam certas particularidades que as distinguem umas das outras. São linguagens distintas no sentido de que, por exemplo, em relação ao cinema, a televisão – que está umbilicalmente associada ao vídeo, pois este é sua ferramenta de registros – se apresenta sem o “formato necessário para uso em uma exibição pública com uma audiência pagante, a começar pela resolução da imagem, passando pela proporção de tela, finalizando na duração dos programas” (LUCA, 2004, p. 223). A televisão tende a uma relação mais intimista com seu público, diferente das exibições de cinema em que dispomos de um ambiente público-privado, no qual diversas pessoas – muitas desconhecidas umas das outras – ocupam e usufruem o mesmo espaço. Importante deixar claro que as distinções entre estas linguagens não se findam em suas características

técnicas, mas estão presentes também no que se refere aos aspectos conceituais, estéticos, políticos e econômicos.

No entanto, existe uma relação forte de hibridismo entre os veículos midiáticos que são concebidos no mundo audiovisual e sua própria linguagem, sem intenção de estabelecer qualquer hierarquia de valores entre as diversas instâncias midiáticas. Com o passar do tempo, cada vez mais vão se intensificando as relações entre as diferentes formas de expressão.

O cinema, hoje, é visto na televisão, como a pintura, há bastante tempo, é vista em reprodução fotográfica. Os cruzamentos, as trocas, as *passagens* da imagem são cada vez mais numerosos e parece-me que nenhuma categoria particular de imagem pode atualmente ser estudada sem que se considerem todas as outras (AUMONT, 1993, p. 14).

Nesse sentido procuramos discutir durante os encontros as diversas categorias de imagens, problematizando suas relações sociais a partir da ecosofia, ou seja, no âmbito dos seus três domínios já descritos. Nessa perspectiva sobre os cruzamentos entre diferentes categorias de imagens, Philippe Dubois enfatiza um viés de relação entre vídeo e cinema, “não o cinema contra o vídeo, mas o cinema e o vídeo, um com o outro, os dois juntos, ao mesmo tempo, no horizonte de um mesmo e único olhar” (2004, p. 177).

Para dar um exemplo desse olhar, que nos é contemporâneo, vamos citar dois filmes para refletir este viés de interação. O primeiro, *Assassinos por natureza*, de Oliver Stone, traz algumas cenas em que uma equipe de reportagem de TV passa a protagonizar a narrativa. Por alguns momentos passamos a assistir a um noticiário de telejornalismo sangrento. Ainda em relação ao cinema, agora tecnicamente, o segundo filme, *Império dos sonhos*, de David Lynch, em vez de ser filmado em película, foi gravado com uma câmera de vídeo digital Sony PD-150⁴⁹, e posteriormente passou por um processo chamado *transfer* – do inglês transferir –, que consiste em transferir o material audiovisual de formatos analógicos e/ou digitais para película, viabilizando a exibição em salas convencionais de cinema. No entanto, se fosse o inverso, seria necessário um processo chamado telecinagem,

⁴⁹ Informações obtidas no catálogo de filmes do seminário *Cinema Digital: novos formatos de expressão e difusão audiovisual*, ocorrido de 9 a 12 de setembro de 2008 na Cinemateca Brasileira. Disponível em: www.cinemadigitalnovosformatos.org.br. Acesso em: 30 jan. 2010.

que, segundo o diretor e produtor de cinema Chris Rodrigues, consiste em “transformar película em digital” (RODRIGUES, 2002, p. 48).

No caso contrário, do cinema na TV, o mais evidente é pensarmos nas transmissões de filmes nos canais televisivos. Para que isso aconteça, além da telecinagem – que transforma o filme em digital, possibilitando gravá-lo em diversas mídias – precisaremos de outros ajustes para uma melhor exibição em TV. A criação de barras pretas em cima e abaixo da imagem configuram alguns destes ajustes. Isto serve para transformar o enquadramento de 16:9 do cinema – também chamado *widescreen* e utilizado devido ao formato da tela de exibição – para 4:3, que é o formato de tela da maioria dos aparelhos de TV, embora já se tornem comuns os televisores com o formato de tela 16:9. Enfim, feitos estes ajustes, os filmes estão prontos, tecnicamente, para exibições em televisores e chegam às locadoras, possibilitando sessões privadas.

Mas as linguagens audiovisuais não se restringem ao cinema e à TV, como já vimos no primeiro capítulo, sendo ricas e expressivas em suas variadas facetas como o vídeo, através dos equipamentos portáteis de captura de imagens – telefones celulares, pequenas câmeras digitais etc. –, a Internet, entre outras ferramentas computacionais que geram esta grande rede de informações. O filósofo Pierre Lévy, ao discorrer sobre as redes e sua evolução, analisa que a principal tendência neste domínio é a digitalização, “que atinge todas as técnicas de comunicação e de processamento de informações” (2004, p. 102). Assim, a digitalização, segundo Lévy “conecta no centro de um mesmo tecido eletrônico o cinema, a radiotelevisão, o jornalismo, a edição, a música, as telecomunicações e a informática” (id., *ibid.*). Essa união dos meios e o apanhado de elaborações específicas de cada veículo em processo de interação uns com os outros, engendram uma mestiçagem que desenvolve e possibilita, cada vez mais, com os avanços tecnológicos, uma linguagem audiovisual que dissolve fronteiras.

Com esta expansão exponencial das mídias, é importante atentar mais uma vez para a influência que sofremos. Pensar sob a perspectiva da ecologia mental é fundamental, pois “ela será levada a procurar antídotos para a uniformização midiática” (GUATTARI, 1993a, p. 16). Iremos colocando nossas atividades ao longo da oficina como um desses antídotos, refletindo e discutindo criticamente, com o grupo-sujeito, os efeitos dessas mídias em nossas relações por elas mediadas.

Assim, durante o primeiro encontro da oficina discutimos o poder de influência da mídia em nossas vidas, em nosso cotidiano. Realizamos um diagnóstico que aponta para uma passividade frente à mídia televisiva, conforme constata a filósofa Marilena Chauí: “os meios de comunicação nos satisfazem porque nada nos pedem, senão que permaneçamos para sempre infantis” (2006, p. 53). Essa infantilização promovida pela mídia está relacionada ao segundo momento do nosso encontro, que se ateve a estudar as etapas de produção de um vídeo, compreender um pouco mais sobre a linguagem audiovisual e amadurecer nosso entendimento sobre as produções em vídeo. Íamos desenvolvendo um olhar mais atento e menos ingênuo em relação à mídia, à medida que descobríamos como ela arquiteta suas produções.

Para auxiliar neste processo consideramos relevante analisar as etapas de produção de um vídeo, de acordo com alguns passos básicos:

- Concepção: idéias formuladas acerca do tema a ser tratado;
- Roteiro: sistematização das idéias. Momento de pensar e organizar os elementos de áudio e vídeo. Imaginar imagens, enquadramentos, sons etc. Utilizamos como modelo de roteiro básico para produção dos vídeos o mesmo apresentado no curso do Ministério da Educação intitulado *TV na escola e os desafios de hoje*⁵⁰, conforme anexo 5;
- Produção: momento de fazer os contatos necessários para viabilização do vídeo, agendar entrevistas, preparar figurino (quando necessário) e programar hora, data e local para saídas de campo;
- Gravações: etapa de captação de imagens;
- Pós-produção: captar informações que possam complementar o vídeo, como, por exemplo, fotografias, textos, recortes de jornais e revistas etc.;
- Edição: momento de organizar o material coletado para montar o vídeo. É nesse momento que podemos acrescentar informações ou remover os excessos. Na edição é possível ditar um novo tom para o que foi gravado. Consiste numa etapa de preparação e finalização. Também chamada de

⁵⁰ *TV na escola e os desafios de hoje*: curso de extensão para professores do ensino fundamental e médio da rede pública UniRede e SEEd/MEC. 2. ed. Coordenação de Leda Maria Rangearo Fiorentini e Vânia Lúcia Quintão Carneiro. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2002. Módulo 3 – Experimentação: planejando, produzindo, analisando.

montagem quando se trata de cinema, é “a ordenação final dos planos e ritmo, tempo final do filme e acentuação dramática das cenas, utilizando diálogo, música e ruídos” (RODRIGUES, 2002, p. 48);

- **Divulgação:** momento de planejar e analisar as possibilidades de exibição do material finalizado. Como, onde e para que público apresentar a produção?

A seguir apresentamos um breve vocabulário sobre os enquadramentos de câmera, angulações e movimentos, bem como outros termos utilizados neste campo de conhecimento:

- *Off:* texto narrado sem a imagem do narrador, que deverá ser ilustrado e complementado com imagens e, eventualmente, outros sons;
- *Sonora:* parte da entrevista com a resposta do entrevistado;
- *Insert:* imagem ou som para complementar e dar ritmo à edição;
- *Movie (.avi):* um tipo de formato de captura de vídeo;
- *Iris:* espécie de olho da câmera por onde passa a informação luminosa. É possível alterar a abertura para adequar a condição de luz;
- *Zoom:* movimento de lente que permite aproximar ou afastar o enquadramento do objeto. Mais usado “no telejornalismo, pois o que mais importa é a clareza do objeto filmado, do qual nem sempre podemos chegar perto” (RODRIGUES, 2002, p. 36);
- *Panorâmica:* é o “movimento da câmera sobre seu próprio eixo, no sentido da esquerda para direita ou vice-versa (id., ibid.);
- *Travelling:* deslocamento da câmera com o auxílio de uma plataforma chamada *Dolly* que consiste em uma estrutura com rodas, podendo ser conduzida sobre trilhos. Muito frequentemente é utilizado para acompanhar o movimento dos personagens ou de algo que se move. Algumas alternativas criativas também possibilitam esse movimento: gravar com a câmera em cima de uma bicicleta, *skate* ou mesmo de dentro de um automóvel;
- *Plongé:* em francês, mergulhar, também conhecido como câmera alta. É um tipo de enquadramento em que a câmera “vê” a pessoa/objeto de cima

para baixo; “faz o ator parecer inferior (ex.: o réu diante do juiz)” (id., p. 43);

- *Contra-plongé*: é um tipo de enquadramento em que a câmera “vê” a pessoa/objeto de baixo para cima, também conhecida como câmera baixa. Tem objetivo de criar sensação de superioridade;
- *Tipos de planos (enquadramentos)*: em linhas gerais existem basicamente três tipos de planos com variações funcionais para a narrativa: plano fechado, que tem função de denotar emoção na cena; plano médio, com características narrativas, e plano aberto, que descreve o lugar onde ocorre a ação;
- *Close*: é um plano fechado e “também chamado de primeiríssimo plano. Mostra o rosto inteiro do personagem, do ombro para cima, definindo a carga dramática do ator (id., p. 30);
- *Plano conjunto*: é um plano médio em que aparecem em média duas ou três pessoas;
- *Plano geral*: é um tipo de plano aberto utilizado “para mostrar o prédio ou a casa onde a cena se desenvolve” (id., p. 27);

Após esta abordagem assistimos a um vídeo do canal TV Escola⁵¹, que possibilitou enfatizar alguns dos elementos da linguagem descritos acima. Ele descreve as etapas de produção de um vídeo e discute seus usos em atividades pedagógicas.

A partir destas atividades refletimos a possibilidade de pensar nossos olhos como sendo a própria câmera, a cabeça como o próprio corpo da câmera. Jacques Aumont e Michel Marie constatam que esta comparação “deriva de ideias antigas, já ditas a propósito da fotografia, o olho e o aparelho de tomadas de cenas considerados intermutáveis porquanto ocupam o mesmo ponto de vista” (2003, p. 40). Ou seja, ao olhar por uma janela, ao andar de ônibus ou de carro estamos executando um *travelling*; ao observar uma flor bem de perto estaremos próximos de um *close*. Dubois corrobora: “quem ao percorrer de carro um longo trajeto numa vasta paisagem

⁵¹ *TV na escola e os desafios de hoje*. Analisando e experimentando o audiovisual: oficina de vídeo na escola/módulo 3, unidade 1. Ministério da Educação. Brasil, 2002. Direção: Getsemane Silva e Carol Vergolino. CPCE/UnB. Gênero: videoaula. 1 VHS/NTSC, color. (15 min).

aberta, não pensou, com a ajuda da música no rádio, numa figura de *travelling* mergulhando na tela panorâmica de seu pára-brisa?” (2004, p. 25).

Essa metáfora vem ao encontro do exercício de pensar e imaginar os enquadramentos, angulações e movimentos de câmera e aprimora o olhar de quem trabalha, ou irá trabalhar, com a captação de imagens, o que em muito auxilia no processo de edição e pós-produção de imagens e sons.

Enfim, com base nas atividades expostas, lançamos uma proposta para ser exercitada a partir dos conhecimentos discutidos. Assistir à TV com um olhar atento às questões técnicas da linguagem, procurando relacionar o que se vê com as intenções de quem o produziu. Resolvemos também que a partir do próximo encontro os colegas que tivessem e quisessem levar algumas imagens produzidas, mesmo aquelas sem edição prévia, poderiam apresentá-las para desenvolver uma autoanálise com o grupo.

4.2.2 Segundo encontro – 16 de agosto de 2008

De acordo com o que havíamos conversado, alguns colegas levaram seus vídeos para analisarmos. Assistimos a dois vídeos produzidos por participantes distintos, um com edição e outro sem edição. Relacionamos os trabalhos apresentados com os conhecimentos discutidos no encontro passado e assim fomos avançando no processo de autoanálise, partindo das experiências dos envolvidos na própria proposta.

A partir daí seguimos para uma etapa de organização dos grupos, considerando que a distribuição dos participantes era uma decisão a ser tomada por eles mesmos. Quem desejasse poderia produzir um trabalho individual. Cabe salientar que durante os encontros regulares do seminário os participantes já vinham refletindo e elaborando suas propostas de trabalho fundamentadas na ecosofia. Enfim, foram firmados cinco projetos de microintervenções, distribuídos em dois trabalhos individuais, duas duplas e um grupo de cinco pessoas. Este último vinha trabalhando, havia algum tempo, no projeto do evento *1.º Encontro de Diálogos pela Educação Ambiental*, citado no primeiro capítulo deste trabalho. Assim, vamos ao entendimento do que são as microintervenções.

Denominamos microintervenções as pequenas intervenções necessárias para realização de transformações locais, o que não significa desconsiderar as problemáticas em maior escala. É fundamental esta compreensão, pois

o Institucionalismo confia em analisar e propiciar as mudanças locais, as transformações microscópicas, as conexões circunstanciais, porque espera delas efeitos à distância que, ao se generalizarem, resultam nas grandes metamorfoses, do instituído e do organizado, o detectável e consagrado. Dito com outras palavras, o Institucionalismo pensa que as pequenas conexões locais são o lugar do instituinte, e entendê-lo assim está estritamente relacionado com as estratégias de intervenção nos âmbitos, nos espaços de atuação que o Institucionalismo vai tentar propiciar (BAREMBLITT, 2002, p. 41).

A oficina se propõe ser um desses espaços que, a partir do domínio da ecologia social – que pouco a pouco vai aglutinando os outros dois domínios –, se apresenta para fazer funcionar “práticas efetivas de experimentação [...] nos níveis microssociais” (GUATTARI, 1993a, p. 16).

Para que o grupo organizasse sua proposta em relação ao vídeo, foi oferecida uma folha de preenchimento para distribuição do cronograma da microintervenção (Anexo 6). Nesse formulário utilizado para sistematizar as ideias do grupo, lançamos algumas questões provocativas para auxiliar no projeto de cada um: *Qual nossa intenção? Onde? Com quem? Quando será realizado? Como fazer? O que gravar?* Ao responder a estas perguntas os participantes poderiam encontrar um “fio condutor” para auxiliar na elaboração da proposta.

Ainda nesse segundo encontro fizemos um breve exercício com uma câmera de vídeo, microfone e tripé para familiarização com aqueles que seriam alguns dos nossos recursos de trabalho, desenvolvendo assim uma pedagogia da autonomia, no sentido de que os envolvidos iam tomando contato com equipamentos necessários a uma prática a ser desenvolvida por eles. Um contato no qual cada um podia experimentar, manusear e tirar dúvidas sobre os mecanismos técnicos em questão.

4.2.3 Terceiro encontro – 23 de agosto de 2008

Conforme registra o diário de pesquisa: “dia lindo de sol!”. No primeiro momento assistimos a mais vídeos levados por alguns componentes do grupo.

Discutimos aspectos técnicos e as motivações para a realização dos trabalhos. Também refletimos sobre a condição de espectadores. Como olhamos e interpretamos as informações, os conteúdos e o poder que os movimentos de câmera, enquadramentos e angulações têm de produzir sensações, as quais percebemos através de nossos sentidos – olfato, visão, paladar, audição e tato. O professor Jun Okamoto frisa que, “pela ênfase nas imagens visuais, estes sentidos são considerados os meios mais importantes para se enxergar a realidade, com a predominância aparente da visão” (1996, p. 84). Essa aparente predominância se deve ao fato de que as imagens estão postas não apenas no domínio visual – “desenhos, pinturas, gravuras, fotografias e as imagens cinematográficas, televisivas, holo e infográficas” (SANTAELLA; NÖTH, 1997, p. 15) –, mas também no domínio mental, ou seja, num domínio imaterial. Nele as “imagens aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos ou, em geral, como representações mentais” (id., ibid.). Assim, podemos dizer que as imagens formam um circuito inter-relacionado, no qual

Ambos os domínios da imagem não existem separados, pois estão inextricavelmente ligados já na sua gênese. Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais (id., ibid.).

Portanto, enxergar a realidade significa adentrar em um universo para além das imagens. Significa transcender o que vemos para uma relação com o que já conhecemos. Olhar o mundo, portanto, significa envolver-se de forma mais profunda; olhar é não apenas

dirigir os olhos para perceber o “real” fora de nós. É, tantas vezes, sinônimo de *cuidar*, *zelar*, *guardar*, ações que trazem o outro para a esfera dos cuidados do sujeito: olhar por uma criança, olhar por um trabalho, olhar por um projeto. E, não por acaso, o italiano *guardare* e o francês *regarder* se traduzem precisamente por “olhar” (BOSI, 1988, p. 78).

Um cuidado que enfatizamos desde o início de nosso estudo. E é com este cuidado e com o cuidado que indica cautela – o cuidado para não interpretar as informações de forma ingênua –, que refletimos sobre nossa posição enquanto

espectadores e futuros produtores dos vídeos, pois estão em jogo, quando os sujeitos-espectadores assistem a uma produção audiovisual, não somente suas capacidades perceptivas em relação a esta, mas também os aspectos do “saber, os afetos, as crenças, que, por sua vez, são muito modelados pela vinculação a uma região da história (a uma classe social, a uma época, a uma cultura)” (AUMONT, 1993, p. 77).

Constituem-se assim as comunicações e as múltiplas relações existentes entre quem assiste e quem produz as informações. Estes diversos fatores afetivos, do saber, entre outros, propiciam interconexões estabelecidas pelos sujeitos. Situações que envolvem desejos, emoções, sentidos e racionalizações através das diversas formas de escrita que se desenvolvem com as ferramentas tecnológicas, engendrando a sociedade em meio a um hipertexto comunicativo – “uma metáfora válida para todas as esferas da realidade em que *significações* estejam em jogo” (LÉVY, 2004, p. 25). Como por exemplo, quando ao sentir um cheiro específico nos lembramos de uma pessoa, ou ainda quando ao digitarmos uma palavra no buscador do site do *Google* podemos chegar a algum lugar que não pretendíamos inicialmente.

Sendo o espectador envolvido por tantos aspectos, procuramos realizar, num segundo momento das atividades, uma saída de campo para um exercício de gravação e manejo do equipamento. Os participantes dividiram-se em dois grupos para esse exercício, tendo que, previamente, elaborar uma proposta de mini-roteiro baseada na ecosofia (Figuras 3 e 4). Esse exercício visava a contribuir com a proposta final de roteiro a ser organizado para a microintervenção.



Figuras 3 e 4 – *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*, 2008
Fotos: Cláudio Tarouco de Azevedo

A seguir fomos para a saída (Figuras 5 e 6) aos arredores do Campus Cidade da Universidade, próximo à FURG TV, onde aconteciam os encontros. Posteriormente um grupo comentou a produção do outro. Logo após, cada um falou de sua experiência, explicando a escolha do tema, dos enquadramentos, angulações e movimentos de câmera.



Figuras 5 e 6 – *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*, 2008
Fotos: Cláudio Tarouco de Azevedo

Discutimos também sobre a função do cinegrafista, pois quanto mais ampla for sua percepção do ambiente, quanto mais se envolver com os espaços destinados as gravações, mais possivelmente descobrirá situações que poderão favorecer os registros e futuramente a edição. Portanto, gravar imagens e sons requer um olhar atento e envolvido.

4.2.4 Quarto encontro – 30 de agosto de 2008

Durante a semana que antecedia esse encontro foi feita, sem o conhecimento do grupo, uma edição com as imagens produzidas por eles no encontro anterior. A proposta era dar um exemplo, a partir da produção das imagens feitas por eles, de quanto podemos manipular e dar sentido às informações coletadas inicialmente. Foram editados dois vídeos que se encontram nos “extras” do DVD em anexo (Anexo 7).

Além da surpresa, foram possíveis novas discussões sobre a manipulação das informações, chegando a constatações e discussões sobre a forma com que a mídia televisiva conduz suas diretrizes de programação, influenciando os padrões de comportamento e a organização social.

Explorando os recursos da linguagem audiovisual, foi possível, pouco a pouco, entender melhor como a TV está presente, direta e indiretamente, em nossas vidas. Enfatizamos que discutimos frequentemente sobre outras mídias como o cinema, a Internet etc., embora tenhamos identificado na mídia televisiva um potencial considerável de influência em nossos comportamentos.

Portanto, no momento em que discutíamos tais questões sobre a mídia, íamos criando um entendimento relacionado com nossa *práxis ecológica*, no sentido de que relacionávamos as reflexões, vivências e experiências do próprio grupo a um processo de descongestionando das percepções em relação à mídia.

A mídia se utiliza de equipamentos que são “conglomerados complexos, montagens de diversas materialidades (mais especificamente de recursos técnicos), prevalentemente a serviço da exploração, dominação e mistificação” (BAREMBLITT, 2005, p. 150).

A partir de seus instrumentos, a mídia ganha intensa penetração social. Lévy afirma que “é ao redor dos equipamentos coletivos da percepção, do pensamento e da comunicação que se organiza em grande parte a vida da cidade no cotidiano e que se agenciam as subjetividades dos grupos” (1993, p. 187).

Corroborando o que já vimos sobre as subjetividades, podemos verificar que elas são produzidas através dos

processos de produção de subjetividade pelos quais as sociedades tendem a reproduzir sujeitos idênticos ou similares, segundo os padrões dominantes do grupo ou classe de que se trate e de acordo com os moldes do instituído – organizado – estabelecido (BAREMBLITT, 2005, p. 170).

Complementando, o professor William Cesar Castilho Pereira diz que “no plano da subjetividade, o homem moderno é conduzido em um processo de despersonalização (1997, p. 42). Desse modo, nossa intenção com as atividades da oficina é justamente propor outro tipo de produção de subjetividade, que possibilite aos indivíduos e aos grupos a autogestão para que possam produzir e criar a partir de seus próprios desejos e necessidades. Trata-se de se debruçar sobre dispositivos como a intervenção institucional para ir “no sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva (...)” (GUATTARI, 1993a, p. 15). Isso significa buscar novas formas de agir e pensar, diferente da tendência uniformizadora

implementada pela produção de subjetividade singularizada da mídia, uma produção que tende a traduzir uma sociedade composta de estereótipos, uma sociedade de poucos diferentes e muitos iguais.

Portanto, para gerar esta re-singularização, um dos caminhos possíveis é a autoanálise, que poderá produzir outro tipo de subjetividade nos sujeitos. Isso possibilitará aos “coletivos o conhecimento e a enunciação das causas de sua alienação” (BAREMBLITT, 2005, p. 139), pois “torna-se urgente achar antídotos para as uniformizações da mídia” (MENDES, 1997, p. 26)⁵². Assim, o antídoto que descobrimos foram as microintervenções. Estas são eficazes no momento em que propiciam aos sujeitos a experiência de um processo de autoanálise sobre a mídia e a autogestão em relação às suas produções em vídeo. Estes exercícios auxiliam a pensar e dissecar a construção de subjetividade criada pela mídia, trazendo à tona uma maior compreensão sobre as formas de produção de subjetividade.

Com a oficina desencadeamos esses processos autoanalíticos e autogestionários que alavancam o que podemos chamar de *Klinamen* – vocábulo derivado do grego que significa desvio, invenção⁵³, e que alude à ideia

democritiana de que la realidad esta constituida por “átomos que caen en el vacío según trayectorias rectas”. Cuando uno de ellos se “desvia” y entra en colisión con otro, en un mínimo de tiempo pensable, se crea una nueva unidad, inexistente hasta el momento, que constituye una “invención”. A ése “desvío” se le denomina klinamen (BAREMBLITT, 2000, [s. p.]).

As microintervenções, logo, possibilitam estas invenções, estes desvios. Podemos considerar os próprios encontros da oficina como espaços que provocaram estas colisões. Embora tenham acontecido no curto espaço de tempo dos seis encontros, culminaram com a elaboração dos vídeos. Estes possuem em sua gênese características potencialmente capazes de produzir novos *klinamens*, seja através de novas análises, considerando eventuais exposições, ou ainda como motivadores de novas produções criativas. Outras possibilidades podem surgir, por exemplo, através de intercâmbio dos materiais audiovisuais para discussão de

⁵² Extraído do texto de apresentação da mesa-redonda intitulada “A ecologia da mente – produção de subjetividade humana”, ministrada pela psicóloga Eliana Rodrigues Pereira Mendes, e que consta no livro: *A cidade vivente: subjetividade, socialidade e meio ambiente na cidade contemporânea*. Belo Horizonte: Movimento Instituinte de Belo Horizonte; Engendra; Instituto Félix Guattari, 1997.

⁵³ Disponível em: <http://fgbbh.org.br/glossario.htm> . Acesso em: 25 fev. 2009. Site da Fundação Gregorio Barembliitt – Instituto Félix Guattari.

temas ambientais e exibição em diversos espaços, podendo estes vídeos ser aproveitados de outras variadas formas.

Voltamos ao nosso problema de pesquisa proposto ao final do primeiro capítulo: “Que tipo de movimento é necessário para produzir grupos que consigam subverter a lógica instituída, conservada? E que tipos de materiais podemos produzir para utilizá-los como instrumentos de subversão, reflexão e provocação de discussões alternativas ao que é instituído pela grande mídia? De que maneira podemos contribuir com a EANF?”

Começamos a cogitar uma alternativa através dos *klinamens*, desencadeando um movimento capaz de produzir novas subjetividades no grupo-sujeito. Um tipo de subjetividade oposta àquela implementada pelo instituído; uma subjetividade produtora de reinvenções, criativa, geradora de coisas novas que subvertam os estados de estagnação. E mais, temos o espaço da oficina como um pequeno nicho no qual se desenvolvem estas transformações no pensamento dos sujeitos, em suas próprias subjetividades. Já os vídeos são instrumentos que possibilitaram novos *klinamens*. No capítulo a seguir analisamos os questionários realizados com o grupo para observar que tipo de subjetividades foram produzidas por meio dos *klinamens* e quais aplicações foram e estarão sendo possíveis de se executar através dos vídeos produzidos.

Retomando nossa atividade, após assistir e discutir sobre os vídeos – que haviam sido resultados do exercício de captura de imagens do encontro passado – fomos para mais uma atividade prática. Desta vez com a proposta – dentro do próprio espaço físico em que realizávamos a oficina – de experimentar estar na condição de entrevistado, repórter e cinegrafista (Figuras 7 e 8).



Figuras 7 e 8 – Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural, 2008
Fotos: Cláudio Tarouco de Azevedo

A ideia era de que cada um pudesse passar por uma dessas condições. A decisão de como conduzir a proposta e o desejo de estar ou não naquelas condições era resolvido entre os participantes envolvidos na dinâmica. A atividade seguia na mesma perspectiva de pensar e produzir sobre as questões ecosófica e o que vínhamos discutindo. Um exercício de entrecruzamento entre a ecosofia e as práticas audiovisuais que iam proporcionando experiências possíveis de alicerçar ambos os conhecimentos, técnicos e conceituais. Os resultados dessa atividade estão nos “extras” do DVD em anexo (Anexo 7), no *link* “entrevistas”.

Enfatizamos mais uma vez que foi propiciado aos participantes o desafio de participar das decisões coletivas, sendo proporcionadas situações para um desenvolvimento das condições autogestionárias. Uma autonomia “centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade” (FREIRE, 1996, p. 107).

Por fim, fizemos uma introdução ao *Premiere*, um *software* de edição profissional da linha *Adobe* (Figuras 9 e 10). Assim fomos dando continuidade ao aprendizado nos usos dos nossos equipamentos, neste caso, do computador. Com o material produzido pudemos conhecer a *interface* (Figura 11) do programa e os fundamentos básicos de edição de vídeo, como:

- Criar um projeto de edição no *Premiere*;
- Capturar – transferir o conteúdo gravado na câmera para dentro do computador;
- Conhecer os recursos disponíveis no *software*, como as janelas de efeito e transições de sons e imagens, o monitor, a janela de ferramentas de corte etc. e o *timeline* (do inglês, “linha do tempo”) – espaço no qual concentramos os arquivos a serem editados para executar os cortes, aplicar efeitos, inserir trilha sonora, entre diversas outras mobilidades que o programa disponibiliza;
- Inicialmente criamos um projeto e executamos pequenos corte no material que havia sido produzido, com a intenção de uma primeira aproximação com a *interface* do programa.



Figuras 9 e 10 – Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural, 2008
Fotos: Cláudio Tarouco de Azevedo

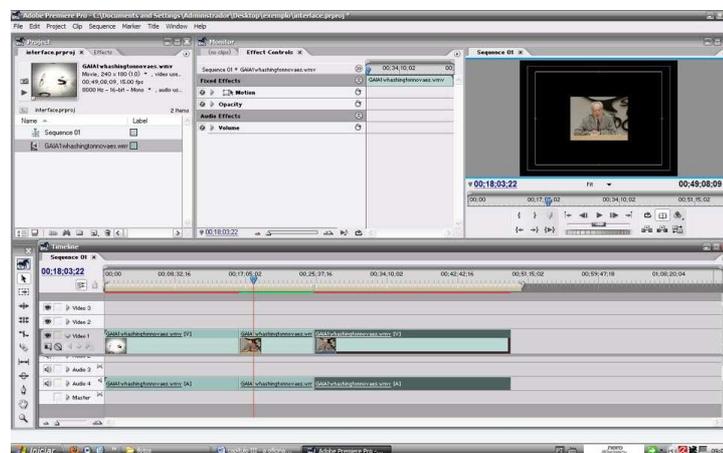


Figura 11 – Interface Adobe Premiere, 2010
Imagem digitalizada: Cláudio Tarouco de Azevedo

4.2.5 – Quinto encontro – 6 de setembro de 2008

No quinto encontro, inicialmente assistimos a um curta-metragem intitulado *Olho na nuca*⁵⁴, dirigido por Rodrigo Plá. Esse filme foi escolhido, tanto por sua qualidade técnica que possibilita uma reflexão sobre a linguagem audiovisual, quanto pela temática capaz de suscitar reflexões sobre a ecosofia. *Olho na nuca* discute o tema da ditadura uruguaia e seus resquícios nefastos aos que sofreram e sofrem os “fantasmas” que restaram daquele período histórico.

⁵⁴ *Olho na nuca*. Espanha, México, 2000. Direção: Rodrigo Plá. DreamLand Filmes. Gênero: drama. 1 DVD/NTSC, color. (25min). O filme mostra um jovem que sai do México em direção ao Uruguai (sua antiga moradia) para fazer justiça com as próprias mãos, realizando um verdadeiro duelo com o general que torturou e matou seu pai 20 anos antes. Isso tudo, devido à continuação da lei que dá anistia aos militares acusados de violações dos direitos humanos durante a ditadura (1973 a 1984). Com ótimas atuações e muito bem filmado, carrega um clima angustiante e contundente do início ao fim da película. O curta-metragem consta nos “extras” do filme “Zona de crime”. Disponível em: http://oglobo.globo.com/blogs/cineclubepost.asp?t=o-olho-na-nuca&cod_Post=109494&a=295. Acesso em: 03 jan. 2010.

Antes de nossa sessão começar, pedimos que os participantes fizessem, ao longo da sessão, anotações relacionando os acontecimentos do filme com a ecossocia, bem como sobre suas percepções em relação à linguagem audiovisual. Logo após a exibição do material, conversamos sobre o que havia sido assistido.

Refletimos sobre os transtornos causados pelas torturas físicas e psicológicas que, da perspectiva ecológica mental, prejudicam profundamente a subjetividade, tanto ao nível das patologias mentais, como ao ponto de transformar os sujeitos em indivíduos igualmente agressivos. E ainda, nesse contexto, analisamos como foi conduzida a narrativa do curta-metragem. Elementos como a luz, os enquadramentos, a música, entre outros, foram bem explorados, criando um ambiente propício para que a história acontecesse.

Após a análise feita pelo grupo e com o grupo, retomamos a escrita do roteiro pelos grupos. A exibição do curta-metragem foi utilizada também para auxiliar no processo de elaboração de roteiro, de forma a suscitar a reflexão sobre a elaboração de um material audiovisual. Ficou claro que a proposta era livre e a decisão de que tipo de material produzir era inteiramente dos responsáveis por seus projetos, tanto que, de acordo com o DVD produzido (Anexo 7), as produções oscilaram de vídeos mais poéticos e contemplativos a outros mais documentais, como observaremos mais adiante.

4.2.6 Sexto encontro – 13 de setembro de 2008

Finalizando a etapa de encontros, fizemos mais um exercício de captura de imagens e edição, bem como o trabalho de roteiro. Tempo curto, porém bem aproveitado. Desde o início das atividades deixamos claro que não haveria regras quanto às funções de produtor, editor, cinegrafista, a serem desempenhadas. Ninguém era obrigado a desempenhar determinada função que não lhe interessasse, a ideia era criar condições para que, cada um de acordo com sua vontade e desejo, pudesse experimentar quantas funções lhe fossem interessantes dentro da produção audiovisual.

Enfim, criamos os cronogramas de execução dos projetos em vídeo, de modo a facilitar o planejamento e realização das etapas necessárias para que cada um pudesse, através do resultado final, expressar suas ideias e pensamentos.

Tínhamos desde o primeiro encontro uma lista de *e-mails* que também foi utilizada para sanar dúvidas. Nesse encontro final (Figura 12) frisamos que, em qualquer dificuldade com a execução das propostas, estaríamos disponíveis para dar suporte e auxiliar conforme as necessidades.

Importante dizer que sempre fazíamos um intervalo para um lanche coletivo, no qual discutíamos diversos assuntos e fortalecíamos as relações de amizade e companheirismo entre os participantes.



Figura 12 – *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*, 2008
Arquivo de Cláudio Tarouco de Azevedo

4.3 Os vídeos produzidos

Ao longo das atividades da oficina discutiram-se diversos aspectos da linguagem audiovisual, passando do cinema, TV, vídeo e chegando a Internet e as relações de domínio e controle social impostas pela grande mídia, procurando sempre fazer estas análises com as “lentes” ecológicas da ecosofia, nos domínios ambiental, social e mental.

Após os encontros da oficina, ocorreram outros em particular com cada grupo. Em algumas situações, para auxiliar em tomadas de imagens, em outras para solucionar dificuldades com a edição. O contato por *e-mail* também foi fundamental para a solução de dúvidas, principalmente sobre a edição. Ao final da proposta os grupos-sujeito apresentaram cinco vídeos, que foram compilados em um DVD (Anexo 7).

Salientamos que os agentes da proposta foram os próprios participantes da oficina, o professor responsável pelo seminário e o oficineiro, que desenvolveram suas práticas de autoanálise e autogestão para colocar em funcionamento as ações de microintervenção com a intenção de transformação das realidades às quais seus projetos estavam relacionados.

Os elos dos vídeos com a EA estão no conteúdo produzido sob a perspectiva ecosófica, sendo esta carregada de uma proposta igualmente ambiental já exposta anteriormente. Com os vídeos temos, portanto, um resultado das “lentes” subjetivas ambientais que capturaram diferentes realidades, produzindo novos significados sobre o contexto local das microintervensões desenvolvidas. Significados capazes de produzir *klinamens* através das subjetividades características dos sujeitos locais, fugindo dos padrões massificados muito recorrentes na mídia contemporânea globalizada.

Segue, em ordem alfabética em relação aos títulos dos vídeos, uma breve sinopse sobre cada uma das cinco produções desenvolvidas e que se encontram no DVD anexo a este trabalho (Anexo 7).

1. **“I EDEA”**

O vídeo apresenta um panorama geral do que foi o I Encontro de Diálogos pela Educação Ambiental (EDEA), organizado por um grupo de discentes do PPGEA, em 2008.

2. **“3 ecologias”**

A partir de uma linguagem poética, o vídeo relaciona imagens e sons que instigam reflexões sobre questões ambientais, os resíduos produzidos pela espécie humana e a interferência da mesma nos ambientes.

3. **“Cassino, a outra cara do balneário”**

O vídeo apresenta o Balneário Cassino, localizado na cidade do Rio Grande, por uma perspectiva pouco peculiar. Através de um passeio com um grupo de crianças do ensino fundamental, descobrem-se aspectos pouco abordados pela mídia. Os problemas do lixo, da falta de cuidados com animais de outras espécies e a expansão do mercado imobiliário local.

4. “Oficina de higienização corporal e ambiental”

O trabalho apresenta imagens da Oficina de higienização corporal e ambiental, realizada no Colégio Pelotense, estabelecimento público da cidade de Pelotas - RS, município vizinho a Rio Grande. Ao assistirmos às imagens produzidas durante a oficina, pouco a pouco temos a oportunidade de ler alguns textos explicativos sobre os objetivos da proposta, que passam com as imagens ao fundo.

5. “Visitando a escola”

Esta proposta mostra as atividades desenvolvidas na Escola Municipal Manoel Martins Mano, localizada no bairro Parque São Pedro, na cidade de Rio Grande. O vídeo apresenta as instalações da escola, algumas atividades extraclasse e a relação das crianças com o próprio espaço escolar.

Podemos, enfim, conceituar estes vídeos como materiais audiovisuais ambientais. Materiais passíveis de “veicular novos conhecimentos e diversas formas de conhecer e discutir a natureza, gerando a necessidade de estudarmos uma nova ecologia, a ecologia das mídias sobre educação ambiental” (TRAJBER; COSTA, 2001, p. 15). Até porque isso já vem acontecendo há algumas décadas, como podemos ver no primeiro capítulo sobre o filme *Dersu Uzala*, de Kurosawa.

Corroborando essa ideia, Guattari se refere em relação aos avanços tecnológicos que possibilitam, dentro outras coisas, a elaboração de materiais audiovisuais, como sendo aspectos que possibilitam pensar em uma requalificação da Ecologia Mental para uma “*ecologia maquínica* já que, tanto do lado do cosmos quanto das práxis humanas, a questão é sempre a de máquinas” (1993a, p. 52-53).

Nunca esqueçamos que somos nós, humanos, neste cosmos, que operamos estas máquinas, sendo elas socialmente construídas e apropriadas por nós, podendo “trabalhar tanto para o melhor como para o pior” (GUATTARI, 1992, p. 15). Portanto, podemos focar no uso destas máquinas para discutir, refletir e produzir um tipo de subjetividade ambiental que produza transformações para o melhor e que abra caminhos para a solução do que se apresenta como pior. Essas transformações são os próprios *klinamens*.

Fizemos a opção de apresentar alguns conceitos conforme íamos avançando nas discussões sobre cada encontro realizado na oficina, pois foi assim que os

próprios encontros aconteceram, permeados por discussões sobre tais conceitos, num processo de reflexão constante da práxis apresentada. Assim, cada grupo comprometeu-se a apresentar seu vídeo aos demais grupos em um novo encontro a ser agendado posteriormente.

4.4 Outras relações e conceitos implicados na pesquisa

Chegamos a um momento importante da pesquisa e precisamos frisar que, além da condição de oficinairo enquanto desenvolvia a oficina, também estava matriculado regularmente no seminário como aluno do PPGEA, aumentando assim minha implicação com a pesquisa. Segundo Lapassade, isto configura-se em um dispositivo de *implicação completa*. Pois, a partir do convite do professor Alfredo, configurou-se o que o autor categoriza como uma participação completa *por oportunidade*, “em que o pesquisador aproveita a ocasião que lhe é dada pelo *status* já adquirido na situação. O pesquisador aqui é membro da situação” (2005, p. 73). Ou seja, membro do grupo no qual se desenvolve a intervenção.

Após esta apresentação das atividades realizadas durante a oficina, podemos considerar que desenvolvemos um trabalho transdisciplinar. Para clarear essa questão, recorreremos ao artigo intitulado “Um novo tipo de conhecimento: transdisciplinaridade”⁵⁵, do pesquisador Basarab Nicolescu⁵⁶, que descreve a transdisciplinaridade da seguinte maneira:

A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (p. 11).

Embora estivéssemos relacionados com o seminário, os conteúdos e as práticas desenvolvidas não se restringiam a uma disciplina, a um tipo de conteúdo fechado, organizado de forma estanque. Evoluíamos numa proposta envolvida pelo grupo-sujeito, com ecosofia integrada ao universo audiovisual para produzir

⁵⁵ Disponível em: <http://www.ufrj.br/leptrans/arquivos/conhecimento.pdf> Acesso em 03 jan. 2010.

⁵⁶ Físico teórico do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França (CNRS). Fundador e Presidente do Centro Internacional de Pesquisas e Estudos Transdisciplinares (CIRET).

subjetividades, obtendo assim, como resultado mais concreto no sentido físico, os vídeos ambientais que, com as próprias produções de subjetividades, iam produzindo *klinamens*.

Podemos afirmar que nossa proposta interventiva se relaciona com o que dispõe o artigo 4 da Lei da PNEA: um dos princípios básicos da EA é “o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade”. Dessa forma, procuramos ser coerentes com nosso campo de pesquisa e nossa proposta pedagógica. Corroborando, verifiquemos um trecho descrito no documento sobre EA que consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

trabalhar de forma transversal significa buscar a transformação dos conceitos, a explicitação de valores e a inclusão de procedimentos, sempre vinculados à realidade cotidiana da sociedade, de modo que obtenha cidadãos mais participantes (p. 193).⁵⁷

Procuramos realizar o trabalho de maneira que cada participante pudesse desenvolver sua autonomia na tomada de decisões, ciente de suas responsabilidades enquanto atores sociais, educadores, seres humanos.

Mas, em relação a outro aspecto da pesquisa, é importante esclarecer que a oficina se deu em um espaço de educação não-formal. O ensino não-formal pode ser definido “como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino” (BIANCONI; CARUSO, 2008). Esta foi uma das características de nossa proposta, colocada como atividade extra ao seminário, desenvolvida em horários alternativos e em espaços diferentes da sala de aula convencional. Enfatizamos que as atividades da oficina aconteceram nas instalações da emissora de TV da Universidade e as propostas de microintervenções desenvolvidas pelos grupos-sujeito ocorreram em locais distintos aos da universidade. O calendário letivo da FURG foi subvertido, pois parte da elaboração dos trabalhos ocorreu em finais de semana e período de férias.

Mas o leitor deve estar se perguntando: por que a oficina foi intitulada *Ação Ambiental e Produção Cultural*? Começemos pela *Ação Ambiental*. Os vídeos, como resposta ao trabalho desenvolvido, uma ação transformadora dos próprios participantes, são capazes de produzir *klinamens*. Ações empreendidas pelo grupo-

⁵⁷ *Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente*, capítulo: “A necessidade de transversalização do tema nas áreas”. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2010.

sujeito, composto pelos educadores ambientais em formação que produziram seus vídeos ambientais. Portanto, como este era um de nossos objetivos com a oficina, ela recebeu seu primeiro título: *Ação Ambiental*. Uma ação resultante de nossa intervenção institucional.

Seguindo nossa justificativa ao nome, expliquemos o porquê da *produção cultural*. Já sabemos que foram produzidos vídeos e ao longo do processo de autoanálise íamos produzindo subjetividades com a intenção de nos desvencilharmos do instituído pela mídia. Mas por que *cultural*?

Primeiro vejamos o que significa o termo *cultura*. Considerando que seu uso gratuito pode ocasionar equívocos, como no caso de uma tentativa de categorização estereotipada dos grupos sociais pautada por aspectos étnicos. Sabermos que alguém é francês, por exemplo, decerto que aponta para algumas características culturais, no entanto a compreensão de cultura não se restringe a este aspecto. De acordo com Chauí, originalmente a palavra *cultura* provém do “verbo latino *colere*, que significa cultivar, criar, tomar conta e cuidar” (1998, p. 292). O que está relacionado com o sentido que viemos discutindo ao longo do texto, tanto quando das atitudes de Dersu, no filme, como as reflexões sobre o cuidado com as demais espécies, humana e as não-humanas. No entanto, outro significado atribuído a *cultura* é estabelecido:

a partir do século XVIII, Cultura passa a significar os resultados daquela formação ou educação dos seres humanos, resultados expressos em obras, feitos, ações e instituições: as artes, as ciências, a Filosofia, os ofícios, a religião e o Estado (CHAUI, 1998, p. 292).

Cultura passou ainda a “significar a relação que os humanos, socialmente organizados, estabelecem com o tempo e com o espaço, com os outros humanos e a Natureza, relações que se transformam e variam” (CHAUI, 1998, p. 293). Assim como afirmamos no início desta pesquisa, ao conceituar a EA com as palavras de Reigota, que a conceitua envolvida em processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade. Para nós o termo *cultura* se relaciona com estas relações humanas de transformação de si, de si com o ambiente, os outros humanos e as outras espécies. Tais relações têm sido cada vez mais mediadas através da mídia televisiva, que influencia fortemente a vida social através de seus “textos,

sonoridades, imagens, cores, movimentos que nos chegam cotidianamente” (FISCHER, 2003, p. 52). Portanto, com alguns avanços históricos, surgiram os tecnológicos, com os quais avançamos em direção ao que podemos chamar de tecnologias contemporâneas, ou seja, as computacionais. Estas que acabam indo além e até aprimorando as intituladas novas tecnologias, as quais compreendem a fotografia, o cinema e o vídeo (VENTURELLI, 2004, p. 11).

Atualmente existe o que podemos chamar de uma *cultura digital*, que congrega as tecnologias citadas acima de maneira interativa e articuladas. Constitui-se assim a rede digital, difundindo e ampliando as possibilidades de informação e comunicação para diversas finalidades. O que vemos, portanto, configura um território cosmopolita que, para Lévy, consiste na rede digital e no desdobramento de seus usos como a televisão, cinema, imprensa escrita, informática e telecomunicações através da metamorfose das interfaces, mestiçagem e em proveito da circulação, dissolvendo quase que totalmente suas fronteiras (1993, p. 113).

Para fundamentar inicialmente a *cultura digital*, consideram-se as contribuições que Lévy apresenta para discussão desta que representa, pode-se dizer assim, o pensamento contemporâneo e suas multifaces.

Em seu livro *As tecnologias da inteligência*, Lévy resgata historicamente a invenção do computador pessoal, salientando que este surgimento foi transformador da informática “em um meio de massa para a criação, comunicação e simulação” (1993, p. 101). A partir da criação dos microcomputadores, enuncia-se um momento histórico no qual a humanidade irá presenciar e vivenciar um tempo alterado, com outra velocidade e um alastramento das redes cognitivas sem precedentes.

Com o intenso avanço e propagação das redes de informação criadas a partir dessa Revolução Digital, surgem novos equipamentos de produções de subjetividade. Lévy os define como um tecido eletrônico que envolve e conecta em seu centro o “cinema, a radiotelevisão, o jornalismo, a edição, a música, as telecomunicações e a informática” (1993, p. 102). Imanentes a esse tecido estão os três registros ecológicos elencados por Guattari como instâncias que o integram e estão sujeitas a um devir de transformações a partir das produções de subjetividades provindas desses equipamentos.

Portanto, a chamada cultura digital está imbricada na produção de subjetividade de maneira interconectada por meio dos equipamentos coletivos que a

compõem, que lhe dão forma e conteúdo e retomam conceitos, remodelando-os e redefinindo-os. Metáforas, simulacros que decodificam a vida, produzindo sonhos, ideologias e construindo a realidade conforme a modelagem desses equipamentos coletivos sociais.

Assim, a oficina intitulada *Ação Ambiental e Produção Cultural* propõe as ações resultantes de nossa intervenção de forma a produzir cultura. Uma cultura que, em decorrência do exposto, está relacionada com diversos tipos de tecnologias e, portanto, podemos considerar uma cultura digital, que propõe a produção de transformações no grupo-sujeito e em outras instâncias que podem decorrer através de seus vídeos produzidos.

Corroborando esta proposta Guattari e Rolnik consideram muito importante “inventar um modo de produção cultural que quebre radicalmente os esquemas atuais de poder nesse campo, esquemas de que dispõe o Estado atualmente, através de seus equipamentos coletivos e de sua mídia” (2005, p. 30).

Com esta compreensão seguiremos para o último capítulo desta pesquisa, o qual possibilitará a análise dos questionários aplicados ao grupo-sujeito após a exibição dos vídeos, bem como a análise dos *klinamens* produzidos junto ao grupo e a partir da produção dos vídeos.

5 RESULTADOS DE UMA PESQUISA QUALITATIVA A PARTIR DE UMA INTERVENÇÃO INSTITUCIONAL

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.⁵⁸
Italo Calvino

Chegamos ao momento de realizar as análises sobre os questionários aplicados ao grupo-sujeito, que, como já foi dito, está composto de educadores ambientais em formação. As análises serão realizadas de maneira a relacionar os conceitos abordados ao longo trabalho com as respostas dos participantes, procurando verificar de que forma podem ser respondidas as nossas questões de pesquisa. Lembramos que elas foram enunciadas ao final do primeiro capítulo, a saber: que tipo de movimento é necessário para produzir grupos que possam subverter a lógica instituída, conservada? E que tipos de materiais podemos produzir para utilizar como instrumentos de subversão, reflexão e provocação de discussões alternativas ao que é instituído pela grande mídia? De que maneira contribuiremos com a EANF?

5.1 Da pesquisa qualitativa e do problema de pesquisa

Neste momento vamos observar a análise do questionário; considerando o fundamental entendimento de que este foi o último encontro da oficina e possibilitou o exercício reflexivo e crítico dos conceitos e práticas implementadas durante toda a Intervenção Institucional.

⁵⁸ CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis* (2003, p. 158).

Segundo Freire,

a investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar. E se seu pensar é mágico ou ingênuo, será pensando o seu pensar, na ação, que ele mesmo se superará. E a superação não se faz no ato de consumir idéias, mas no de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação (1987, p. 101).

Nesse sentido, este último encontro foi significativo no exercício da comunicação e ação dos participantes que desempenharam seus papéis de atores sociais comprometidos com seus fazeres (vídeos) e seus pensares, produzindo transformações em si, no grupo (incluindo os proponentes) e na própria sociedade. Executaram a autoanálise ao assistir e discutir suas próprias produções e as de seus colegas. Ao produzir seus vídeos, desempenharam a autogestão e propiciaram momentos de transformação de si e do mundo ao seu redor. Ao realizar os vídeos e formular suas análises, passam a produzir *klinamens* para além de suas próprias ações.

Salientamos que em nosso processo de pesquisa qualitativa não nos interessou a quantidade de respostas similares, tampouco um levantamento meticuloso das respostas de cada questão, no que poderia ser comparado a uma tentativa mecanicista de encontrar supostas verdades em nossa apreciação dos discursos dos sujeitos implicados na pesquisa. Nossa intenção é considerar, a partir das respostas dos participantes, aqueles relatos que convergem para os conceitos e práticas engendradas e o entendimento deles em relação às nossas questões de pesquisa.

5.2 Encontro para autoavaliação e aplicação do questionário

Para fazer nosso levantamento de dados em relação às opiniões do grupo-sujeito, realizamos o encontro para discussão sobre os vídeos produzidos e aplicação do questionário. O encontro ocorreu na manhã do dia 13 de maio de 2009. Foram enviados dois convites pela lista de *e-mails* do grupo, o primeiro em torno de quinze dias antes do encontro, e outro, reforçando o convite, cinco dias antes. Dos dez participantes envolvidos na oficina, sete se fizeram presentes e um enviou

parecer por *e-mail* (Anexo 8). Os demais justificaram ausência por estarem residindo em outras cidades e não conseguirem disponibilidade naquela data e hora.

O questionário foi construído segundo os seguintes critérios:

- Promover um efeito autoanalítico dos impactos produzidos pela grande mídia, através da autogestão da sua própria produção pelo grupo-sujeito, tanto em nível individual como coletivo;
- Priorizar a dimensão da afetação sobre os pesquisadores e sobre suas produções;
- Num segundo momento, suscitar uma autoreflexão crítica a partir da distância entre produtores, produtos, processos e ferramentas;
- Explorar a apropriação conceitual e a percepção crítica nos membros do grupo-sujeito.

Em função destes critérios foram elaboradas as questões que veremos a seguir. Aplicamos o questionário em dois momentos distintos (figuras 13 e 14). Primeiro assistimos aos cinco vídeos produzidos e logo a seguir a cada vídeo os participantes tinham de responder, individualmente, a seguinte questão:

- Quais suas percepções e sentimentos sobre o que foi assistido? (entregar por escrito nomeando como vídeo 1, 2 e assim por diante).



Figuras 13 e 14 – *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*, 2009
Fotos: Roberta de Souza Cadaval

Cabe salientar que até esse momento nenhum colega havia assistido ao vídeo dos outros, ou seja, ora tínhamos um grupo de espectadores e espectadores-produtores, ora isso se invertia conforme íamos exibindo o material subsequente. Essa condição permitiu o exercício crítico e reflexivo sobre o próprio trabalho dos produtores e sobre o dos colegas, um processo de autoanálise, avaliação e autoavaliação do que foi produzido.

Essa primeira questão e as que seguem foram elaboradas de maneira a não proporcionar respostas reduzidas como sim ou não, ao contrário, pensamos em possibilitar aos participantes o espaço necessário para a reflexão crítica sobre o trabalho desenvolvido.

Logo após a exibição dos vídeos e o recolhimento das análises por escrito, passamos para um segundo momento. Apresentamos as seguintes questões, uma a uma, a serem respondidas individualmente (figuras 15 e 16):

1. Comparado ao momento anterior à oficina, que leitura fazem vocês, hoje, dos veículos midiáticos que se utilizam da linguagem audiovisual?
2. Vocês acreditam ser importante ao educador ambiental a apropriação da linguagem audiovisual? Por quê?
3. As discussões ocorridas durante a oficina e os conceitos técnicos e filosóficos – tanto sobre a linguagem audiovisual quanto as três ecologias –, surtiram efeitos em seus projetos de pesquisa e dissertação? Quais?
4. Que tipo de benefícios vocês percebem da integração entre a linguagem audiovisual e a EA?
5. O que pensam sobre o material produzido em relação à ideia inicial? Coloquem questões referentes aos elementos da linguagem, o trabalho de som, uso dos diferentes estilos musicais, as imagens, as cores, os cortes de uma imagem para outra, os significados e sentidos estabelecidos por meio da edição.
6. Falem livremente sobre suas percepções em relação às atividades e os conceitos abordados.



Figuras 15 e 16 – *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*, 2009
Fotos: Roberta de Souza Cadaval

A seguir analisamos os resultados da aplicação deste questionário – que envolve os dois momentos citados – de maneira a procurar elucidar as questões propostas desde o início da investigação, cientes de que, com base na proposta da oficina, devemos considerar que as respostas sobre os vídeos assistidos evocam reações de olhares que exercitaram a visão crítica dos fatos narrados por imagens e sons, olhares mais sensitivos à produção audiovisual e, portanto, mais atentos a estes discursos.

5.3 As microintervenções, os vídeos

A partir das respostas desse primeiro momento do questionário, verificamos as possibilidades de responder às questões de pesquisa, inicialmente elencadas. Salientamos que observamos juntamente com as respostas os conceitos desvelados ao longo do trabalho e os relacionamos às colocações expressadas no questionário. Em relação às microintervenções realizadas, analisamos tanto o envolvimento durante o processo quanto o produto final, o vídeo.

5.3.1 Vídeo “I EDEA”

Quanto ao I Encontro de Diálogos pela Educação Ambiental, é possível depreender que um dos pontos que chamaram a atenção foi a alimentação servida ao longo do evento. “Percebi quanto é importante a comida para nós! Como em torno da comida se criam espaços para compartilhar, refletir, dialogar, falo isso porque as

primeiras imagens que aparecem do encontro foram da comida!”. Este aspecto está relacionado com a ecologia ambiental, pois o alimento servido era de procedência orgânica, o que indica uma preocupação com o corpo e o ambiente. Reafirmando esse cuidado com a alimentação oferecida durante o evento, uma das respostas diz:

O evento me surpreendeu pela preocupação que os organizadores tiveram ao elaborar o lanche oferecido no intervalo do evento e também pela distribuição da caneca de louça, que demonstra a real preocupação e a busca por atitudes saudáveis para alimentação.

Nessa perspectiva, essa microintervenção surge com um aparato de ações ambientais provocadoras de *klinamens*, rompendo com a lógica do instituído que potencializa uma alimentação industrializada.

No que diz respeito à ecologia social, o uso das tecnologias e a formação do grupo-sujeito, verificamos que o vídeo

significou muito, pois foi um trabalho de múltiplas aprendizagens. Aprendi novas técnicas, novas metodologias, sem falar no trabalho coletivo que possibilitou riquíssimas experiências, experiências que puderam ser compartilhadas; foram inúmeros encontros, para a realização desse trabalho (o IEDEA e o vídeo), inúmeras fotos, gravações, mas nunca em busca da perfeição, e sim do aperfeiçoamento, ou seja, de aprimorar nossos conhecimentos e contribuir para uma mudança de atitude do coletivo.

Essa mudança de atitude está relacionada aos *klinamens* produzidos na experiência de todos os envolvidos no evento, tanto organizadores como participantes, promovendo um exercício fundamental para o campo da ecologia social, que, conforme já citado, para Guattari significa o desenvolvimento de práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar as maneiras de ser em grupo.

Em outros depoimentos percebe-se o envolvimento dos proponentes da microintervenção:

Com essa proposta pude compreender melhor a perspectiva das microintervensões e hoje aposto e esforço-me para realizá-las sempre que possível, acreditando que assim rumamos para a transformação da atual sociedade capitalista, num movimento de provocar sensações e significar sentidos. Partilhamos idéias; aprendemos muito; conhecemos e executamos técnicas audiovisuais, além de gerar entre nós uma atmosfera de muita amizade, crescimento, afetividade, propiciada pelos nossos encontros.

Além desses aspectos que dizem respeito diretamente à ecologia social, em outros depoimentos podemos reconhecer uma forte relação dos sujeitos com a ecologia mental, seus afetos e a relevância da produção de microintervenções em sua formação como educadores ambientais:

Como filha, mãe, gestora ambiental, mestranda do PPGEA e parte do grupo organizador do evento, posso dizer que esta foi a melhor experiência que tive no mestrado e a maior vivência de educação ambiental, na forma que a compreendo, participativa, atuante politicamente, transformadora, preocupada com a coletividade, afetiva...

Assim, podemos constatar uma das contribuições de nossa atividade para a EANF, no sentido de que esta microintervenção envolveu discentes, docentes e a comunidade nas discussões ambientais. No mesmo relato, a participante expressa a produção do *klinamen* nas subjetividades dos próprios indivíduos e sua propagação,

a intervenção ocorreu em nós, no programa, na comunidade, e seguirá ocorrendo à medida que momentos como este (hoje) vão tendo espaço. A qualidade do vídeo é reflexo do empenho de todos e principalmente da intensidade da nossa esperança.

Assim como a esperança, também verificamos as realizações dos sonhos e desejos, que tanto fortalecem a EA e os sujeitos engajados em levá-la avante.

Este projeto foi muito especial para mim, porque fez parte da realização do meu sonho de educadora ambiental. O processo coletivo de organização e preparo do vídeo me levou a refletir como somos preconceituosos, pois antes de conhecer o “atrás das câmeras” eu idealizava o mundo da mídia.

Assim, na continuidade da resposta verificamos o alcance do desenlace das amarras do instituído pela mídia: “Agora, quando assisto à televisão, me vejo observando com olhos mais preparados e problematizadores o que as imagens passam na tela, o que não passam e alguns motivos para isso”.

Esses questionamentos são a base para uma autoanálise do que é visto e, por conseqüência, do que é produzido em nossas atitudes. Um avanço capaz de possibilitar a autogestão nos momentos de decidir, uma quebra no instituído, um movimento produtor de *klinamens*.

5.3.2 Vídeo “3 ecologias”

A exibição deste vídeo provocou reflexões sobre o devir da vida na Terra, como podemos verificar a seguir:

Este vídeo me faz refletir sobre que mundo deixaremos para as próximas gerações. Atualmente a humanidade está muito preocupada em satisfazer suas necessidades vinculadas ao consumo, muitas vezes sem perceber ou se preocupar que estas atitudes impensadas terão conseqüências irreversíveis para o planeta, e que estaremos prejudicando nossos descendentes.

Nesta fala identificamos o mesmo pensamento dos *13 Pueblos* mexicanos, um pensamento de preocupação com o que ficará para as gerações futuras. Um exemplo do que, e como, o vídeo comunicou através de suas imagens e sons. Como afirma outro relato, “as imagens e os sons apresentados provocaram sensações agradáveis e de desconforto”. Essa capacidade de provocar sensações, “essa microintervenção teve a intenção de fazer sentir para levar a pensar: Vida, pensada a partir dos inúmeros significados: beleza, criação, movimento, degradação, manutenção, destruição, geração, enfim, vida”.

Por ser este um vídeo de característica mais poética e contemplativa, foram observadas varias questões relacionadas à produção de sensações, como angústia e calma, possibilitando algumas relações com os projetos de pesquisa de uma das participantes: “o vídeo, como falou uma das crianças da minha pesquisa, me fez sentir um aperto no coração”.

Nas respostas constatamos a leitura feita sobre os aspectos da linguagem audiovisual e a produção de subjetividade que foram sendo estudadas e apropriadas ao longo da oficina, como por exemplo: “o vídeo apresenta um tom de ameaça, de denúncia no primeiro momento, e aos poucos vai se suavizando e passa para uma fase que sugere possibilidade de mudança, da renovação da vida, traz as crianças, o sorriso, a esperança”.

5.3.3 Vídeo “Cassino, a outra cara do balneário”

Essa microintervenção faz uma crítica à produção midiática, “pois nos mostra o outro lado do Balneário Cassino que não é noticiado pela mídia”. É percebida em uma das leituras a necessidade de que mais materiais como este sejam produzidos, o que evidencia que o que tem apresentado a grande mídia não dá conta das discussões sobre as problemáticas locais. O vídeo provocou *klinamens* nas perspectivas individuais: “com esse vídeo alimento minha esperança mais que minha tristeza, indignação, descontentamento, sentimento de injustiça”. Além disso, na mesma resposta verificamos o potencial e a abrangência do vídeo, que possibilita aos espectadores reflexão e emoção:

Com abordagens densas, críticas e pertinentes acerca do balneário Cassino, sua paisagem natural, a problemática com o lixo, falta de saneamento, exclusão, desigualdade, especismo, belezas, enfim uma visão que buscou nos oferecer as mais diversas imagens desse lugar. Que sensações, que provocações! E o que deve ter gerado nos alunos que participaram da saída? Nos profissionais como a bióloga Suzana, que pôde partilhar sua preocupação com relação aos animais abandonados e a política de matança e maus tratos que fazem com esses seres.

Nessa análise é possível perceber a ecosofia nas relações sociais, como a saída de campo proporcionada aos alunos que participaram da microintervenção, e ainda em relação à ecologia ambiental, no que tange às preocupações com o lixo produzido no balneário e os maus tratos com os animais, no seu abandono e extermínio. Os vídeos produzidos transcendem o espaço audiovisual e produzem reflexões e pensamentos que podem provocar e movimentar novas atitudes.

Percebemos também uma crítica sobre aspectos técnicos da produção, o que significa que a oficina contribuiu com esse tipo de análise. “Algumas falhas no áudio durante as falas das crianças poderiam ser resolvidas com legendas, e as legendas que aparecem algumas vezes são bastante rápidas, poderiam ser mais lentas”. No entanto, também ocorrem constatações sobre outros aspectos referentes à importância do vídeo para a EA: “um vídeo muito importante para o contexto da educação ambiental, o olhar crítico da edição nas imagens foi surpreendente, acredito estar pronto para ser passado na televisão, como um documentário”.

As realizadoras do vídeo apresentam um olhar sob uma perspectiva diferente das que geralmente são observadas sobre o balneário. A narração

ao longo das atividades mostradas, nos locais “desconhecidos” do Cassino, nos ensina o quanto ainda podemos aprender, em locais que acreditamos já conhecer. A percepção do balneário, por um outro foco, que não o lado do turismo indevido, nos faz pensar nas relações que praticamos no ambiente em que vivemos. Nas relações que muitas vezes não nos damos conta de que fazemos parte.

Esse comentário chama a atenção para a capacidade do vídeo em tornar consciente nossa relação com o balneário. Fica evidente que, muitas vezes, nossa subjetividade é produto de condições que nos são impostas, geralmente atreladas à *indústria cultural*, seja através do turismo ou de outras formas de produzir consumidores.

Uma das realizadoras do vídeo afirma que o “Cassino representa não só o bairro no qual moramos, mas o nosso planeta; cuidando dele, aprendemos a cuidar das nossas vidas, dos nossos vizinhos, da nossa casa, do nosso planeta”. Isso entra em consonância com a concepção de cuidado que enunciamos ao longo deste trabalho. Essa colocação também se relaciona com a lei da PNEA, no inciso VII do artigo 4, em que dispõe que um dos princípios básicos da EA é “a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais”. O relato acima citado apresenta esse entendimento articulado das questões locais com as instâncias mais ampliadas em nossa sociedade.

No que tange ao desejo de apropriação da linguagem audiovisual, a realizadora expõe: “a edição foi ótima, sempre quis aprender a produzir vídeos, e esse meu primeiro ‘filhinho’ acho que ficou ‘super’, claro, cada vez encontro mais erros ou coisas para melhorar, mas para ser o primeiro vídeo gostei muito”.

5.3.4 Vídeo “Oficina de higienização corporal e ambiental”

Nesta microintervenção surgem alguns benefícios em direta relação com a ecologia ambiental, pois “apresenta maneiras para fabricar de maneira artesanal produtos de higiene com materiais alternativos e que na grande maioria das vezes são depositados no lixo; produzir estes produtos traz benefícios ecológicos ao ambiente”.

Do ponto de vista da Ecologia Social, ela também aparece como um “gerador de renda para as famílias menos abastadas, ou simplesmente [possibilitar] uma economia nas despesas domésticas com a fabricação [caseira] de produtos que [comercialmente] são caros”. Com efeito, os participantes dessa microintervenção eram alunos do EJA (Ensino de Jovens e Adultos) do Colégio Pelotense, estabelecimento público da cidade de Pelotas - RS. A oficina de higienização corporal e ambiental surgiu como oportunidade de produzir conhecimentos possíveis de serem utilizados para complementação de renda aos seus participantes.

Eis que surgem novas análises críticas em relação aos aspectos técnicos de apresentação dos vídeos: “Sugestão: umas tomadas de falas, de entrevistas no vídeo”, bem como quando “na parte que mostra a intervenção, as imagens também estão boas, porém a proposta das oficinas, o local onde se realizaram e os ‘resultados’ não foram apresentados”. No entanto, uma das respostas constata que através da atividade de microintervenção produzida “é possível fabricar produtos e gerar renda alternativa”.

As reflexões despertadas através do vídeo seguiram:

considero que deve existir uma constante reflexão quanto aos produtos que utilizamos, entendendo o ciclo dos recursos, a água, o azeite, etc., algo assim como a oficina do pão companheiro, onde, além de elaborar o pão, refletimos sobre a procedência e importância da água, por exemplo, do trigo, do milho, dos alimentos, e daí parte a reflexão sobre a pobreza, as desigualdades sociais, quer dizer, não [só] fazer sabão, mas compreendendo [também] a complexidade do assunto.

Nesse depoimento ficam evidentes as contribuições ecosófica proporcionadas no *Seminário As três ecologias de Félix Guattari*. A relação da oficina de higienização corporal e ambiental com a oficina do pão reflete a consciência do trabalho ecosófico que vem sendo feito e a apropriação dos conceitos estudados ao longo desse processo que envolveu o seminário e a oficina *Ação Ambiental e Produção Cultural*.

5.3.5 Vídeo “Visitando a escola”

A questão da autonomia por parte dos atores sociais vem à tona no depoimento da realizadora deste vídeo:

Neste vídeo tentei mostrar que a instituição escolar é o local onde podemos trabalhar com os alunos as questões ambientais nos seus diferentes enfoques (...) conscientizar ou sensibilizar os alunos no que se refere a esta problemática, fazendo que se sintam protagonistas nesta sociedade.

No que diz respeito às análises dos espectadores, a grande parte qualificou como ótima a escolha da trilha musical utilizada no vídeo. A leitura sobre o vídeo segue:

o vídeo apresenta bem a escola, as atividades extracurriculares, e tenta equilibrar o lado positivo, as ações positivas com o lado “negativo”. Ou seja, mostra a escola como espaço onde se desenvolvem excelentes atividades de interação, criatividade, participação, aprendizado e também vandalismo, descaso, etc.

Há o reconhecimento do vandalismo praticado no ambiente escolar e a necessária articulação de intervenções nesse ambiente, para que, através do paradigma ético-estético, possam se desenvolver atividades criativas, participativas e responsáveis para a retomada nas atitudes dos sujeitos no ambiente escolar.

Interessante analisar o relato a seguir, que faz um paralelo entre as sensações despertadas, o vídeo anterior e este.

Esse aperto no coração que senti com o vídeo anterior, foi desaparecendo ao assistir o vídeo, que me permitiu seguir acreditando que através da educação podemos construir uma nova forma de ver a realidade, onde as relações com os outros, com o ambiente e com a sociedade seja cada vez mais harmoniosa.

Ao final da explanação percebemos a referência às instâncias ecológicas social e ambiental elencadas por Guattari. Uma reflexão segue citando o autor e a Ecologia Mental:

Vejo no vídeo um trecho do livro do Guattari quando ele fala que através da arte, do esporte, da música reconstruímos a relação mente-corpo; considero que a escola deve apontar nessa direção, nessas práticas que permitem sensibilizar as pessoas, os estudantes, e onde outras pessoas da comunidade educativa também se envolvem, tornando-se “amigos da escola”. Por outro lado, considero que esses estudantes que não são “orgulho da escola” são as pessoas com as quais mais a gente tem que trabalhar, constituem um desafio maior, já que detrás desse “vandalismo” sem dúvida se esconde um conflito familiar, pessoal, que é necessário abordar, articular aos processos da escola, não trabalhar como casos isolados.

Essa análise crítica remete ao entendimento de que as ações humanas são produto, dentre outras questões, das relações sociais, familiares, das angústias, desejos e anseios, enfim. Quando deste entendimento partimos, podemos trabalhar para uma restituição das questões que compreendem as subjetividades dos sujeitos e assim trabalhar num processo de integração e retomada de atitudes e relações.

Após analisar as respostas referentes ao primeiro momento da atividade, podemos reconhecer que os aspectos trabalhados durante a oficina interventiva *Ação Ambiental e Produção Cultural* foram sendo, pouco a pouco, apropriados pelo grupo-sujeito, que, além de produzir suas microintervenções, desenvolveu habilidades e conhecimentos de uma *práxis ecológica* que possibilitou uma reflexão crítica do que foi produzido e uma ação transformadora com e a partir da elaboração do vídeo em todos seus processos.

Ao assistirem a suas próprias produções, os participantes retomaram o processo de autoanálise. A autoanálise e a autogestão são processos concomitantes, pois, conforme vão analisando, os participantes vão suscitando autonomia e podem produzir uma consciência autogestionária mais esclarecida de seu próprio pensar.

5.4 Análise sobre as demais questões

Agora analisamos os resultados referentes ao segundo momento realizado. Nossa proposta é ir observando algumas respostas e relacionando-as com os conceitos e práticas desenvolvidas durante a oficina.

A percepção sobre os impactos da mídia sobre os telespectadores estão evidentes nas respostas, que apontam para o objetivo maior da mídia, que é “induzir ao consumo”. Relata uma das participantes:

eu achava tudo muito natural, não tinha um olhar crítico e apurado para estas questões. Após as oficinas e produção do vídeo, pude perceber que os veículos midiáticos são todos manipuláveis, ou seja, temos o poder de atingir o público da maneira que queremos.

E assim a mídia o faz:

depois das oficinas me dei conta que é possível transmitir o que se quer a partir das técnicas e possibilidades na edição de imagens, ainda que haja uma sequência e um texto falado já definido. Falo de manipulação de imagens, fato que é fortemente usado pela “showmídia” manipulando informação.

Ainda em relação às percepções sobre a produção de subjetividade da mídia, vejamos este depoimento:

antes das oficinas, eu não tinha o menor conhecimento de como era a técnica que se utiliza na mídia; agora, depois de passar por atividades práticas de vídeo e filmar algumas imagens, me sinto possuidora de um olhar mais crítico sobre estas questões.

No parecer por escrito a participante relata sobre suas percepções em relação às experiências adquiridas e mais uma vez verificamos o reconhecimento em relação ao poder exercido pela grande mídia: “a grande maioria das pessoas não tem noção de como ocorre o processo para elaboração de um vídeo. Minha compreensão inicial também era muito limitada. Hoje olho com outros olhares todo esse processo”. Foi fundamental este relato, pois é a partir dessa compreensão que podemos nos desvencilhar das amarras impostas pela mídia e criar autonomia no processo de autogestão. Este entendimento sobre os impactos das informações audiovisuais contribuíram para esta certificação: “(...) acredito que as imagens causam grandes impactos no telespectador. Por este motivo é tão utilizada para induzir ao consumo”.

Em relação à possibilidade de propiciar *klinamens*, as respostas afirmam que o uso de “técnicas de imagens e sons, neste mundo acelerado em que vivemos, é

uma maneira muito rápida e eficaz de tentar uma mudança de atitude”. Ainda em relação a esta possibilidade, outro participante reflete:

assim como julgo a escrita e a leitura ferramentas que possibilitam o pensamento, julgo o audiovisual ferramenta que pode possibilitar o pensamento ou a estagnação deste, conforme seja usado no caso da EA que pretende que possamos refletir, relacionar para transformar a atual situação. Essa forma de abordagem é sem dúvida significativa.

Portanto, essa compreensão explora uma necessária tomada de consciência e atitude para romper com o estado de estagnação, rumo a uma transformação significativa que pode se dar através da EA. Essa transformação é o próprio *klinamen*, que em nosso caso, está representado pela oficina, as microintervenções e os próprios vídeos.

Quando os atores sociais envolvidos com as microintervenções passam a participar do vídeo e contar suas histórias e fazeres sociais, faz com que eles se sintam protagonistas, pois ao “se enxergassem no vídeo, dá aquela visão global do processo, e acho que também as faz sentir importante, eles como indivíduos e como participantes do coletivo.”

Em três casos específicos a ferramenta do vídeo vem sendo utilizada nos projetos de pesquisa dos participantes. Em relação ao vídeo sobre o balneário Cassino, uma das realizadoras afirma que “a saída ao Cassino foi uma das saídas da minha pesquisa”; já outra participante vem utilizando alguns materiais audiovisuais como auxílio à sua pesquisa: “assisti alguns vídeos e entrevistas sobre/com o movimento social que pesquiso e me senti mais segura ao avaliá-los quanto a suas reais intenções”; outra relata que os conhecimentos técnicos adquiridos lhe têm sido úteis, o que podemos perceber conforme seu relato: “estou produzindo um vídeo sobre a ONG a qual pesquiso”.

Quando se posicionam em relação aos vídeos, muitos consideram “a possibilidade de provocar estímulos e gerar sentidos para que os sujeitos sentindo se posicionem e queiram transformar essa situação de crise ambiental”. Ao mencionar os benefícios do uso desses recursos, outra participante afirma que eles são importantes “desde a possibilidade de veicular uma denúncia até a importância da problematização das questões socioambientais que podem atingir um bom número de pessoas através desses recursos, despertando diversas percepções e ‘reações’”. Ou

seja, considerando suas características potencialmente criadoras de *klinamens* a serem produzidos contra a alienação imposta pela mídia.

A formação do grupo-sujeito foi importante, pois inicialmente

parecia que tudo ia ser muito difícil; mas o envolvimento de todos no trabalho foi muito significativo para o resultado final. Tudo ficou ótimo, as imagens, o som, a edição, o vídeo tem muito significado para mim, pois sou uma pessoa muito tímida, e com o vídeo e as oficinas tive a oportunidade de poder superar essa carência.

Portanto, evidencia-se, neste caso, que a oficina também exercitou a possibilidade de trabalhar as questões da ecologia mental no próprio participante, de maneira a propiciar sua superação em relação aos fantasmas interiores.

Seguindo nossa análise, podemos verificar a seguir mais uma observação em relação ao potencial produtor de subjetividade das ferramentas audiovisuais:

o que mais me chama a atenção é a potencialidade e a possibilidade que a edição tem para manipulação de imagens. Fico imaginando o que pode a grande mídia fazer para manter o *status quo*, bem como o que podemos nós para mostrar através dessa ferramenta.

Ou seja, utilizaram a mesma ferramenta do vídeo, instrumento da grande mídia, para subverter a lógica instituída, provando que a intenção dos sujeitos que estão fazendo uso das ferramentas tecnológicas é o que determina os fins deste uso.

Os participantes demonstram entendimento sobre o uso das ferramentas e suas possibilidades de produzir subjetividade. O relato a seguir demonstra uma síntese deste reconhecimento citado por outros colegas:

para mim os vídeos tiveram uma qualidade muito boa. Trabalhamos com músicas bem escolhidas, fazendo com que as imagens bailassem ao som das melodias. Os trabalhos nas cores foram muito criativos, possibilitando as variações de formas de apresentação de textos, ao longo dos vídeos, e contrastes de tempos passados e presentes. As edições refletiram sentidos preocupados com as questões ambientais e deixaram isso bem claro.

A preocupação com o conteúdo e a temática dos vídeos fica evidente em diversos comentários. Os participantes utilizaram recursos técnicos necessários para

transmitir as mensagens desejadas, tanto que em um dos relatos uma das integrantes do grupo esclarece o uso em relação a uma das músicas apresentadas no vídeo de sua autoria: “legendei para que as pessoas não perdessem o detalhe do conteúdo da música”.

A mesma participante destaca ainda

o objetivo do vídeo: “convidar as pessoas para enxergar o ‘outro’ de outra maneira, liberando-nos das individualidades e egoísmos que fazem nossa vida fragmentada, e que nos permita regatar valores como a solidariedade, a tolerância, o respeito para construir uma nova realidade”.

Esta nova realidade está relacionada ao paradigma ético-estético, com o novo, a transformação possibilitada pelos *klinamens* que os vídeos se destinam a produzir, acompanhados de uma nova tomada de consciência produtora de novas subjetividades.

5.5 A produção de *klinamens*

A partir das afirmações a seguir, poderemos verificar algumas das transformações que ocorreram, em função do seminário, da oficina e da produção dos vídeos.

“Todo o processo, as reflexões, os diálogos, entender ou pelo menos aproximar-me à teoria de Guattari, assim com a parte de edição, sem dúvida acrescentaram muitas coisas na minha formação acadêmica e profissional”.

Além da parte conceitual, as experiências práticas foram relevantes para a compreensão dos participantes em relação, inclusive, às novas possibilidades pedagógicas.

As atividades e conceitos abordados nas oficinas de vídeo foram inesperadas para mim e uma surpresa muito gratificante. Nunca havia pensado nesta possibilidade, de trabalhar com produção de vídeos, mesmo já tendo trabalhado com fotografias com meus alunos. Agora conheço mais um recurso “didático” para ser trabalhado em aulas daqui para a frente.

Inicialmente, alguns desconheciam as ferramentas midiáticas. Com a oficina e a produção do vídeo ocorreu uma apropriação e compreensão de como esses recursos são utilizados para produção do instituído. “Tinha grande inércia e estagnação com relação à mídia, e agora já consigo refletir melhor”.

O estudo sobre a linguagem audiovisual sob a perspectiva ecosófica foi desvelando conceitos e promovendo aplicações destes na prática, propiciando os *klinamens*. “A principal mensagem que ficou para mim, derivada da junção do seminário das três ecologias com a oficina de audiovisual foi: “abram as suas mentes, o mundo está para além do que se vê”.

A fuga da neutralidade, a tomada de decisão, a necessidade de transformações sociais e o compromisso com a EA e a vida estão presentes nos relatos: “hoje vivo pensando nas microintervenção, nas pequenas ações que nos levarão, sem dúvida, a momentos mais agradáveis, mais reflexivos e, portanto, mais responsáveis com relação ao outro, que é o colega, o planeta, a natureza construída, os demais animais”.

Os vídeos produzidos se configuram como peças fundamentais e que representam, além de tudo, o uso das tecnologias sendo capazes de “nos fazer sair do período opressivo atual e de nos fazer entrar em uma *era pós-mídia*, caracterizada por uma reapropriação e uma re-singularização da utilização da mídia” (GUATTARI, 1992, p. 16), que em nosso caso ocorre através do uso das ferramentas audiovisuais.

Além disso, as microintervenção e a oficina estavam em consonância com nossa área de atuação, pois a EA é “uma forma de intervenção na problemática ambiental” (TRAJBER; COSTA, 2001, p. 33). Através dos vídeos podemos perceber esta intervenção nas problemáticas e a produção de *klinamens*, que continuam a acontecer, como veremos a seguir.

Além destas constatações que partem das respostas resultantes da aplicação do questionário ao grupo da oficina, outros *klinamens* podem ser percebidos através das microintervenção. Os vídeos vêm sendo utilizados como instrumentos problematizadores para suscitar processos reflexivos e interventivos, rompendo com a estagnação e conservadorismo do instituído. Um exemplo disso ocorreu na *Semana do Meio Ambiente do PPGA*, durante os dias 2 a 6 de junho de 2009, em comemoração ao Dia Internacional do Meio Ambiente, 5 de junho. Em uma das reuniões de organização que precedeu o evento, surgiu a ideia por parte de uma das

participantes da oficina, que também organizava o evento, de exibir os vídeos realizados pelo grupo com a participação de alguns convidados, para discuti-los. A ideia foi aceita e assim ocorreu a nova microintervenção.

O cartaz (Anexo 9) apresenta a programação do evento. Na tarde do dia 2 ocorreu a exibição dos vídeos, com a presença dos convidados Prof. Pablo René Estevez, veterinária Vanilda Pintos (ONG Amigo Bicho), Prof. Alfredo Martin, Rosane Nauderer e Alice Meirelles Leite, da ONG Bicharada da FURG, e o Prof. Humberto Calloni, coordenador do PPGEA. Eis que ocorre mais um efeito do *klinamen* produzido com a elaboração dos vídeos. Na ocasião o professor Humberto fez um convite para que todos os vídeos fossem inseridos na página do PPGEA, de maneira a divulgar as práticas desenvolvidas pelos alunos do PPGEA. Assim, foi criado um novo *link* na página do programa, “vídeos ambientais”, que pode ser encontrado no endereço eletrônico do PPGEA⁵⁹. A Internet é uma rede tecnológica importante para ser utilizada como meio de criação, comunicação, educação e intervenção junto à sociedade contemporânea. Essa rede é mais um espaço para ampliar as possibilidades de *klinamens*. Considerando ainda que o PPGEA é como uma fortaleza ambiental, por sua produção científica e todos os projetos nele desenvolvidos, esse convite fortalece a importância das produções em vídeos e incentiva a realização de novos trabalhos.

Além da inserção dos vídeos na Internet, foi organizado um estojo contento os cinco vídeos e alguns extras para distribuição entre os participantes da oficina e algumas organizações e estabelecimentos. O vídeo foi encaminhado para o Ministério do Meio Ambiente, o Instituto Ecoar para Cidadania, o Ponto de Cultura ArtEstação, o Curso de Artes Visuais da FURG e doado para a Sala Verde “Judith Cortesão”, localizada no Campus Carreiros da FURG. Ainda em relação a exibição do material em eventos, podemos citar a participação do vídeo “Cassino, a outra cara do balneário” na programação do 4º Cassino Cine Vídeo (Anexo 3).

Além desses movimentos, a partir da produção dos vídeos, a própria pesquisa se constitui em um campo mais amplo de autoanálise, no qual se apresenta como um *klinamen* capaz de produzir um movimento de transformações no leitor. Portanto, salientamos que desde o ano de 2008 esta proposta vem sendo apresentada no

⁵⁹ Disponível em:
www.educacaoambiental.furg.br/index.php?option=com_content&view=category&id=56&Itemid=90&lang=pt Acesso em: 21 de jan. 2010.

Seminário de Pesquisa Qualitativa promovido pela FURG em conjunto com a Universidade Federal de Pelotas/UFPel. Em 2009, o projeto foi apresentado na Mostra de Produção Universitária da FURG por meio de um *banner* (Anexo 10) que, na época, comentava alguns resultados parciais desta *intervenção institucional*.

Chegamos, assim, a algumas considerações em relação às nossas questões de pesquisa. Em relação ao movimento necessário para que o grupo-sujeito da oficina possa subverter a lógica instituída, encontramos ancoragem nas propostas de microintervenções, capazes de produzir *klinamens* diversificados, tanto nos participantes, incluindo os proponentes, quanto em possíveis espectadores dos vídeos. Já em relação aos tipos de materiais produzidos, os vídeos se apresentam como uma das diversas possibilidades de provocar as reflexões necessárias para que os participantes da proposta desenvolvessem alternativas ao instituído pela grande mídia. Nosso desejo se expressa nas palavras de Ítalo Calvino na abertura deste parágrafo, pois é **preciso** “preservar e abrir espaço!”

As microintervenções proporcionaram esta abertura de espaço e a produção de *klinamens*, com o processo de elaboração dos vídeos, engendrou um processo criativo que culminou com a finalização do produto audiovisual pelos próprios participantes do grupo-sujeito. Vídeos potencialmente replicadores de novos *klinamens* possíveis de serem produzidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Li que é nas bibliotecas que reside a imortalidade...
Não quero que meus pensamentos morram comigo...
Quero ter realizado algo... Não me interesso pelo poder ou
pilhas de dinheiro. Quero deixar algo. Quero dar uma contribuição
positiva – saber que minha vida tem um sentido. Exatamente agora,
estou falando de coisas que estão no âmago da minha existência.*
Temple Grandin⁶⁰

Este é o momento de refletir sobre como se deu o andamento da pesquisa, seu devir e alguns dos resultados. É importante salientar que na própria pesquisa, o campo de análise foi se ampliando e aprofundando com a imanência ao campo de intervenção. Isso enriqueceu a análise e possibilitou o entendimento da influência de todo o aparato que envolveu a oficina, na perspectiva dos participantes do grupo-sujeito.

Nesse processo de análise, refletimos sobre estas considerações de Guattari:

a possibilidade de uma implosão bárbara não está de jeito nenhum excluída. E se não houver tal retomada ecosófica (seja qual for o nome que se lhe dê), se não houver uma rearticulação dos três registros ecológicos fundamentais da ecologia, podemos infelizmente pressagiar a escalada de todos os perigos: os do racismo, do fanatismo religioso, dos cismas nacionalitários caindo em fechamentos reacionários, os da exploração do trabalho das crianças, da opressão das mulheres... (1993a, p. 16-17).

Continuando as reticências de Guattari, enfatizemos também o desrespeito à vida, a vida dos animais não-humanos, e deixemos novas reticências para que cada sujeito possa complementar a partir de sua perspectiva.

Assim, outras perspectivas podem e devem ser percebidas e almeçadas com novas atitudes e comportamentos.

⁶⁰ Ph.D. em Ciência Animal, professora na Colorado State University. Trecho extraído do livro *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*, de Oliver Sacks (2006, p. 295).

Gostaria, novamente, de citar Guattari quando reflete sobre um ponto fundamental da Ecologia Social, diretamente relacionado com nossa proposta transformadora.

Um ponto programático primordial da ecologia social seria o de fazer transitar essas sociedades capitalísticas da era da mídia em direção a uma era pós-mídia, assim entendida como uma reapropriação da mídia por uma multidão de grupos-sujeito, capazes de geri-la numa via de ressingularização (1993a, p.47).

Portanto, concluímos que a oficina propiciou a formação de um desses grupos-sujeito e que ressingularizou as ferramentas midiáticas, quando, ao proporcionar aos participantes a criação de um vídeo, a autoanálise crítica e coletiva dessa produção, utilizou-se do mesmo instrumento de alienação da mídia para promover a autogestão.

Assim, miremos para direções além daquelas fatalistas a que induz o pensamento de que não podemos fazer nada para mudar o instituído. Ao contrário, pois, quando trabalhamos com os coletivos no intento de lhes propor a autoanálise, para que tenham autonomia em suas escolhas, estamos desenvolvendo uma alternativa à estagnação imposta pelo instituído.

Em relação a essa visão fatalista, Guattari destaca alguns fatores que podem estar sendo usados a favor de subverter essa falta de perspectiva. Dois deles estão conectados com nossa proposta de *práxis ecológica* ou *Ecopraxis* (BAREMBLITT, 1997, p. 22)⁶¹:

(...) a evolução tecnológica da mídia, em particular sua miniaturização, a diminuição de seu custo, sua possível utilização para fins não-capitalísticos; (...) a recomposição dos processos de trabalho sobre os escombros dos sistemas de produção industriais do início do século, o que reclama uma crescente produção de subjetividade "criacionista", tanto no plano individual quanto no plano coletivo. (Através da formação permanente, o incremento de mão-de-obra, as transferências de competência etc.) (1993a, p. 47-48).

⁶¹ BAREMBLITT, Gregorio. *Ecopraxis – discurso inaugural do Congresso “A cidade vivente”*. In: A CIDADE VIVENTE: subjetividade, socialidade e meio ambiente na cidade contemporânea. *Anais...* Belo Horizonte: Movimento Instituinte de Belo Horizonte; Engendra; Instituto Félix Guattari, 1997. Cap. 2, p. 13-22.

A partir do uso das tecnologias, inclusive daquelas portáteis de baixo custo, e das atividades produtoras de subjetividade criativa, desenvolvemos junto ao grupo outras maneiras de perceber a realidade. Nesse sentido, o espaço proporcionado para compreensão do funcionamento dos mecanismos de produção de subjetividades utilizados pela mídia foi um ponto fundamental para o entendimento dos processos manipuladores que incidem sobre nosso comportamento cotidiano.

A oficina constituiu-se desse espaço de produção audiovisual, no qual os discursos e práticas ecoam através do processo de produção e do material produzido, os vídeos. Acreditamos que as microintervenções são movimentações possíveis de geração de *klinamens* capazes de mexer com o instituído e possibilitar autonomia nos sujeitos, conforme depreendemos ao analisar o seguinte depoimento constante no questionário:

antes das oficinas, eu não tinha o menor conhecimento de como era a técnica que se utiliza na mídia; agora, depois de passar por atividades práticas, de vídeo e filmar algumas imagens, me sinto possuidora de um olhar mais crítico sobre estas questões.

Precisamos destacar que os sujeitos da pesquisa realizaram as autoanálises e a autogestão do grupo, trabalharam com responsabilidade e seriedade para a conclusão de seus projetos de microintervenções nas suas vidas cotidianas, os quais culminaram com os vídeos; no entanto, o dispositivo continua a produzir mais microintervenções, seja com as futuras possíveis exibições dos vídeos, ou ainda com as possíveis publicações resultantes deste processo de pesquisa.

Os trabalhos foram desenvolvidos com entusiasmo, compromisso social com suas comunidades, com carinho e sensibilidade, pois procuramos produzir ações com prazer, partindo das escolhas, dos desejos dos sujeitos, de forma a trabalhar a EANF não só para solução de problemas, mas também para um exercício de conhecimento, integração e amizade, na linha dos trabalhos de Baremlitt e Deleuze.

Os conhecimentos tecidos com este trabalho não são apenas meras palavras e citações. Auxiliaram na tessitura do meu devir social, e os conceitos institucionalistas estudados me acompanharão, enriquecendo meu “cerne” e meu olhar sob esta perspectiva instituinte. Esta pesquisa poderá possibilitar ainda, e é

nosso desejo, que seus leitores acessem outras perspectivas sobre a EANF à luz do Movimento Instituinte.

Em relação ao meu devir social, esta experiência aprofundou meu desejo de desenvolver meu devir educador ambiental, no compromisso em promover as práticas sociais instituintes e seus processos de autoanálise e autogestão. Penso-me, me penso e me percebo exercitando estes ideais nos mais diversos espaços que habito, um exercício que perpassa os ambientes formais de educação e se difunde em minhas práticas cotidianas.

Entendo hoje o processo de pesquisa como um mecanismo próprio de autoanálise e autogestão na vida de um pesquisador. Com esta pesquisa fui compreendendo melhor minhas intenções enquanto educador ambiental e ator social, as práticas e ações que posso implementar para aprofundar os conhecimentos neste campo. Pude refletir sobre as formas de trabalho em grupo e o que pode nascer delas, as relações, os afetos, as lutas, as diferenças e as produções de novos pensamentos, compreensões e atitudes. A pesquisa foi, é e será provocadora de *klinamens* tanto nos participantes e proponentes quanto nos demais tentáculos germinados em suas ações e processos interventivos, como a inserção dos vídeos na página da Internet do PPGEA.

O dispositivo da oficina possibilitou o entendimento sobre os mecanismos de produção de subjetividade utilizados pelo instituído, propiciando assim uma transformação na percepção em relação ao olhar anterior à oficina.

A partir da análise dos questionários, concluímos que os educadores ambientais em formação passaram a enxergar a mídia de maneira diferente; segundo os depoimentos, verificamos um maior entendimento dos processos de manipulação utilizados pela mídia, possibilitando reflexão crítica sobre ela e mudança nos respectivos olhares e pensamentos autônomos: “acredito que as imagens causam grandes impactos no telespectador. Por este motivo é tão utilizada para induzir ao consumo”.

Podemos verificar que as microintervensões possibilitaram aos participantes tanto a produção de seus próprios vídeos como uma autonomia do pensamento, de alcance crítico e reflexivo.

Já relatamos que ocorreu uma nova edição da oficina em 2009, da qual foram produzidos mais dois vídeos que também serão incluídos na página da Internet do

PPGEA. A proposta para 2010 está em elaboração; o trabalho continua e as microintervenções produtoras dos *klinamens* também.

Enfim, peço licença, pelo fato de academicamente provir do campo das artes, para propor um sucinto “ensaio” poético relacionado a algumas palavras que foram grifadas em negrito durante o texto.

Elas pretendem, página a página, formar uma frase cuja leitura possa ser de valia para cada leitor e para cada *klinamen* passível de ser provocado através dela.

Para facilitar um pouco esta tarefa quase final, peço-lhes que façam uma breve pesquisa nas páginas:

24, 50, 55, 65, 113

Muito mais que apenas uma frase, talvez encontrem uma mensagem para além da ciência, para além dos meios acadêmicos, uma mensagem para *Gaia*, para a vida.

É com esta frase, construída com o leitor, que consideramos a conclusão desta etapa neste devir.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1993.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. *Dicionário teórico e crítico de cinema*. Campinas: Papirus, 2003.
- BAREMBLITT, Gregorio. Ecopráxis – discurso inaugural do Congresso “A cidade vivente”. In: A CIDADE VIVENTE: subjetividade, socialidade e meio ambiente na cidade contemporânea. *Anais...* Belo Horizonte: Movimento Instituinte de Belo Horizonte; Engendra; Instituto Félix Guattari, 1997. Cap. 2, p. 13-22.
- _____. *Apostila do curso de formação em esquizodrama (esquizoanálise)*. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2000.
- _____. *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática*. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002.
- _____. *Introdução à esquizoanálise*. Belo Horizonte: Biblioteca do Instituto Félix Guattari, 2003.
- BERNA, Vilmar. Jornalismo ambiental. In: SANTOS, José Eduardo dos; SATO, Michele. *A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora*. São Carlos: RIMA, 2001, 2003, 2006. Cap. 10, p. 159-171.
- BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto et al. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Cap. 4, p. 65-88.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Consultoria Jurídica. *Legislação Ambiental Básica*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, UNESCO, 2008.
- _____. Lei n. 9795, de 27 de abril de 1999. Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). Brasília, 1999.
- CABRAL, Álvaro. *Dicionário técnico de psicologia*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1998.
- _____. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2006.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

- DEPRESBITERIS, Léa. Educação ambiental: algumas considerações sobre interdisciplinaridade e transversalidade. In: NOAL, Fernando Oliveira; REIGOTA, Marcos; BARCELOS, Valdo Hermes de Lima. *Tendências da educação ambiental brasileira*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998. Cap. 8, p. 127-144.
- DUBOIS, Philippe. *Cinema, vídeo, Godard*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão & educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- GUARESCHI, Pedrinho; BIZ, Osvaldo. *Mídia & democracia*. Porto Alegre: Evangraf, 2005.
- GUATTARI. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1993a.
- _____. *Caosmose*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- _____. Da produção de subjetividade. In: PARENTE, André (Org.). *Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993b. Cap. 16, p. 177-191.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HESS, Remi; WEIGAND, Gabriele. A escrita implicada. *Reflexões e Debates*. Universidade Metodista de São Paulo, p. 14-25, abr. 2006.
- JAPPE, Anselm. Reino da contemplação passiva. NOVAES, Adauto (Org.). *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2005. Cap. 16, p. 254-275.
- LAPASSADE, Georges. *As microssociologias*. Brasília: Liber Livro, 2005.
- LAPLANCHE J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- LOVELOCK, James. *A vingança de Gaia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.
- LUCA, Luiz Gonzaga Assis de. *Cinema digital: um novo cinema?* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2004.
- LUTZENBERGER, José. *Manual de ecologia: do jardim ao poder*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. *História das teorias da comunicação*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método, criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOSCARIELLO, Angelo. *Como ver um filme*. Lisboa: Presença, 1985.
- NEBOT, Joaquín Rodríguez. *Multiplidad y subjetividad*. Montevideo: Nordan Comunidad, 1994.
- OKAMOTO, Jun. *Percepção ambiental e comportamento*. São Paulo: Plêiade, 1999.

- OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- O REENCANTAMENTO DO CONCRETO. *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de Estudos e pesquisas da subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, São Paulo: Hucitec, v. 1, n. 1, 1993.
- PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide de; PETRAGLIA, Izabel (Orgs.). *Edgar Morin: ética, cultura e educação*. São Paulo: Cortez, 2003.
- PERALTA, Cleusa Helena Guaita. Experimentos educacionais: eventos heurísticos transdisciplinares em Educação Ambiental. In: RUSCHEINSKY, Aloísio (Org.). *Educação ambiental: abordagens múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 2002. Cap. 8, p. 105-125.
- PEREIRA, William Cesar Castilho. A cidade: da modernidade a pós-modernidade. In: A CIDADE VIVENTE: subjetividade, socialidade e meio ambiente na cidade contemporânea. *Anais...* Belo Horizonte: Movimento Instituinte de Belo Horizonte; Engendra; Instituto Félix Guattari, 1997. Cap. 5, p. 41-46.
- PIGNATARI, Décio. O paleolhar da televisão. In: NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Cap. 29, p. 487-492.
- PLANETA. São Paulo, Editora Três, n. 432, set. 2008.
- REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- RODRIGUES, Chris. *O cinema e a produção*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: GASKELL, George; BAUER, Martin W. (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 16, p. 343-364.
- SACKS, Oliver. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2008.
- TABEAUD, Martine. O aquecimento contemporâneo: entre certeza, controvérsia e dúvida. *Ciência & Ambiente*, v. 34, p. 35-47, jan.-jun. 2007.
- TV NA ESCOLA e os desafios de hoje: curso de extensão para professores do ensino fundamental e médio da rede pública UniRede e SEEd/MEC. Coordenação de Leda Maria Rangearo Fiorentini e Vânia Lúcia Quintão Carneiro. 2. ed. Brasília: Ed. da UnB, 2002. Módulo 3: Experimentação: planejando, produzindo, analisando.
- VENTURELLI, Suzete. *Arte: espaço_tempo_imagem*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.
- ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação, 2004.

Referências eletrônicas:

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente*. Brasília, 1998. Capítulo: A necessidade de transversalização do tema nas áreas. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2010.

ENGELMAN, Robert et al. *Relatório sobre a situação da população mundial: enfrentando um mundo em transição: mulheres, população e clima*. Worldwatch Institute; UNFPA, 2009. Disponível em:

<http://www.unfpa.org.br/novo/index.php?option=com_content&view=article&id=179&Itemid=4>. Acesso em 03 jan. 2010.

ODUM, H. T. et al. *Sistemas ambientais e políticas públicas*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/fea/ortega/eco/index.htm>> Acesso 08 nov. 2008.

<http://www.krajcberg.vertical.fr/fkmanifestoportugues.html>. Acesso em: 18 set. 2009.

<http://fgbbh.org.br/glossario.htm>. Acesso em: 25 fev. 2009.

www.cinemadigitalnovosformatos.org.br Acesso em: 30 jan. 2010.

http://oglobo.globo.com/blogs/cineclube/post.asp?t=o-olho-na-nuca&cod_Post=109494&a=295. Acesso em 03 jan. 2010.

<http://www.abtu.org.br/>. Acesso em: 02 de abr. 2009.

<http://www.furgtv.furg.br/>. Acesso em: 23 maio 2009.

<http://www.institutoninarosa.org.br/>. Acesso em: 13 dez. 2009.

<http://artestacaocinevideo.blogspot.com/>. Acesso em: 02 nov. 2009.

<http://cassinocinevideo.blogspot.com/>. Acesso em: 02 nov. 2009.

<http://www.youtube.com/watch?v=xnrTRITdxKY>. Acesso em: 02 abr. 2009.

<http://www.revistaea.org/>. Acesso em: 25 fev. 2009.

<http://www.ufrj.br/leptrans/arquivos/conhecimento.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2010.

<http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/subjeticabourdieu.pdf>. Acesso em: 13 out. 2009.

www.photographein.com.br. Acesso em: 20 out. 2009.

http://www.educacaoambiental.furg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=33&catid=31&Itemid=46&lang=pt. Acesso em: 25 dez. 2009.

<http://www.casacinepoa.com.br/os-filmes/produ%C3%A7%C3%A3o/curtas/ilha-das-flores>. Acesso em: 15 fev. 2010.

<http://www.svb.org.br>. Acesso em: 18 fev. 2010.

<http://sununga.com.br/HDC/>. Acesso em: 22 fev. 2009.

<http://www.meatthetruth.nl>. Acesso em: 10 jan. 2010.

http://www.unfpa.org.br/novo/index.php?option=com_content&view=article&id=179&Itemid=4. Acesso em: 03 jan. 2010.

<http://www.prb.org/SpanishContent.aspx>. Acesso em: 27 dez. 2009.

<http://13pueblos.blogspot.com/>. Acesso em: 21 out. 2009.

www.cinemadigitalnovosformatos.org.br. Acesso em: 30 jan. 2010.

Filmes, documentários e vídeos em DVD e VHS:

13 PUEBLOS em defesa da água, do ar e da terra, 2001. Direção: Francesco Taboada Tabone. Produção: Fernanda Robinson e Atahualpa Caldera. Universidade Nacional Autônoma do México - UNAM, México. Gênero: documentário. 1 DVD/NTSC, color. (60 min).

1984. Inglaterra, 1984. Direção: Michael Radford. Lume Produções Cinematográficas. Gênero: drama, ficção. 1 DVD/NTSC, color. (113 min.).

ASSASSINOS POR NATUREZA. EUA, 1994. Direção: Oliver Stone. Warner Bros. Gênero: drama. 1 DVD/NTSC, color. (119 min).

DERSU UZALA. Direção: Akira Kurosawa. Produção: The Mosfilm Studios USSR; with the participation of Atelier-41, Japan. Japão, 1975. Gênero: drama. 1 DVD/NTSC, color. (141 min).

ILHA DAS FLORES. Brasil, 1989. Direção: Jorge Furtado. Casa de Cinema de Porto Alegre. Gênero: documentário. Fita de vídeo – VHS/NTSC, color. (12 min).

IMPÉRIO DOS SONHOS. França, Polônia, EUA, 2006. Direção: David Lynch. Europa Filmes. Gênero: ficção. 1 DVD/NTSC, color. (172 min).

JANELA DA ALMA. Brasil, 2002. Direção: Walter Carvalho e João Jardim. Copacabana Filmes. Gênero: documentário. 1 DVD/NTSC, color. (73 min).

MEAT THE TRUTH. Direção: Gertjan Zwanikken. Produção: Monique van Dijk Armor; Claudine Everaert. Holanda, 2008. Gênero: documentário. 1 DVD/NTSC, color. (70 min.).

OLHO NA NUCA. Espanha, México, 2000. Direção: Rodrigo Plá. DreamLand Filmes. Gênero: drama. 1 DVD/NTSC, color. (25 min).

TEMPOS MODERNOS. EUA, 1936. Direção: Charles Chaplin. Continental. Gênero: comédia. 1 DVD/NTSC, P&B. (87 min.).

TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE. Analisando e experimentando o audiovisual: oficina de vídeo na escola/módulo 3, unidade 1. Ministério da Educação. Brasil, 2002. Direção: Getsemane Silva & Carol Vergolino. CPCE/UnB. Gênero: vídeo aula. 1 VHS/NTSC, color. (15 min).

Compact Disc:

LENINE. *Falange canibal*. Faixa 02 – *Sonhei*. BMG. Brasil, 2002. 1 CD.

ANEXOS

ANEXO 1

QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS PARTICIPANTES DO GRUPO-SUJEITO

Respostas participante A

1. Comparado ao momento anterior a oficina, que leitura fazem vocês, hoje, dos veículos midiáticos que se utilizam da linguagem audiovisual?

Antes da oficina de vídeo não pensava na possibilidade de utilizar filmagens na minha prática pedagógica, por considerar difícil e inacessível sua utilização devido a fatores como: não saber operar a câmera.

2. Vocês acreditam ser importante ao educador ambiental a apropriação da linguagem audiovisual? Por quê?

Sim, por ser mais um recurso que atrai as pessoas principalmente os jovens e as crianças e pela riqueza e realidade dos fatos, situações que está denunciando.

3. As discussões ocorridas durante a oficina e os conceitos técnicos e filosóficos – tanto sobre a linguagem audiovisual quanto as três ecologias –, surtiram efeitos em seus projetos de pesquisa e dissertação? Quais?

Sim, a preocupação com a luminosidade, posições da câmera, as tomadas, da mesma forma que a música utilizada contribuem para enfatizar sensações sentimentos que queremos causar nos telespectadores.

4. Que tipo de benefícios vocês percebem da integração entre a linguagem audiovisual e a EA?

Principalmente a sensibilização, acredito que as imagens causam grandes impactos no telespectador. Por este motivo é tão utilizada para induzir ao consumo. Penso que quando as pessoas se sensibilizam tomam consciência das coisas. Ou seja, começam a utilizar no cotidiano os conhecimentos que possuem.

5. O que pensam sobre o material produzido em relação à ideia inicial? Coloquem questões referentes aos elementos da linguagem, o trabalho de som, uso dos diferentes estilos musicais, as imagens, as cores, os cortes de uma imagem para outra, os significados e sentidos estabelecidos por meio da edição.

Penso que para produzir um vídeo é necessário capturar imagens que expressem de maneira mais interessante a temática que queremos apresentar, as tomadas e as músicas são recursos que promovem um impacto maior.

6. Falem livremente sobre suas percepções em relação às atividades e os conceitos abordados?

Penso que deveríamos utilizar mais o recurso audiovisual nas escolas. Pois é um recurso que atrai muito a atenção dos alunos. Além dos múltiplos recursos de imagens que podem ser apresentados. Acredito que a utilização do audiovisual melhoraria muito o processo de ensino e aprendizagem. Para os professores com recurso pedagógico e para os alunos como uma forma mais fácil de assimilar os conhecimentos.

Respostas participante B

1. Comparado ao momento anterior a oficina, que leitura fazem vocês, hoje, dos veículos midiáticos que se utilizam da linguagem audiovisual?

Antes das oficinas, eu achava tudo muito natural, não tinha um olhar crítico e apurado para estas questões. Após as oficinas e produção do vídeo, pude perceber que os veículos midiáticos são todos manipuláveis, ou seja, temos o poder de atingir o público da maneira que queremos.

2. Vocês acreditam ser importante ao educador ambiental a apropriação da linguagem audiovisual? Por quê?

Sim, porque técnicas de imagens e sons, nesse mundo acelerado que vivemos, é uma maneira muito rápida e eficaz de tentar uma mudança de atitude.

3. As discussões ocorridas durante a oficina e os conceitos técnicos e filosóficos – tanto sobre a linguagem audiovisual quanto as três ecologias –, surtiram efeitos em seus projetos de pesquisa e dissertação? Quais?

Sim, com relação a técnica estou utilizando a todo o momento, pois estou produzindo um vídeo sobre a ONG a qual pesquiso, com relação a filosofia de Félix Guattari, acredito que estou de iniciante, pois é uma leitura bastante densa e pretendo me aprofundar.

4. Que tipo de benefícios vocês percebem da integração entre a linguagem audiovisual e a EA?

Uma integração necessária e positiva quando bem utilizada.

5. O que pensam sobre o material produzido em relação à ideia inicial? Coloquem questões referentes aos elementos da linguagem, o trabalho de som, uso dos diferentes estilos musicais, as imagens, as cores, os cortes de uma imagem para outra, os significados e sentidos estabelecidos por meio da edição.

Em relação à ideia inicial, parecia que tudo ia ser muito difícil; mas o envolvimento de todos no trabalho foi muito significativo para o resultado final. Tudo ficou ótimo, as imagens, o som, a edição, o vídeo tem muito significado para mim, pois sou uma pessoa muito tímida, e com o vídeo e as oficinas tive a oportunidade de poder superar essa carência.

6. Falem livremente sobre suas percepções em relação às atividades e os conceitos abordados?

Minha percepção a respeito das atividades e conceitos utilizados é bastante positiva, pois como já afirmei, tinha grande inércia e estagnação com relação à mídia, e agora já consigo refletir melhor. E com relação às atividades, me ajudaram a superar minha timidez.

Respostas participante C

1. Comparado ao momento anterior a oficina, que leitura fazem vocês, hoje, dos veículos midiáticos que se utilizam da linguagem audiovisual?

Depois das oficinas me dei conta que é possível transmitir o que se quer a partir das técnicas e possibilidades na edição de imagens, ainda que haja uma sequência e um texto falado já definido. Falo de manipulação de imagens, fato que é fortemente usado pela “showmidia” manipulando informação. De outra visão, devemos nos apropriar dessas possibilidades para retratar situações com outros ângulos a partir de outros valores, que não são os mais comumente abordados.

2. Vocês acreditam ser importante ao educador ambiental a apropriação da linguagem audiovisual? Por quê?

Importantíssimo! Assim como julgo a escrita e a leitura, ferramentas que possibilitam o pensamento, julgo o áudio-visual ferramenta que pode possibilitar o pensamento ou a estagnação desses, conforme seja usado no caso da EA que pretende que possamos refletir, relacionar para transformar a atual situação, essa forma de abordagem é sem dúvida significativa.

3. As discussões ocorridas durante a oficina e os conceitos técnicos e filosóficos – tanto sobre a linguagem audiovisual quanto as três ecologias –, surtiram efeitos em seus projetos de pesquisa e dissertação? Quais?

Pesquisei em meu projeto a possibilidade de um grupo de professores em formação continuada em constituir-se enquanto comunidade aprendente. Esse conceito foi observado e vivido nas oficinas, na construção e desenvolvimento do EDEA e permitirá que atue nessa perspectiva também com auxílio da ferramenta áudio-visual.

4. Que tipo de benefícios vocês percebem da integração entre a linguagem audiovisual e a EA?

A possibilidade de provocar estímulos e gerar sentidos para que os sujeitos sentindo se posicionem e queiram transformar essa situação de crise ambiental.

5. O que pensam sobre o material produzido em relação à ideia inicial? Coloquem questões referentes aos elementos da linguagem, o trabalho de

som, uso dos diferentes estilos musicais, as imagens, as cores, os cortes de uma imagem para outra, os significados e sentidos estabelecidos por meio da edição.

Penso que por inexperiência, faltou uma imaginação e planejamento das tomadas, principalmente com relação ao áudio, o que prejudicou para que algumas manifestações de participantes do EDEA fossem reproduzidas na fala. Por meio da edição percebemos o que de significativo aconteceu no evento, levando novamente a reflexão, além de, por ser um processo recursivo, permitir que re-avaliemos atitudes e planos para uma próxima ocasião de gravação. O que mais me chama a atenção é a potencialidade e a possibilidade que a edição tem para manipulação de imagens. Fico imaginando o que pode a grande mídia fazer para manter o *status quo* bem como o que podemos nós para mostrar através dessa ferramenta.

6. Falem livremente sobre suas percepções em relação às atividades e os conceitos abordados?

Gostei muitíssimo! Aprendi não só algumas técnicas como a relevância delas para o processo de emancipação. Hoje vivo pensando nas micro-intervenções, nas pequenas ações que nos levarão, sem dúvida, a momentos mais agradáveis, mais reflexivos e, portanto, mais responsáveis com relação ao outro, que é o colega, o planeta, a natureza construída, os demais animais.

Respostas participante D

1. Comparado ao momento anterior a oficina, que leitura fazem vocês, hoje, dos veículos midiáticos que se utilizam da linguagem audiovisual?

Passei a entender a produção de um vídeo de forma menos complicada e percebo que há diversas formas de direcionar o conteúdo para atingirmos um certo fim, que em um vídeo não trabalhamos apenas a imagem nua e crua mas todas as percepções que elas (as imagens), unidas aos sons, podem estimular.

2. Vocês acreditam ser importante ao educador ambiental a apropriação da linguagem audiovisual? Por quê?

Sim. Pois além de poder utilizá-la como ferramenta de trabalho ainda é importante este entendimento para que possamos assistir com olhos “mais abertos” as produções que nos são colocadas pela mídia e até as que buscamos para ampliar nossos conhecimentos.

3. As discussões ocorridas durante a oficina e os conceitos técnicos e filosóficos – tanto sobre a linguagem audiovisual quanto as três ecologias –, surtiram efeitos em seus projetos de pesquisa e dissertação? Quais?

Sim. A oficina me auxiliou da forma como mencionei na resposta acima. Assisti alguns vídeos e entrevistas sobre/com o movimento social que pesquiso e me senti mais segura ao avaliá-los quanto as suas reais intenções e as discussões sobre as 3 ecologias contribuíram em conjunto. No seminário houve momentos muito marcantes que pude levar às análises dos textos que venho lendo.

4. Que tipo de benefícios vocês percebem da integração entre a linguagem audiovisual e a EA?

Os benefícios são muitos. Desde a possibilidade de veicular uma denúncia até a importância da problematização das questões socioambientais que podem atingir um bom número de pessoas através desses recursos, despertando diversas percepções e “reações”.

5. O que pensam sobre o material produzido em relação à ideia inicial? Coloquem questões referentes aos elementos da linguagem, o trabalho de som, uso dos diferentes estilos musicais, as imagens, as cores, os cortes de uma imagem para outra, os significados e sentidos estabelecidos por meio da edição.

Acredito que a oficina atingiu seus objetivos. Pude perceber em alguns vídeos a sincronia de áudio e vídeo assim como a intencionalidade colocada nas músicas. A maior parte das imagens foi de boa qualidade e as trilhas “deram recados”. Alguns utilizaram bem as possibilidades das montagens, dos efeitos e acredito que para todos, foi uma excelente experiência.

6. Falem livremente sobre suas percepções em relação às atividades e os conceitos abordados?

A principal mensagem que ficou para mim, derivada da junção do seminário das 3 ecologias com a oficina de audiovisual foi: “abram as suas mentes, o mundo está para além do que se vê”. “Percepção”

Respostas participante E

1. Comparado ao momento anterior a oficina, que leitura fazem vocês, hoje, dos veículos midiáticos que se utilizam da linguagem audiovisual?

Me sinto mais problematizadora nos momentos que me utilizo dos veículos midiáticos. Antes das oficinas, eu não tinha o menor conhecimento de como era a técnica que se utiliza na mídia, agora, depois de passar por atividades práticas, de vídeo e filmar algumas imagens, me sinto possuidora de um olhar mais crítico sobre estas questões.

2. Vocês acreditam ser importante ao educador ambiental a apropriação da linguagem audiovisual? Por quê?

Sim, a apropriação desta linguagem para o educador, o possibilita um trabalho mais técnico, com um recurso que levará a informação mais longe e de uma forma “simples”, depois que estiver pronta.

3. As discussões ocorridas durante a oficina e os conceitos técnicos e filosóficos – tanto sobre a linguagem audiovisual quanto as três ecologias –, surtiram efeitos em seus projetos de pesquisa e dissertação? Quais?

Sim, eu tive até a idéia de fazer uma oficina de vídeo no asilo, mas por motivos de força maior, não pode ser levada adiante, pelo menos nesse momento. Quanto à teoria, ela está bem clara no título de minha dissertação e em seu conteúdo.

4. Que tipo de benefícios vocês percebem da integração entre a linguagem audiovisual e a EA?

Os benefícios são a facilidade na troca de informações, quando o vídeo ou fotos estão finalizados, facilitando na construção de conhecimento. Assim a EA é

favorecida em seus objetivos, bem como a linguagem audiovisual, que seriam uma visão crítica do mundo e formas de melhorá-lo.

5. O que pensam sobre o material produzido em relação à ideia inicial? Coloquem questões referentes aos elementos da linguagem, o trabalho de som, uso dos diferentes estilos musicais, as imagens, as cores, os cortes de uma imagem para outra, os significados e sentidos estabelecidos por meio da edição.

Para mim os vídeos tiveram uma qualidade muito boa. Trabalharam com músicas bem escolhidas, fazendo com que as imagens bailassem ao som das melodias. Os trabalhos nas cores foram muito criativos, possibilitando as variações de formas de apresentação de textos, ao longo dos vídeos, e contrastes de tempos passados e presentes. As edições refletiram sentidos preocupados com as questões ambientais e deixaram isso bem claro.

6. Falem livremente sobre suas percepções em relação as atividades e os conceitos abordados?

As atividades e conceitos abordados nas oficinas de vídeo foram inesperadas para mim e uma surpresa muito gratificante. Nunca havia pensado nesta possibilidade, de trabalhar com produção de vídeos, mesmo já tendo trabalhado com fotografias com meus alunos. Agora conheço mais um recurso “didático” para ser trabalhado em aulas daqui para frente.

Respostas participante F

1. Comparado ao momento anterior a oficina, que leitura fazem vocês, hoje, dos veículos midiáticos que se utilizam da linguagem audiovisual?

Eu sempre adorei (e adoro) o cinema, a fotografia e sempre considerei uma ferramenta fundamental à hora de expressar o que a gente quer expressar. Agora, tendo aprendido noções de edição, e tendo a satisfação que em certa maneira consegui plasmar em imagens o que eu queria, vejo hoje o vídeo ainda mais importante para chegar às pessoas, além porque permite que as pessoas que participam do processo se enxerguem desde outro ponto de vista,

percebendo de maneira global o processo do qual participaram assim como a importância do mesmo.

2. Vocês acreditam ser importante ao educador ambiental a apropriação da linguagem audiovisual? Por quê?

É importante mesmo, até pelo que já respondi, o fato das pessoas se enxergassem no vídeo, da aquela visão global do processo, e acho que também as faz sentir importante, eles como indivíduos e como participantes do coletivo.

3. As discussões ocorridas durante a oficina e os conceitos técnicos e filosóficos – tanto sobre a linguagem audiovisual quanto as três ecologias –, surtiram efeitos em seus projetos de pesquisa e dissertação? Quais?

No meu caso, a saída ao Cassino foi uma das saídas da minha pesquisa, assim que tem tudo haver, porque realizamos outras saídas a outros cenários da cidade para refletir sobre as problemáticas ambientais locais. Os conhecimentos técnicos me abriram a possibilidade de pensar em fazer um vídeo abrangendo todas as saídas, todo o processo. Mesmo assim a discussão filosófica me permitiu trabalhar desde um enfoque mais articulado a maneira de enxergarmos a si mesmos, a sociedade e o ambiente.

4. Que tipo de benefícios vocês percebem da integração entre a linguagem audiovisual e a EA?

Acho que gera um impacto nas pessoas, agora a gente começa a pensar mais em questão do vídeo, que dizer, à hora de tirar uma foto, filmar alguma coisa é diferente, é feito com mais cuidado, nos detalhes, na qualidade. E sem dúvida através das imagens a gente pode sensibilizar, as pessoas podem perceber coisas até então desconhecidas.

5. O que pensam sobre o material produzido em relação à ideia inicial? Coloquem questões referentes aos elementos da linguagem, o trabalho de som, uso dos diferentes estilos musicais, as imagens, as cores, os cortes de uma imagem para outra, os significados e sentidos estabelecidos por meio da edição.

Bom, eu e empolguei muito fazendo o vídeo, mesmo porque eu gosto, comecei a reparar em cada detalhe, em cada imagem, som, etc, tive que procurar em fotos e vídeos feitos quando cheguei aqui porque estando em outra cidade não tinha a possibilidade de filmar o que faltava. A música foi difícil de escolher, a primeira música da introdução eu queria colocar mesmo, nesse caso o vídeo foi feito em função da música, mesmo assim, só lembrava músicas em espanhol, a última que decidi legendar, o fiz, pois acho que é uma música que estabelece as relações que existem, uma coisa leva a outra, não é isolado. Assim legendei para que as pessoas não perdessem o detalhe do conteúdo da música. Enquanto às imagens, tive à procurar na internet algumas fotos precisamente por não poder tirá-las, queria incluir mais fotos da periferia. Ontem que cheguei ao Cassino já o percebi de outro jeito, pensando nas imagens que poderiam ter servido, e acho que esse era o objetivo do vídeo: “convidar as pessoas para enxergar o ‘outro’ de outra maneira, liberando-nos das individualidades e egoísmos que fazem nossa vida fragmentada, e que nos permita regatar valores como a solidariedade, a tolerância, o respeito para construir uma nova realidade.”

6. Falem livremente sobre suas percepções em relação às atividades e os conceitos abordados?

Acho que já respondi essa pergunta, só complemento dizendo que todo o processo, as reflexões, os diálogos, entender ou pelo menos aproximar-me à teoria de Guattari, assim com a parte de edição sem dúvida acrescentaram muitas coisas na minha formação acadêmica e profissional.

QUESTIONÁRIO APLICADO APÓS A EXIBIÇÃO DE CADA VÍDEO

Vídeo 1 – “I EDEA”

Participante A: minha primeira impressão ao assistir o vídeo sobre o EDEA me remete a saudade dos momentos vividos naquele encontro. Mas sobre tudo esta proposta ter partido de pessoas que vieram de fora da nossa cidade, ou melhor, que não eram alunos da universidade e tiveram a brilhante idéia de promover este espaço de discussões e a partir deste evento elaborar o PPP do PPGA. O evento me surpreendeu pela preocupação que os organizadores tiveram ao elaborar o lanche oferecido no intervalo do evento e também pela distribuição da caneca de louça que demonstra a real preocupação e a busca por atitudes saudáveis para alimentação.

Participante B: o vídeo que foi aqui apresentado para mim significou muito, pois foi um trabalho de múltiplas aprendizagens. Aprendi novas técnicas, novas metodologias, sem falar no trabalho coletivo que possibilitou riquíssimas experiências, experiências que puderam ser compartilhadas, foram inúmeros encontros, para a realização desse trabalho (o IEDEA e o vídeo), inúmeras fotos, gravações, mas nunca em busca da perfeição, e sim do aperfeiçoamento, ou seja, de aprimorar nossos conhecimentos e contribuir para uma mudança de atitude do coletivo.

Participante C: foi extremamente significativa a construção da idéia, o planejamento, o desenvolvimento, o reencontro (através das imagens), a escrita, a edição, enfim todas as etapas que culminaram para realização da micro-intervenção realizada pelo grupo com a proposta do I Encontro de Diálogos pela EA. Com essa proposta pude compreender melhor a perspectiva das micro-intervenções e hoje aposto e esforço-me para realizá-las sempre que possível, acreditando que assim rumamos para a transformação da atual sociedade capitalista num movimento de provocar sensações e significar sentidos. Partilhamos idéias; aprendemos muito; conhecemos e executamos técnicas audiovisuais além de gerar entre nós uma atmosfera de muita amizade, crescimento, afetividade propiciada pelos nossos encontros. A oficina das 3 ecologias em si foi muito importante para o desencadear de muitas

micro-intervenções, de aprendizado, harmonia, trabalho e reflexão com relação a essa micro-intervenção, em especial avaliamos as potencialidades, falhas e os avanços a partir da edição do vídeo. Assim conversamos sobre outros modos e outras formas para uma próxima experiência valorizando a partir do que conseguimos, de modo geral, realizar. Valeu!

Participante D: a qualidade do vídeo, tecnicamente é muito boa mas na minha opinião o processo de realização do evento em si e seus resultados (tanto para o PPGEA quanto para o grupo) são de fato a grande intervenção. Como filha, mãe, gestora ambiental, mestranda do PPGEA e parte do grupo organizador de evento, posso dizer que esta foi a melhor experiência que tive no mestrado e a maior vivência de educação ambiental, na forma que a compreendo, participativa, atuante politicamente, transformadora, preocupada com a coletividade, afetiva... a intervenção ocorreu em nós, no programa, na comunidade e seguirá ocorrendo à medida que momentos como este (hoje) vão tendo espaço. A qualidade do vídeo é reflexo do empenho de todos e principalmente da intensidade da nossa esperança.

Participante E: este projeto foi muito especial para mim, porque fez parte da realização do meu sonho de educadora ambiental. O processo coletivo de organização e preparo do vídeo me levou a refletir como somos preconceituosos, pois antes de conhecer o “atrás das câmeras” eu idealizava o mundo da mídia. Agora, quando assisto televisão, me vejo observando com olhos mais preparados e problematizadores, do que as imagens passam na tela, do que não passam e alguns motivos para isso. Aprender a criar um vídeo como este, me abre novos caminhos didáticos, na escolha que fiz para a minha vida profissional, de ser uma educadora ambiental, sem contar da felicidade de poder transmitir o IEDEA para mais pessoas.

Participante F: considero que o vídeo da para perceber todo o processo de construção do I EDEA sendo que esse constituiu um passo muito importante para o melhoramento do curso, além, levando em conta que a idéia de realizar o encontro partiu das inconformidades e vontade de melhorar nosso curso. Considero muito importante que os professores do programa assistam o vídeo já que pode servir para se apropriar mais do programa e para que percebam quanto é importante a opinião dos alunos, as nossas sugestões para melhorar o programa. De repente houvesse

sido interessante incluir umas pequenas falas de professores, estudantes do programa assim como comunidades e ex-alunos a fim de perceber as diferentes formas de enxergar o curso . Enquanto a parte técnica e edição, achei muito bacana a música, muito bem escolhida, e percebi quanto é importante a comida para nós!!! Como em torno da comida se criam espaços para compartilhar, refletir, dialogar, falo isso porque as primeiras imagens que aparecem do encontro foram da comida!

Considero muito importante que o 2º EDEA comece ser construído com os novos e antigos para que não se perda o processo, e finalmente possamos construir um programa de educação ambiental como é sonhado por muitas das pessoas que chegamos a ele com muita expectativa, onde se discuta e se reconstruam as nossas relações com o ambiente, com a sociedade e com nós mesmos.

Vídeo 2 – “3 ECOLOGIAS”

Participante A: este vídeo me faz refletir sobre que mundo deixaremos para as próximas gerações. Atualmente a humanidade esta muito preocupada em satisfazer suas necessidades vinculadas ao consumo. Muitas vezes sem perceber ou se preocupar que estas atitudes impensadas terão conseqüências irreversíveis para o planeta. E estaremos prejudicando nossos descendentes.

Participante B: o vídeo apresentado é bastante impactante e passa bem a mensagem que as autoras queriam passar. O contraste das imagens é bem significativo. Como sugestão: quem sabe algumas tomadas e áudio?

Participante C: as imagens e os sons apresentados provocaram sensações agradáveis e de desconforto. Fizeram-me pensar o que é a vida, suas manifestações, como é tratada. Estímulos que levaram à reflexão, ao sentimento de alegria ao mesmo tempo que gerou indignação. Na minha visão, essa microintervenção teve a intenção de fazer sentir para levar a pensar: Vida, pensada a partir dos inúmeros significados: beleza, criação, movimento,, degradação, manutenção, destruição, geração, enfim, vida.

Participante D: o vídeo apresenta um tom de ameaça, de denúncia no primeiro momento e aos poucos vai se suavizando e passa para uma fase que sugere possibilidade de mudança, da renovação da vida, traz as crianças, o sorriso, a esperança. Senti falta de algo que explicasse a intervenção em si.

Participante E: este vídeo me pareceu muito forte, chocante e com imagens contrastantes. A cada imagem e sons, eu me angustiava, mas logo vinham outras, que me acalmavam. Foram usadas fotos de muitos locais diferentes, me embaralhando o pensar eu ficava tentando identificar de onde eram as fotos, mas cabei pedindo para ver de novo e pude me concentrar no que as imagens representavam. O vídeo mostrou um ciclo, a meu ver, de harmonia, desarmonia e de volta para a harmonia.

Participante F: o vídeo, como falou uma das crianças da minha pesquisa me fez sentir “um aperto no coração”, ao ver como estamos esquecendo o valor da vida, da natureza, do ambiente, da nossa casa, achei legais as músicas no sentido que quando são imagens “fortes” (de lixo, bichos) a música é suave tranqüila, como se quisesse expressar que embora as coisas estejam “feias” ainda há esperança, e essa esperança existe precisamente em cada criança que nasce, em cada nova vida. De repente houvesse sido legal incluir um pouco mais de vídeo, quer dizer imagens em movimento para não ficar tão “parado”, no entanto a mágica da fotografia é o fato de congelar um instante no tempo, e acho que ficou ótimo quando começa a soar o piano.

Vídeo 3 – “VISITANDO A ESCOLA”

Participante A: neste vídeo tentei mostrar que a instituição escolar é o local onde podemos trabalhar com os alunos as questões ambientais nos seus diferentes enfoques, seja relacionando a natureza, problemas sócio-econômicos... e desta forma conscientizar ou sensibilizar os alunos no que se refere a esta problemática, fazendo que se sintam protagonistas nesta sociedade. Mostrando que sua participação de forma consciente e responsável fará diferença no ambiente em que atuam melhorando a sociedade que vivemos.

Participante B: o vídeo apresentado ficou muito interessante e prazeroso de assisti-lo, pois traz o cotidiano da escola; cotidiano este marcado por coisas boas e coisas ruins, que ficam bem situadas no vídeo. Gostei muito das falas, das entrevistas e da trilha sonora, e do entusiasmo de uma professora que gosta do que faz. Pois, o gostar do que se faz – faz a diferença.

Participante C: percebo nessa microintervenção a grande importância que Bia, com muita satisfação e alegria, atribui à escola em que trabalha. A partir das imagens das atividades extraclases oferecidas pela escola aos alunos, em especial o esporte, a professora nata, Beatriz valoriza com bastante ênfase o que além das aulas é oferecido pela escola. Num entendimento de pertencimento, conforme percebo, a Bia valoriza bastante a escola onde trabalha, onde também estudou, fazendo-nos refletir sobre suas preocupações e descontentamentos diante da depredação do patrimônio por alguns alunos. Preocupação que pode ser dimensionada quando vemos a realização das atividades de reflexão estética promovida por outras mestrandas do programa, numa também considerada micro intervenção.

Participante D: o vídeo apresenta bem a escola, as atividades extra-curriculares e tenta equilibrar o lado positivo, as ações positivas com o lado “negativo”. Ou seja, mostra a escola como espaço onde se desenvolvem excelentes atividades de interação, criatividade, participação, aprendizado e também vandalismo, descaso, etc. depois mostra a intervenção da oficina de educação ambiental realizada pela Aline e pela Dani. Acho que esta parte poderia ter sido mais explorada. Os conteúdos, a metodologia, a participação dos alunos, as propostas e os resultados, assim como, as impressões dos envolvidos. Adorei a trilha sonora!

Participante E: um vídeo cheio de sensibilidade, que conta lindamente a história de uma escola municipal. Mostra o quanto a educação se faz presente em vários âmbitos e que mesmo assim, a comunidade ocupa os espaços vazios, como muros, de uma forma não tão bonita. O vídeo procurou transmitir imagens gerais das atividades e em especial um projeto de educação estética, que traz momentos de aprendizado para os alunos, de como utilizar de uma forma positiva os espaços da escola. A Beatriz se mostrou totalmente envolvida com a escola, profissionalmente e

afetivamente, o que para mim é a soma de duas qualidades que levam a um lindo trabalho.

Participante F: esse aperto no coração que senti com o vídeo anterior, foi desaparecendo ao assistir o vídeo, que me permitiu seguir acreditando que através da educação podemos construir uma nova forma de ver a realidade, onde as relações com os outros, com o ambiente e com a sociedade seja cada vez mais harmoniosa. Vejo no vídeo um trecho do livro do Guattari quando ele fala que através da arte, do esporte, da música reconstruímos a relação mente-corpo, considero que a escola deve apontar nessa direção, nessas práticas que permitem sensibilizar as pessoas, os estudantes e onde outras pessoas da comunidade educativa também se envolvem, tornando-se “amigos da escola”. Por outro lado, considero que esses estudantes que não são “orgulho da escola”, são as pessoas com as quais mais a gente tem que trabalhar, constituem um desafio maior já que detrás dessa “vandalismo” sem dúvida se esconde um conflito familiar, pessoal que é necessário abordar, articular aos processos da escola, não trabalhar como casos isolados. Novamente considero, que graças ao trabalho de professoras como a Beatriz ainda existe esperança para transformar a nossa realidade. A edição, sem palavras. Ótima, a música muito linda e especial.

Vídeo 4 – “CASSINO, A OUTRA CARA DO BALNEÁRIO”

Participante A: este vídeo é muito interessante, pois nos mostra o outro lado do Balneário Cassino que não é noticiado pela mídia. Mas que é o reflexo do descaso das autoridades frente aos problemas sócio-ambientais. Seria necessário que mais vídeos e trabalhos nesta perspectiva de denúncia fossem disponibilizados a população. Para campanhas e ações fossem efetivadas para solução destes problemas que na sua grande maioria assolam as populações menos favorecidas, que certamente não usufruem das belezas e da infra-estrutura dos hotéis, bares e restaurantes e nem desfilam de carros na praia e na avenida do balneário.

Participante B: o vídeo apresentado sobre o balneário Cassino é um vídeo muito interessante, nas imagens as autoras souberam expressar os seus sentimentos em

relação ao lugar, as pessoas, aos animais, etc... Também gostaria de ressaltar que é um vídeo bastante crítico; teve grande preocupação com o fator econômico.

Participante C: com esse vídeo alimento minha esperança mais que minha tristeza, indignação, descontentamento, sentimento de injustiça, esta a percepção do outro. No caso das gurias, que percepção! Fizeram-nos refletir, emocionaram, com abordagens densas, críticas e pertinentes a cerca do balneário Cassino, sua paisagem natural, a problemática com o lixo, falta de saneamento, exclusão, desigualdade, especismo, belezas, enfim uma visão que buscou nos oferecer as mais diversas imagens desse lugar. Que sensações, que provocações! E o que deve ter gerado nos alunos que participaram da saída? Nos profissionais como a bióloga Suzana que pode partilhar sua preocupação com ralação aos animais abandonados e a política de matança e maus tratos que fazem com esses seres. Gostei muito! Se o objetivo era fazer pensar, atizando através de nossa visão e audição, então as gurias me provocaram 100%! Parabéns!

Participante D: adorei o “tributo ao Cassino”. Belíssimas imagens, mesmo as que mostram o lado “negativo” do Cassino, são lindas. A intervenção apresenta passo a passo, as explicações a respeito dos motivos para se visitar determinados locais a própria estruturação da visita, a problematização, achei perfeito. Algumas falhas no áudio durante as falas das crianças poderiam ser resolvidas com legendas e as legendas que aparecem algumas vezes são bastante rápidas, poderiam ser mais lentas. A trilha sonora está maravilhosa, muito agradável ver e ouvir.

Participante E: um vídeo muito importante para o contexto da educação ambiental, o olhar crítico da edição nas imagens foi surpreendente, acredito estar pronto para ser passado na televisão, como um documentário. O texto que é lido ao longo das atividades mostradas, nos locais “desconhecidos” do Cassino, nos ensinam o quanto ainda podemos aprender, em locais que acreditamos já conhecer. A percepção do balneário, por um outro foco, que não o lado do turismo indevido, nos faz pensar nas relações que praticamos no ambiente em que vivemos. Nas relações, que muitas vezes não nos damos conta que fazemos parte.

Participante F: foi um processo sem dúvida muito especial, ao começo o que percebi como um pequeno vídeo foi virando um projeto que cada vez mais queria aperfeiçoar. Pretendi, com esse vídeo, como o título diz, mostrar a outra cara do balneário, para que sem importar se moramos nele só por um tempo, aprendamos a querê-lo sendo que Cassino representa não só o bairro no qual moramos, mas o nosso planeta, cuidando dele, aprendemos a cuidar das nossas vidas, dos nossos vizinhos, da nossa casa, do nosso planeta. A experiência com as crianças foi muito legal, não deu para incluir no vídeo, mas falas como “nunca imaginei que o Cassino fosse isso também”; ou “a gente conheceu outro Cassino” apareceram nas crianças, esse Cassino que era a avenida e a praia tornou-se muito mais. Enquanto a edição foi ótima, sempre quis aprender a produzir vídeos, e esse meu primeiro “filhinho” acho que ficou super, claro, cada vez encontro mais erros ou coisas para melhorar, mas para ser o primeiro vídeo gostei muito. Foi um pouco difícil porque estando longe às vezes percebia que precisava uma imagem mais, alguma coisa, mas com a ajuda do Cláudio e com algumas cenas em Floripa consegui superar algumas dificuldades. Sem dúvida tenho muito mais para dizer, mas por enquanto é isso.

Vídeo 5 – “OFICINA DE HIGIENIZAÇÃO CORPORAL E AMBIENTAL”

Participante A: Esta oficina é interessante, pois apresenta maneiras para fabricar de maneira artesanal produtos de higiene com materiais alternativos e que na grande maioria das vezes é depositado no lixo. Produzir estes produtos traz benefícios ecológicos ao ambiente, mas também pode ser gerador de renda para as famílias menos abastadas, ou simplesmente fazer uma economia nas despesas domésticas com a fabricação de produtos que são caros o seu consumo.

Participante B: o vídeo produzido e apresentado por Jai tem uma função bastante social, as oficinas são de grande importância para a comunidade. O vídeo é um pouco extenso e a parte das oficinas é uma parte bem interessante. Sugestão: umas tomadas de falas, de entrevistas no vídeo.

Participante C: Jai também trabalha a partir do pertencimento. Apresenta vídeo reflexivo, que enaltece a escola onde trabalha problematizando sua não mais

tradição de centro educativo renomado. Nessa abordagem, observei que o colega, em atitude de descontentamento com relação à evasão de alunos por causa de muitas vezes terem que priorizar o trabalho ao estudo propondo oficinas de fabricação de produtos de limpeza. A atividade desenvolvida nos mostra que é possível fabricar produtos e gerar renda alternativa para a necessidade de trocar a escola pelo trabalho. Jai, além de preocupado e zeloso pela escola e pela educação realiza atividade de reflexão e possibilidade. Parabéns!

Participante D: o vídeo apresenta bem a escola, as atividades extraclases. Ótimas imagens da escola. Na parte que mostra a intervenção, as imagens também estão boas, porém a proposta das oficinas, o local onde se realizaram e os “resultados” não foram apresentados. Gostei da idéia de colocar legendas falando do trabalho junto com as imagens. “O fazer”

Participante E: nesse vídeo percebi as possibilidades de edição, com mais tempo, parecendo que estava mais atenta a isto. Gostei da forma como as imagens ficavam mais claras à medida que o texto ia correndo na frente. A idéia do vídeo foi muito interessante, mostrando a escola Pelotense e suas atividades, culminando na oficina do Jai, que pelas imagens, me deixou com muita vontade de aprender as receitas. Acredito que os alunos que participaram, inclusive filmando, tiveram um grande aprendizado.

Participante F: considero que esse tipo de práticas são necessárias e que podem enriquecer muito o conhecimento das pessoas que participam. No entanto, considero que deve existir uma constante reflexão enquanto aos produtos que utilizamos, entendendo o ciclo dos recursos, a água, o azeite, etc. algo assim como a oficina do pão companheiro, onde além de elaborar o pão refletimos sobre a procedência e importância da água, por exemplo, do trigo, do milho, dos alimentos, e daí parte a reflexão sobre a pobreza, as desigualdades sociais, quer dizer, não fazer sabão, mas compreendendo a complexidade do assunto. De repente, essa reflexão foi feita, mas no vídeo não deu para perceber, podei ater-se incluído as falas dos alunos, os diálogos criados a partir do processo, também o que essas oficinas significaram para as pessoas, se transformou de alguma forma sua percepção. Os textos podiam ter sido narrados para poder olhar as imagens sem preocupar-se em ler.

ANEXO 2

OFICINA "UMA LEITURA CRÍTICA SOBRE A LINGUAGEM DO VÍDEO EM SALA DE AULA – CERTIFICADO

2^o SIMPÓSIO ENSINO DE ARTE
SUBSÍDIOS PARA REFLEXÃO

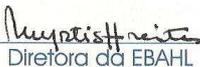
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIDADE DE CULTURA
ESCOLA DE BELAS ARTES HEITOR DE LEMOS
16ª SEMANA DE ARTE E CULTURA

CERTIFICADO

Certificamos que CLÁUDIO TAROUCO DE AZEVEDO – OFICINEIRO

participou do 2º Simpósio de Ensino de Arte - Subsídios para a reflexão, realizado no período de 16 a 24 de outubro de 2003, promovido pela Área de Artes Plásticas da Escola de Belas Artes Heitor de Lemos, no total de 40 horas.

Rio Grande, 28 de outubro de 2003.


Diretora da EBAHL


Secretária de Educação

Palestras:

- Pedagogia do Acontecimento Poético - Profª Dra Marli Meira (Gearte/UFRGS/RS)
- O Sentido dos Sentidos: Educação (do)Sensível - Prof. Dr João Francisco Duarte Jr (UNICAMP/SP)
- A Sedução das Imagens e a Educação - Profª Dra Analice Dutra Pillar (UFRGS/RS)
- Narrativas de Experiências - Prof Esp João Augusto Santos (SMED/POA/RS) e Prof Msc Daniel Acosta (UFPEL/RS)
- Mitologia: Arquétipos e Significados - Profª Dra Elena Palmero Gonzáles (FURG/RS) e Psic Vânia Battistela (Pel/RS)
- Arte e Desenho: Um Novo Paradigma - Profª Dra Maria Lúcia Batezat Duarte (UDESC/SC)
- Sessão de Vídeo - Debate Prof Dr João Francisco Duarte Jr (UNICAMP/SP)
- Roteiro Histórico Cultural - Centro Municipal de Cultura
- Mesa Redonda: Cultura Patrimônio e Memória - Profª Dra Maria Leticia Mazzuchi Ferreira (PUC/RS) e Prof Msc Edgar Rodrigues Barbosa Neto (UFRGS)

Oficinas

1. Pintar Fazer Cores Descobrir Espaços Pintar - Prof Dr José Luiz de Pellegrin (UFPEL/RS)
2. Invenção e Prática/ Alguns Exercícios Plásticos para o Espaço Tridimensional - Prof Msc Daniel Acosta (UFPEL/RS)
3. Vivenciando e Dançando os Mitos - Psic Vânia Battistela (Pel/RS)
4. Brincando com o Desconhecido - Prof Dr Alfredo Martin (Furg/RG)
5. A Educação Ecoestética - a Educação dos Sentidos - Profª Mda Maria da Conceição Hatem de Souza
6. Oficina de Teatro - Profª Elisa Calvete

1. Elementos de arte terapia: um caminho para reflexão subjetiva com adolescentes e adultos - Márcia Miranda Barbosa Mello
2. Tribos Urbanas: uma abordagem multicultural sobre a arte dos adolescentes - Law Tissot
3. Uma leitura crítica sobre a linguagem do vídeo em sala de aula - Cláudio Tarouco de Azevedo
4. A metáfora de espelho: uma abordagem poética da História das Artes Visuais - Olga Helena Maciel Amaral, Cilene Gonçalves Leite, Xênia Juliano Fidalgo, Luis Cláudio Terra Amaral e Cássio da Silva Pinheiro
5. O grafismo infantil: como abordar o problema da estereotipia em sala de aula? - Marliete Costa Braga, Naide Teresinha Cadaval Ramoa, Daniele Ruiz Silva, Miriam Denise Timm Mumieweg e Débora Castello Elias
6. Materiais e métodos miscíveis para técnicas líquidas de desenho - nanquim - Sidinéia Milano Garcia
7. Oficina de lápis de cor - Samuel Rakse e Marcelo Silveira
8. Oficina de Frotagem - Lidiane Freire e Lúcia Troina

Equipe de Coordenação:

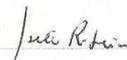
- Profª Esp Claudia Gonçalves
- Profª Esp Janice Recaman
- Profª Esp Magali Olioni Silveira
- Profª Esp Maria Teresa Ruivo
- Profª Msc Rosaura Torales

Apoio:

- Unidade Artística - SMEC
- Coordenação de Ed. Artística - SMEC
- ComCur de Educação Artística - FURG
- Centro Municipal de Cultura - SMEC
- Teatro Municipal - SMEC

Secretaria Municipal de Educação e Cultura
REGISTRO SOB Nº 5849.....Fis. 134
Do livro de Registro de Certificados nº 01
Frequência:.....

Rio Grande, 13 de dezembro de 2003.



ANEXO 3

FOLDER – 4º ARTESTAÇÃO CASSINO CINE VÍDEO

Ponto de Leitura no ArtEstação Cassino Cine Vídeo

Agendamento para escola
no Ponto de Cultura ou
pelos telefones:

(53) 3236-9028

(53) 3236-7083

(53) 3230-0040

Dia 6, 9h30: Barbosa 12' e Ilha das Flores 13' (Ensino Médio e Série Finais)
Dia 6, 14h: Fábulas Malucas 1 - 50' (4 a 10 anos, Pré-escolar e Infantil)

Dia 8, 9h30: Negócio Fechado 15' e O Lobisomem e o Coronel 10' (Ensino Médio e Séries Finais)
Dia 8, 14h: Kiriku e a Feiticeira 71' (Séries Iniciais)

Dia 13, 9h30: Fábulas Malucas 2 - 50' (4 a 10 anos, pré-escolar e infantil)
Dia 13, 14h: Bichos Urbanos 20' e Enquanto a Tristeza não vem 20' (Ensino Médio e Série Finais)

Dia 15, 9h30: Príncipe e Princesas 70' - Todas as idades
Dia 15, 14h: Velha História 6' e O Xadrez das Cores 22' (Ensino Médio e Série Finais)

Dia 20, 9h30: Fábulas Malucas 1 - 50' (4 a 10 anos, Pré-escolar e Infantil)
Dia 20, 14h: Barbosa 12' e Ilha das Flores 13' (Ensino Médio e Série Finais)

Dia 22, 9h30: Kiriku e a Feiticeira 71' (Séries Iniciais)
Dia 22, 14h: Negócio Fechado 15' e O Lobisomem e o Coronel 10' (Ensino Médio e Série Finais)

Dia 27, 9h30: Bichos Urbanos 20' e Enquanto a Tristeza não vem 20' (Ensino Médio e Série Finais)
Dia 27, 14h: Fábulas Malucas 2 - 50' (4 a 10 anos, Pré-escolar e Infantil)

Dia 29, 9h30: Velha História 6' e O Xadrez das Cores 22' (Ensino Médio e Série Finais)
Dia 29, 14h: Príncipe e Princesas 70' - Todas as idades

<http://artestacaoinevideo.blogspot.com>
artestacao@ibest.com.br

FURG TV - Núcleo Artístico Cultural - MAC/FURG - Curso Artes Visuais MS

Apoio



Patrocínio

ARTESTAÇÃO CASSINO CINE VÍDEO

MOSTRA OFICINA
PALESTRA MUTIRÃO
CINECLUBE CRIATIVO



ARTESTAÇÃO CASSINO CINE VÍDEO



Dia 2 Sexta

19h Abertura
Vídeo: ArtEstação Cassino Cine Vídeo

19h30 Produção local
Projeto Meninos do Mar- Registrando Vivências. CCMAR/FURG
Fazer o Quê? 10'54"
Filhos da pesca. 10'24"
Onde mora um pescador. 8'57"
Circuitos Compartilhados.
Convidada: Ana Maio/FURG

Dia 3 Sábado

15h Cinema Nacional Pós Anos 1990. Palestra com Gilvan Dockhorn / Silveira Martins - Unidade Descentralizada da UFSM.

17h Mostra de produções e bate-papo com o Diretor Cinematográfico e Cineclubista Luiz Alberto Cassol/ Sta Maria.
Insanidades 20'
Anônimos 3'
Faltam 05 Minutos. 20'
Fome de Quê? 13'

21h Exposição Making off

Dia 4 Domingo

15h Mutirão criativo

Dia 5 Segunda

19h Cineclubismo no Ponto de Cultura ArtEstação
Diálogos. 11'30" Pão com Ovo Filmes/ Sta Maria - 2007

Dia 9 Sexta

20h Produções premiadas no Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental/ FICA - Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira /Agepel - Acervo do Museu da Imagem e do Som de Goiás/MIS
As Cidades Invisíveis. 21' III FICA
Concerto da Cidade. 20' VII FICA
Convidados: Alfredo Martin e Ana Maio

21h30 Produção local
Arma Não Faz Nome 5'1" Negos do Fundão - Dani Bi
Pra Tricar 4'16" Negos do Fundão - Dani Bi
Dedicado 4'13" Negos do Fundão - Dani Bi
Senhos do Morto e Vida 3' Fernando Teodósio
Olhando Borboletas. 3' Fernando Teodósio

Dia 10 Sábado

15h Oficina de áudio com Santiago Martin.

20h Produções uruguaias - Mostra e bate-papo com Santiago Martin.

21h30 Produções nacionais:
Não me peça que eu te guie. 5'30" Eleiza Matos Martis, Nana D'Armond e Tina Hatem BH/IMG
Afetos. 5'46" Eleiza Matos Martis, Nana D'Armond e Tina Hatem BH/IMG
360. 21" Sérgio Rosa Venâncio Ares/RS

Dia 11 Domingo

15h Mutirão criativo

Dia 12 Segunda

19h Cineclubismo
Caminhos do Cineclubismo 76'1" - CinemadoMeio

Dia 16 Sexta

20h Produções premiadas no Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental/ FICA - Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira /Agepel. Icológia. 26' VII FICA - Acervo do Museu da Imagem e do Som de Goiás/MIS

20h30 13 Pueblos em defesa da água, do ar e da terra. 60' Francisco Taboada Tabone (Direção) Fernanda Robinson e Atahualpa Caldera (Produção) UNAM, México.
Convidados: Francisco Quintanilha e Tereza Lenzí/FURG

Dia 17 Sábado

15h Oficina de direção de fotografia. Alberto Alda/ Grupo Moviola.

20h Mostra de vídeos Moviola/ Pelotas - Futebol Sociedade Anônima entre outros.

21h Produções locais e de Pontos de Cultura.
Ossos do ofício. 10' Pontos de Cultura (ArtEstação e TV Ovo) e TV Brasil.

Paródia de "Guerra nas Estrelas". 2'40" Diego Sá de Freitas
Le Monde du Cinema. 11'31" Eduardo P. Rego
Esquisofrenia. 2'26" Everton Soares
Morte-Vida. 2'18" Everton Soares
Passagem. 1' Everton Soares
Encontro. 2'08" Grupo Bola de Feno
O dia mais feliz. 1' Sandro Martins Costa Mendes
Sentir Tango. 1' Sandro Martins Costa Mendes
Poeminha do Contra. 1' Wagner Passos

Dia 18 Domingo

15h Mutirão Criativo

Dia 19 Segunda

19h Cineclubismo
Câncer - Sem Medo da Palavra. 70' Direção Luiz Alberto Cassol

Dia 23 Sexta

20h Produções internacionais (Espanha)
El método de Alexis. 06'02" Vmagal
Dejar la piel. 01'17" Elio Vega
Caudal. 02'37" Elio Vega
Welcome to La. 03'47" Elio Vega
Global Femme. 19'58" Ana Navarrete e Verónica Perales
S/Título. 3'24" Jesús Pérez Garcia

21h Produção local.
FURG TV na mostra com Jayme de Freitas e Nalli Aguirres.
Bate-papo com produtores.

Dia 24 Sábado

15h Oficina de efeitos especiais com Jayme de Freitas e Nalli Aguirres/ FURG TV.

20h Produções internacionais (Portugal e França)
Boris e Jeremias. 15'09" Pedro Caldas
Between you and me. 7'47" Tânia Nicolau
M5 - Orgânico. 2'23" Mário Mateus Araújo
Infra. 2'29" Mário Mateus Araújo e Victor de Souza
Guerre Naive. 5' Bruno Myor, Wei Bi, Rami Danniels, Remy Dubois.

21h Produção Local
Docema. 41" Rhozaura Dias
No second chance. 01'59" Rhozaura Dias
Sombra. 1" Rhozaura Dias
Bruxa de Portobello segundo Antoine Locadour. 8' Fernando Espindola

Passos. 1'30" Fernando Espindola & Fernando Jackson
Cassino: a outra cara do balneário. 16'15" Ivonne Ayde Rodriguez

Dia 25 Domingo

15h Mutirão Criativo

Dia 26 Segunda

19h Cineclubismo
Sobre a Origem da Imagem do Cinema 17'30"
Viagem a Lua 14' (1902) - George Méliès

Dia 30 Sexta

20h Exibição do filme Acéphale e bate-papo com Michael Chapman.

21h Produção local
Gudi & Ivo 01'57" Grupo de Estudos em Animação. GEA/FURG

Dia 31 Sábado

17h Produção local
Projeto Meninos do Mar - Registrando Vivências.
A procura da felicidade. 9'26"
São José dos Pinus. 10'19"
Da semente ao prato. 10'11"
Passatempo. 10'27"
7 Arte dos Pombos 9'55"
O Monstro da Travessa 57. 18' Inês Brito

20h Produções de Pontos de Cultura, produção local e bate-papo com participantes da oficina de vídeo do Projeto ArtEstação nos Trilhos da Cultura.
Esperando Nonô. 10' - Pontos de Cultura (TV Ovo, ArtEstação, Catarse, Quilombo do Sopapo) e TV Brasil.
Lembranças. 10' - Pontos de Cultura (TV Ovo, ArtEstação, Catarse, Quilombo do Sopapo) e TV Brasil.
Para dores femininas. 3'45" João Henrique Bernardi. Ponto de Cultura Casa das Fases/ Núcleo de Arte e História com Senhoras e Senhoras - Londrina/PR.
Demência consciente. 01'29" Marcos Bob

ENCERRAMENTO - Mostra da produção MUTIRÃO CRIATIVO

ANEXO 4

FOLDER – 37ª FEIRA DO LIVRO

Bancas
das 17h à 1h

Autógrafos
A partir das 21h30
Setor Institucional
Quadra Central

Exposição FURG
40 Anos - NUME
Imprensa
FURGTV e FURGFIM
Secretaria
das 19h às 23h
Setor Institucional
Quadra Central

Espectáculos
Palco 1
A partir das 21h30
Quadra de Shows
Palco 2
A partir das 21h
Rua dos Saberes

Oficinas e Palestras
Briqueodoteca
CEAMECIM
Laboratório de
Ensino de História
Escolinha de Trânsito
Ônibus do Projeto Escuna
de inclusão digital
(Unidade de Cultura e
Divisão de Bibliotecas da SMEC)
Grupo de Estudos
em Animação - GEA
NUDESE
Ponto de Leitura
ArteEstação
Das 19h às 23h
Rua dos Saberes
Café Cultural
das 19h às 23h
Rua dos Saberes

Dia 5/2 Sexta-feira

19h Palestra "Os zumbis da pedra" com Manoel Soares
20h Apresentação do recital "Acordes para Pessoa" e
"Versos no quintal", com Catulo Fernandes, Álvaro
Santestevan e Luana Fernandes - Palco 2
21h Oficina de criação literária - Carlos Perez
21h30 Semifinal do MUSIURG - Gênero Gaúcho - Palco 1
Intervalo com Alter Ego e Banda Estrada

Dia 6/2 Sábado

19h Oficina de maquetes - CAIC
21h Oficina "Desvelando olhares e atitudes: uma proposta
em nome da vida" - ONG Amigo Bicho
21h30 Semifinal do MUSIURG - Gênero MPB - Palco 1
Intervalo com Coral da FURG e Grupo Instrumental da FURG

Dia 7/2 Domingo

19h Mostra do CD musical "Pingo d'água", de Júlio Guarany
20h Palestra "Empreendedorismo e qualidade de vida", com
docentes da Fundação Logosófica de Chapecó - SC
20h - Exposição do panteão africano "Os Orixás", de Pai Ronei
de Oxalá - Palco 2
21h30 Final do MUSIURG - Palco 1
Intervalo com Grupo ATOQUE Percussão em Movimento
coordenado por Márcio Kbecinha Tólio (Santa Maria)

Atividades permanentes: Lições de Judith Cortesão - veiculação de
vinhetas em áudio e vídeo; Exposição Sala Verde Judith Cortesão
(NID/FURG); Exposição FURG 40 Anos (NUME/FURG).

Atividades integradas:

Dias 30 e 31/1 - Dia do Quadrinho Nacional - Ponto de Cultura
ArteEstação
Dia 4/2, às 21h - Exposição "Paraty: primeiro olhar" - Célia Pereira e
Arita Benelli

37ª Feira do Livro
Viva o Livro.

De 28/1 a
7/2/2010
das 17h à 1h

Praca
Dídio
Duhá
Cassino
Rio Grande
RS

Realização
40
FURG
Universidade Federal do Rio Grande

Apoio
Prefeitura Municipal do Rio Grande

Patrocínio
SESC-RS
CASA DO POETA
BR
PETROBRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
GOVERNO FEDERAL

Patronesse:
Nubia Jacques Hanciau

Homenageados:
Judith Cortesão (in memoriam)
NEMA - Núcleo de Educação e
Monitoramento Ambiental

Atividade integrada:
Festival Universitário
de Música do Rio Grande
MUSIURG
Dias 5, 6 e 7 de Fevereiro Praça Dídio Duhá - Cassino

Dia 28/1 Quinta-feira

22h Abertura

Show de Luciano Maia - Palco 1

22h Pré-lançamento do Livro "A linguagem da Internet
através dos signos", de Trícia Tamara - Rua dos Saberes

Dia 29/1 Sexta-feira

19h Contação de histórias - Rua dos Saberes

21h Projeto Violões do CAIC - Palco 2

21h Oficina de arte-postal - Denise Martins

21h Sessão de autógrafos - patronesse Nubia Jacques Hanciau
e homenageado NEMA

Exibição do filme "Ao sul da paisagem - Paisagens invisíveis"
sobre a homenageada Judith Cortesão

21h30 Show Vampiros Nordestinos - Simca Chambord - Palco 1

22h Palhaço Bolaxa - "Fernão Capelo Gaivota" - Palco 2

Dia 30/1 - Sábado

20h Oficina "Desvelando olhares e atitudes: uma proposta
em nome da vida" - ONG Amigo Bicho

21h Palhaço Bolaxa - "O Pequeno Príncipe" - Palco 2

21h30 Lançamento do Projeto Sul do Sul: Memória, Patrimônio e
Identidade - Presença Luso-Açoriana em Rio Grande - Palco 1

Dia 31/1 - Domingo

19h Teatro de fantoches: "O Verdadeiro tesouro de Carla", de
Luciana Robe da Silveira Pereira - Palco 2

21h Centro de Instrução Musical - concerto dos alunos de piano
e teclado - Palco 2

21h Oficina de animação - GEA

21h30 Invernadas do CTG Farroupilha
Hermes Duran e grupo - Palco 1

Dia 1/2 Segunda-feira - A Feira não abrirá

Dia 2/2 Terça-feira

19h Oficina de encadernação artesanal - Arte do Livro

21h Oficina de criação literária - Carlos Perez

21h Recital de poesia infantil com Anair Weirich - Palco 2

21h30 Camila e Felipe - Palco 1

22h30 Orquestra Rossini - Palco 1

Dia 3/2 Quarta-feira

19h Conversa com Prof. NEMA e seus autores - Rua dos Saberes

21h Oficina de Criação Literária - Carlos Perez

21h Encontro de escritores da Academia Rio-Grandina de Letras
Premiação do Concurso Literário "Sua poesia vai à Feira" -
Palco 2

21h30 Terra Música, com Virgínia Machado e Banda - Palco 1

23h Banda Musical do Colégio Municipal Pelotense - Palco 1

Dia 4/2 Quinta-feira

20h Abertura da Exposição Polar: Aventura Branca -
Embaixada e Consulado da Noruega - CIDECSul - FURG
Campus Carreiros

20h Oficina de criação literária - Carlos Perez

21h Sarau poético-musical: Casa do Poeta Brasileiro -
Premiação do 3º Concurso Literário Infância-Juvenil -
Intercâmbio Cultural - Centro Literário Pelotense - Clube
Pan-Americano Pelotas - São Lourenço do Sul e Uruguai -
Palco 2

21h30 Terpsicore - grupo de dança da FURG - Palco 1

22h Grupo O Flato do Gato - Esquetes adaptadas dos contos
de Nelson Rodrigues: "Pedacos" - Direção de Mara Cezar e
"Tancredo e Ariosto" - Direção de Geraldo Roberto da Silva -
Palco 1

Programação

ANEXO 5

MODELO DE ROTEIRO – “TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE”

Unidade 1 – Analisando e produzindo o audiovisual: oficina de vídeo na escola



Partiu de texto informativo elaborado pela equipe da UniRede e da Secretaria de Educação a Distância/MEC.

Observe os blocos iniciais do roteiro:

Apresentação: letreiros com logotipos das instituições responsáveis pelo curso; o título do curso; logotipo da TV Escola – Secretaria de Educação a Distância/MEC; nome do curso e logotipo da UniRede.

Imagem	Áudio
<p>A sala tem decoração simples e está vazia. A TV ao centro, ligada na TV Escola. A câmera vai-se aproximando da TV. Na tela, aparece a carinha da TV Escola (logotipo da TV Escola).</p> <p>Abre o plano. Apresentador está na sala. Cartela com o nome do curso.</p> <p>COMPUTAÇÃO GRÁFICA</p> <p>Linha brilhante percorre o espaço, a câmera acompanha. Ao fundo, translúcidos, os nomes das universidades da UniRede. A linha vai formando o mapa do Brasil. Logotipo da UniRede.</p>	<p>Sobe e desce música.</p> <p>APRESENTADOR (OFF)*</p> <p>A Secretaria de Educação a Distância do MEC e a Universidade Virtual Pública do Brasil trazem até você a próxima atração: o curso TV na Escola e os Desafios de Hoje.</p> <p>APRESENTADOR</p> <p>Seja bem-vindo, amigo educador. Vamos dar agora a você as informações básicas para sua participação no curso TV na Escola e os Desafios de Hoje.</p> <p>APRESENTADOR (OFF)</p> <p>TV na Escola e os Desafios de Hoje é um curso de extensão promovido pela Secretaria de Educação a Distância da Seed/MEC, em parceria com a Universidade Virtual Pública do Brasil: a UniRede, um conjunto de 63 instituições de ensino público superior interligadas em tempo integral.</p>

* **Apresentador(a) off:** é o que não aparece na tela. Às vezes indica uma voz impessoal, um narrador ausente.

Introdução ao curso: informações iniciais sobre o curso e sua importância.

Imagem	Áudio
<p>INTERIOR – SALA DE PROFESSORES – NOITE</p> <p>Um professor está em frente ao vídeo, colocando uma fita e apertando o “REC”. Na tela da televisão aparece “GRAVANDO”, ao canto. O professor pega seu material de estudo e o dispõe sobre a mesa. Abre o plano para o apresentador.</p>	<p>APRESENTADOR</p> <p>A partir de hoje estaremos apresentando o material de vídeo que acompanha o curso. A cada semana, um vídeo será exibido (...) você poderá organizar com outros professores e com sua escola os horários mais adequados para assistir aos vídeos e gravá-los.</p>
<p>EXT. – ESCOLA PÚBLICA – DIA</p> <p>Sobe música. Imagens gerais de escola, de salas de aula com TV, salas de informática, imagens de antenas parabólicas, professores lendo manuais e guias, próximos aos equipamentos, aprendendo a mexer, experimentando, usando fax e/ou computador na secretaria. Fecha com uma aula que utiliza TV.</p>	<p>APRESENTADOR (OFF)</p> <p>Este curso vai qualificar você, educador, para a utilização pedagógica da televisão e do vídeo. Nosso principal objetivo é facilitar o acesso às informações, para que você integre esse conhecimento na sua prática, no seu dia-a-dia em sala de aula, com seus alunos. E também para que utilize esse conhecimento para seu aperfeiçoamento profissional.</p>

Histórico breve sobre o surgimento do curso a partir da experiência da TV Escola.

Imagem	Áudio
<p>EXT. – SALA DE AULA COM TV – DIA</p> <p>O apresentador está passeando entre crianças que assistem a uma aula na TV.</p> <p>EXT. – PÁTIO DE ESCOLA – DIA</p> <p>Depoimentos de professores que já usam TV, vídeo e TV Escola. Eles falam de sua satisfação e também da necessidade de conhecerem mais esses recursos.</p>	<p>APRESENTADOR</p> <p>Pesquisas realizadas pela TV Escola indicam: os educadores que já utilizam a TV Escola gostam da experiência. E mais: eles expressaram a necessidade de aprender como fazer melhor uso desse recurso.</p> <p>DEPOIMENTOS DE PROFESSORES</p>
<p>COMPUTAÇÃO GRÁFICA</p> <p>Animação com nome do curso em toda a tela.</p>	<p>APRESENTADOR (OFF)</p> <p>TV na Escola e os Desafios de Hoje é a resposta do Ministério da Educação a essa demanda dos professores por mais conhecimentos.</p>

Características do curso: bloco principal. Detalharam-se os conteúdos e os objetivos de cada um dos três módulos.

Imagem	Áudio
<p>INT. – SALA DE AULA – DIA</p> <p>Sala de aula com computador, impressora, vídeo e TV.</p>	<p>APRESENTADOR</p> <p>O curso foi organizado em três módulos. O primeiro módulo vai tratar das tecnologias e da educação.</p>
<p><i>Letter na tela:</i></p> <p>MÓDULO 1 – TECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO: DESAFIOS E A TV ESCOLA</p> <p>Imagens de pessoas usando equipamentos (banco, eletroeletrônicos, calculadoras, etc.). Ao final, <i>letters</i> com os números soltos na tela.</p>	<p>APRESENTADOR</p> <p>Neste módulo vamos conversar com você sobre a importância das tecnologias no nosso dia-a-dia. O “porquê” e o “para que” de se incorporar a televisão na sua prática de sala de aula (...)</p>
<p><i>Letter na tela:</i></p> <p>MÓDULO 2 – USOS DA TV E DO VÍDEO NA ESCOLA</p> <p>A seguir, trechos de programas da TV Escola, tanto de vídeos didáticos quanto de temas como sexualidade, meio ambiente, ética e outros.</p>	<p>APRESENTADOR (OFF)</p> <p>No segundo módulo, <i>Usos da TV e do vídeo na escola</i>, o objetivo é conhecer mais profundamente a televisão, suas formas e seus conteúdos, tanto das TVs comerciais quanto da TV Escola. Depois de conhecer melhor a televisão, vamos demonstrar e discutir as muitas possibilidades de utilização didática deste recurso e sua relação com os currículos escolares.</p>
<p><i>Letter na tela:</i></p> <p>MÓDULO 3 – EXPERIMENTAÇÃO: PLANEJANDO, PRODUZINDO, ANALISANDO</p> <p>Professor assistindo à TV, com caderno na mão, fazendo anotações, controle remoto na mão. Ao final, o professor grava um programa.</p>	<p>APRESENTADOR</p> <p>No terceiro e último módulo, <i>Experimentação: planejando, produzindo, analisando</i>, vamos apresentar algumas experiências práticas da utilização pedagógica de programas de televisão. Vamos analisar programas existentes, planejar uma aula e ver como é que se realiza, passo a passo, o processo de produção de vídeos. Sabendo como se produz um programa de TV, conhecendo seus conteúdos, formas e linguagens, você terá condições de analisar o que é bom para ser usado em seu dia-a-dia de sala de aula, e poderá passar a usar regularmente a TV e o vídeo no seu trabalho como educador.</p>

ANEXO 6

CRONOGRAMA DE MICROINTERVENÇÃO

Qual nossa intenção? _____
Quando será realizado? _____
Onde? _____
Com quem? _____
O que gravar? _____
Como fazer? _____

2008	Set	Out	Nov	Dez
ATIVIDADES				
ROTEIRO				
PRODUÇÃO (CONTATOS, TELEFONES, SAÍDAS DE CAMPO)				
GRAVAÇÕES (AGENDAR EQUIPAMENTO, QUAIS EQUIPAMENTOS NECESSÁRIOS)				
PÓS-PRODUÇÃO (RECORTES DE JORNAIS, FOTOGRAFIAS, MÚSICAS...)				
EDIÇÃO				

ROTEIRISTAS: _____
PRODUTORES: _____
CINEGRAFISTAS: _____
REPÓRTERES: _____
EDITORES: _____

ANEXO 7

DVD – OFICINA “AÇÃO AMBIENTAL E PRODUÇÃO CULTURAL”

ANEXO 8

E-MAIL ENVIADO POR UM MEMBRO DO GRUPO-SUJEITO

Saúde e paz a todos.

Em relação à percepção nas atividades das oficinas conclui que:

- Elas possibilitaram um novo olhar sobre a forma como chegam às imagens até nós através dos meios de comunicação;

- A imagem nos transmite diferentes percepções, sendo necessário muito cuidado na análise da mensagem transmitida;

- A mensagem que chega até nós é carregada não só da mensagem que se propõe a transmitir, mas também dos sentimentos de quem a produziu;

- [A grande maioria das pessoas não] tem noção de como ocorre o processo para elaboração de um vídeo. Minha compreensão inicial também era muito limitada. Hoje olho com outros olhares todo esse processo;

- É um material rico para compreendermos determinados acontecimentos.

Durante a elaboração do vídeo.

A primeira dificuldade encontrada na elaboração do vídeo ocorreu devido a não certeza do tema a ser desenvolvido. Tínhamos várias idéias, mas nenhuma bem definida. Trabalhar em conjunto foi outro aprendizado. Quando trabalhamos sozinhos, definimos o que queremos e fazemos. O trabalho conjunto exigiu abrir mão de idéias, dialogo compreensão e aceitação de outras sugestões.

Transferir para o vídeo o que se pensa é muito mais difícil do que eu imaginava. A mente cria de forma rápida e estruturada o vídeo, mas torná-lo real não é tão fácil.

É desejo meu estar aprimorando esses conhecimentos em momento oportuno para poder estar utilizando esta ferramenta junto às famílias rurais. Acredito que possibilitar a elas, serem parte da construção de um vídeo em que elas são os principais atores, vai possibilitar elevação da auto-estima delas e despertar o poder de criar adormecido em cada um de nós e devolver, ou fortalecer o poder de sonhar além de nossas fronteiras mais próximas.

Não tenho certeza se as contribuições estão de acordo com o desejado. Estou à disposição para outras contribuições.

Bom trabalho para vocês. Estarei presente em pensamento.

Saudades de todas(os).

Espero revê-los em breve.

ANEXO 9

CARTAZ DA SEMANA DO MEIO AMBIENTE

Universidade Federal do Rio Grande - FURG
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
Promovem



Semana do Meio Ambiente

De 2 a 6 de junho de 2009

Terça-feira - 02/06 (tarde)

Vídeos desenvolvidos na disciplina do PPGEA "As Três Ecologias de Félix Guattari" e debate com participação do prof. Alfredo Martin (PPGEA), a veterinária Vanilda Pintos e das ONGs Amigo Bicho e Bicharada (FURG).

Hora: 15h

Local: Auditório do pavilhão 4/Sala 416 - FURG Carreiros.

Quarta-feira 03/06 (manhã)

Exposição do grupo de produtores ecológicos NEMA/NUDESE/FURG, junto com "O artista vai à feira" - exposição fotográfica "Sítio Talismã: encanto sobre-natural" de Cláudio Azevedo e Roberta Cadaval.

Local: em frente ao centro de convivência da FURG.

Sexta-feira - 05/06 (manhã)

Documentário "13 Pueblos. En defensa del agua, el aire y la tierra". Com participação da professora Teresa Lenzi (Artes Visuais - FURG) e Margaret Badejo e os professores do PPGEA: Carlos Machado, Francisco Quintanilha e Pablo René Estévez.

Hora: 09h

Local: Auditório do pavilhão 4/Sala 416 - FURG Carreiros.

Sexta-feira - 05/06

Exposição do grupo de produtores ecológicos- NEMA/NUDESE/FURG, junto com "O artista vai à feira" - exposição fotográfica "Sítio Talismã: encanto sobre-natural" de Cláudio Azevedo e Roberta Cadaval.

Hora: 08:30 às 17:30

Local: Secretaria do meio ambiente.

Sábado - 06/06

Abertura da exposição Fotográfica Coletiva: "Intersingularidades". Vídeos da TV FUTURA "Maleta Meio Ambiente"

Hora: 18h

Local: Ponto de Cultura ArtEstação Cassino.

Exposições:

- Coletiva fotográfica do Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação FURG/CNPq - Photographein.
- Mostra de banco produzido com reaproveitamento de materiais.
- Fotos pinhole: atividade desenvolvida junto à disciplina do PPGEA "As Três Ecologias de Félix Guattari".

A partir do dia 03 até sexta-feira

Local: pavilhão 4/PPGEA - FURG Carreiros.

ANEXO 10

BANNER DO PROJETO OFICINA “AÇÃO AMBIENTAL E PRODUÇÃO CULTURAL”

Universidade Federal do Rio Grande
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental



Introdução

Este resumo apresenta um recorte do projeto de pesquisa “Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural. A educação ambiental através de micro-intervenções” do articulador Cláudio Azevedo que está sob orientação do Prof. Dr. Alfredo Martin. A pesquisa é desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e surgiu da integração de alguns elementos que compõe a trajetória acadêmica e profissional dos autores. Suas formações, um no campo das Artes Visuais e outro da Psicologia e da Análise Institucional, engendrou um processo pedagógico que envolve tecnologia (cinema, vídeo, fotografia, etc.) educação ambiental (EA) não formal e alguns conceitos elencados pelo filósofo francês Félix Guattari. O começo desta trajetória de pesquisa se deu com a criação da Oficina “Ação Ambiental e Produção Cultural”, implementada como atividade integrada à disciplina “As três ecologias de Félix Guattari” oferecida no PPGEA. O trabalho foi desenvolvido com educadores ambientais em formação. Importante nesse agrupamento de fatores é que durante a oficina, além da abordagem de vocabulário, conceitos e técnicas audiovisuais, estiveram presentes as discussões, estudos e pesquisas focadas no conceito de ecossíofia criado por Guattari.

Metodologia

A metodologia utilizada configura uma pesquisa qualitativa, sendo importante ressaltar que esta é um tipo de abordagem que “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.” (MINAYO, 1994, p. 22).

Dentro desta perspectiva metodológica podem-se perceber algumas linhas de estudos que viabilizam tais propostas qualitativas. Estamos pautados na modalidade de pesquisa originada no Movimento Institucionalista e que pode ser identificada como uma teoria microssociológica, a Análise Institucional (AI).

Para o desenvolvimento da proposta foi realizada uma intervenção institucional, que consiste em dois campos, o de análise e o de intervenção. A Oficina se originou como um espaço de atuação dos campos mencionados. Os vídeos produzidos resultaram das propostas de micro-intervenções dos participantes. Para coleta de dados foi realizado um encontro para exibição dos vídeos produzidos e após foi aplicado um questionário com perguntas abertas aos participantes da oficina, através das quais é possível deixá-los “inteiramente à vontade para responder o que achar necessário, podendo a sua resposta ser ampla” (OLIVEIRA, p. 84, 2008).

Resultados e Discussão

Dados coletados através dos questionários; realização da transcrição dos dados; exibição e problematização dos vídeos durante a Semana do Meio Ambiente do PPGEA/FURG em junho de 2009; produção de um DVD contendo os cinco vídeos resultados das micro-intervenções; distribuição do material para diferentes instituições que trabalham com vídeo e educação ambiental, dentre elas estão: a Sala Verde da FURG/PPGEA, o Curso de Artes Visuais da FURG, o Ponto de Cultura ArtEstação e o Ministério do Meio Ambiente.

Conclusões

A seguir a resposta de uma das participantes da oficina que produziu coletivamente um vídeo sobre o evento I Encontro de Diálogos em Educação Ambiental ocorrido em 2008 no PPGEA/FURG a qual foi parte da comissão organizadora. Esta resposta configura a dimensão da obtenção de dados através do questionário e apresenta alguns aspectos como valores e sentimentos que podemos verificar:

A qualidade do vídeo, tecnicamente é muito boa, mas na minha opinião o processo de realização do evento em si e seus resultados (tanto para o PPGEA quanto para o grupo) são de fato a grande intervenção. Como filha, mãe, gestora ambiental, mestrande do PPGEA e parte do grupo organizador de evento, posso dizer que esta foi a melhor experiência que tive no mestrado e a maior vivência de educação ambiental, na forma que a compreendo, participativa, atuante politicamente, transformadora, preocupada com a coletividade, afetiva... a intervenção ocorreu em nós, no programa (PPGEA), na comunidade e seguirá ocorrendo à medida que momentos como este (hoje) vão tendo espaço. A qualidade do vídeo é reflexo do empenho de todos e principalmente da intensidade da nossa esperança.

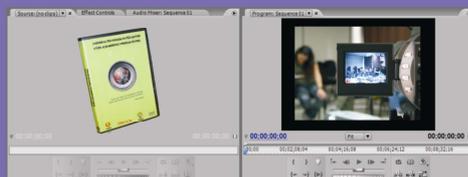
Enfim, percebe-se a importância da pesquisa qualitativa no reconhecimento de valores socioambientais fundamentais na formação dos atores sociais. Conclui-se que ações ambientais são necessárias para, a partir de micro-intervenções, se chegar a ações ampliadas e proporcionar, assim, uma abrangência social que fortaleça identidades, mas que, sobretudo, gere transformações e novas intervenções. Os vídeos estão possibilitando isto.

Agradecimentos

Ao Prof. Alfredo Martin por acreditar no trabalho realizado na oficina e o incentivo constante. Aos participantes que participaram com entusiasmo e dedicação, possibilitando a construção e realização dos trabalhos e seus resultados para elaboração da presente pesquisa.

Referências

- BAREMBLITT, Gregório. *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática*. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Companhia Papirus, 1993a.
- _____. *Félix Guattari*. São Paulo: Ed. 34, 1993b.
- LAPASSADE, Georges. *As microssociologias*. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- LEVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- LUCA, Luiz Gonzaga Assis de. *Cinema digital: um novo cinema?* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura Fundação Padre Anchieta, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social: teoria, método, criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- REIGOTA, Marcos. *A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna*. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- SANCHO, Juana María; HERNÁNDEZ, Fernando [et al.]. *Tecnologias para transformar a educação*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- SANTAELLA, Lucia; NOTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1998.



Cláudio Tarouco de Azevedo - claudiohifi@yahoo.com.br
Alfredo Martin - martingen@best.com.br

ANEXO 11

TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*. A produção de *klinamens* através de microintervensões.

Pesquisador Responsável: Cláudio Tarouco de Azevedo.

Telefone para contato do pesquisador: (53) 8417-3425

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/question da pesquisa (que tipo de movimento é necessário para produzir grupos que consigam subverter a lógica instituída, conservada? E que tipos de materiais podemos estar produzindo para utilizá-los como instrumentos de subversão, reflexão e provocação de discussões alternativas ao que é instituído pela grande mídia?) é a preocupação em contribuir com a educação ambiental, de maneira a possibilitar a formação de grupos sujeito que possam estar intervindo nos diversos espaços possíveis. A pesquisa se justifica pela necessária compreensão da produção de subjetividade implementada pela mídia, de maneira a produzir uma autonomia, do pensar e agir, para geração de novas subjetividades produzidas pelos próprios atores sociais. O objetivo desse projeto é através de uma oficina *Ação Ambiental e Produção Cultural*, promover processos de auto-análise e autogestão para criação de vídeos produtores de pequenas transformações em seus produtores e nos espectadores. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: realização de fotografias dos sete encontros previstos para realização da oficina. A produção de vídeos por parte dos participantes e um único encontro para exibição das produções realizadas pelo grupo sujeito com posterior aplicação de questionários. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE:

Eu, ANA QUELI MACHADO, abaixo assinado, concordo em participar do estudo *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*. A produção de *klinamens* através de microintervensões. Fui informado(a) pelo pesquisador Cláudio Tarouco de Azevedo dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o(a) pesquisador(a) necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação ou tese.

Local e data: RIO GRANDE 23/02/2010.

Nome: ANA QUELI MACHADO

Assinatura do sujeito ou responsável: Ana Queli T. Machado

Assinatura do(a) pesquisador(a): Cláudio Tarouco de Azevedo



SERVÍÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*. A produção de *klinamens* através de microintervencões.

Pesquisador Responsável: Cláudio Tarouco de Azevedo.
Telefone para contato do pesquisador: (53) 8417-3425

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/question da pesquisa (que tipo de movimento é necessário para produzir grupos que consigam subverter a lógica instituída, conservada? E que tipos de materiais podemos estar produzindo para utilizá-los como instrumentos de subversão, reflexão e provocação de discussões alternativas ao que é instituído pela grande mídia?) é a preocupação em contribuir com a educação ambiental, de maneira a possibilitar a formação de grupos sujeito que possam estar intervindo nos diversos espaços possíveis. A pesquisa se justifica pela necessária compreensão da produção de subjetividade implementada pela mídia, de maneira a produzir uma autonomia, do pensar e agir, para geração de novas subjetividades produzidas pelos próprios atores sociais. O objetivo desse projeto é através de uma oficina *Ação Ambiental e Produção Cultural*, promover processos de auto-análise e autogestão para criação de vídeos produtores de pequenas transformações em seus produtores e nos espectadores. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: realização de fotografias dos sete encontros previstos para realização da oficina. A produção de vídeos por parte dos participantes e um único encontro para exibição das produções realizadas pelo grupo sujeito com posterior aplicação de questionários. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE:

Eu, Diana Paula Salomé Freitas, abaixo assinado, concordo em participar do estudo *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*. A produção de *klinamens* através de microintervencões. Fui informado(a) pelo pesquisador Cláudio Tarouco de Azevedo dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo (X) Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o(a) pesquisador(a) necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação ou tese.

Local e data: Rio Grande 05/03/2010

Nome: Diana Paula Salomé Freitas

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): Cláudio Tarouco de Azevedo



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*. A produção de *klinamens* através de microintervenção.

Pesquisador Responsável: Cláudio Tarouco de Azevedo.
Telefone para contato do pesquisador: (53) 8417-3425

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (que tipo de movimento é necessário para produzir grupos que consigam subverter a lógica instituída, conservada? E que tipos de materiais podemos estar produzindo para utilizá-los como instrumentos de subversão, reflexão e provocação de discussões alternativas ao que é instituído pela grande mídia?) é a preocupação em contribuir com a educação ambiental, de maneira a possibilitar a formação de grupos sujeito que possam estar intervindo nos diversos espaços possíveis. A pesquisa se justifica pela necessária compreensão da produção de subjetividade implementada pela mídia, de maneira a produzir uma autonomia, do pensar e agir, para geração de novas subjetividades produzidas pelos próprios atores sociais. O objetivo desse projeto é através de uma oficina *Ação Ambiental e Produção Cultural*, promover processos de auto-análise e autogestão para criação de vídeos produtores de pequenas transformações em seus produtores e nos espectadores. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: realização de fotografias dos sete encontros previstos para realização da oficina. A produção de vídeos por parte dos participantes e um único encontro para exibição das produções realizadas pelo grupo sujeito com posterior aplicação de questionários. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE:

Eu, Fátima Luce Mainomave, abaixo assinado, concordo em participar do estudo *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*. A produção de *klinamens* através de microintervenção. Fui informado(a) pelo pesquisador Cláudio Tarouco de Azevedo dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o(a) pesquisador(a) necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação ou tese.

Local e data: RIO GRANDE 08/03/10

Nome: Fátima Luce Mainomave

Assinatura do sujeito ou responsável: Fátima Luce Mainomave

Assinatura do(a) pesquisador(a): Cláudio Tarouco de Azevedo



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assinie ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Oficina *Ação Ambiental e Produção Cultural*. A produção de *kinamens* através de microintervenções.

Pesquisador Responsável: Cláudio Tarouco de Azevedo.

Telefone para contato do pesquisador: (53) 8417-3425

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (que tipo de movimento é necessário para produzir grupos que consigam subverter a lógica insituida, conservada? E que tipos de materiais podemos estar produzindo para utilizá-los como instrumentos de subversão, reflexão e provocação de discussões alternativas ao que é instituído pela grande mídia?) é a preocupação em contribuir com a educação ambiental, de maneira a possibilitar a formação de grupos sujeito que possam estar intervindo nos diversos espaços possíveis. A pesquisa se justifica pela necessária compreensão da produção de subjetividade implementada pela mídia, de maneira a produzir uma autonomia, do pensar e agir, para geração de novas subjetividades produzidas pelos próprios atores sociais. O objetivo desse projeto é através de uma oficina *Ação Ambiental e Produção Cultural*, promover processos de auto-análise e autogestão para criação de vídeos produtores de pequenas transformações em seus produtores e nos espectadores. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: realização de fotografias dos sete encontros previstos para realização da oficina. A produção de vídeos por parte dos participantes e um único encontro para exibição das produções realizadas pelo grupo sujeito com posterior aplicação de questionários. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE:

Eu, IVONNE AYDE RODRIGUEZ, abaixo assinado, concordo em participar do estudo Oficina *Ação Ambiental e Produção Cultural*. A produção de *kinamens* através de microintervenções. Fui informado(a) pelo pesquisador Cláudio Tarouco de Azevedo dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo () Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o(a) pesquisador(a) necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação ou tese.

Local e data: RIO GRANDE 10/08/2009

Nome: IVONNE AYDE RODRIGUEZ VILLABONA

Assinatura do sujeito ou responsável: Ivonne Rodriguez

Assinatura do(a) pesquisador(a): Cláudio



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*. A produção de *klinamens* através de microintervencções.

Pesquisador Responsável: Cláudio Tarouco de Azevedo.
Telefone para contato do pesquisador: (53) 8417-3425

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questionamento da pesquisa (que tipo de movimento é necessário para produzir grupos que consigam subverter a lógica instituída, conservada? E que tipos de materiais podemos estar produzindo para utilizá-los como instrumentos de subversão, reflexão e provocação de discussões alternativas ao que é instituído pela grande mídia?) é a preocupação em contribuir com a educação ambiental, de maneira a possibilitar a formação de grupos sujeito que possam estar intervindo nos diversos espaços possíveis. A pesquisa se justifica pela necessária compreensão da produção de subjetividade implementada pela mídia, de maneira a produzir uma autonomia, do pensar e agir, para geração de novas subjetividades produzidas pelos próprios atores sociais. O objetivo desse projeto é através de uma oficina *Ação Ambiental e Produção Cultural*, promover processos de auto-análise e autogestão para criação de vídeos produtores de pequenas transformações em seus produtores e nos espectadores. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: realização de fotografias dos sete encontros previstos para realização da oficina. A produção de vídeos por parte dos participantes e um único encontro para exibição das produções realizadas pelo grupo sujeito com posterior aplicação de questionários. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível, nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)

PARTICIPANTE:

Eu, Jai Bezerra Massaut, abaixo assinado, concordo em participar do estudo *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*. A produção de *klinamens* através de microintervencções. Fui informado(a) pelo pesquisador Cláudio Tarouco de Azevedo dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo (X) Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o(a) pesquisador(a) necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação ou tese.

Local e data: Rio Grande 08, 03, 10.
Nome: JAI BEZERRA MASSAUT

Assinatura do sujeito ou responsável: [assinatura]
Assinatura do(a) pesquisador(a): [assinatura]



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*. A produção de *klinamens* através de microintervencões.

Pesquisador Responsável: Cláudio Tarouco de Azevedo.
 Telefone para contato do pesquisador: (53) 8417-3425

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/question da pesquisa (que tipo de movimento é necessário para produzir grupos que consigam subverter a lógica instituída, conservada? E que tipos de materiais podemos estar produzindo para utilizá-los como instrumentos de subversão, reflexão e provocação de discussões alternativas ao que é instituído pela grande mídia?) é a preocupação em contribuir com a educação ambiental, de maneira a possibilitar a formação de grupos sujeito que possam estar intervindo nos diversos espaços possíveis. A pesquisa se justifica pela necessária compreensão da produção de subjetividade implementada pela mídia, de maneira a produzir uma autonomia, do pensar e agir, para geração de novas subjetividades produzidas pelos próprios atores sociais. O objetivo desse projeto é através de uma oficina *Ação Ambiental e Produção Cultural*, promover processos de auto-análise e autogestão para criação de vídeos produtores de pequenas transformações em seus produtores e nos espectadores. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: realização de fotografias dos sete encontros previstos para realização da oficina. A produção de vídeos por parte dos participantes e um único encontro para exibição das produções realizadas pelo grupo sujeito com posterior aplicação de questionários. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE:

Eu, LEONIE CLAUDIO JANENASTER, abaixo assinado, concordo em participar do estudo *Oficina Ação Ambiental e Produção Cultural*. A produção de *klinamens* através de microintervencões. Fui informado(a) pelo pesquisador Cláudio Tarouco de Azevedo dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo (X) Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o(a) pesquisador(a) necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação ou tese.

Local e data: RIO GRANDE 23/02/2010
 Nome: LEONIE CLAUDIO JANENASTER

Assinatura do sujeito ou responsável: Leonie C. Janenaster
 Assinatura do(a) pesquisador(a): Cláudio Tarouco de Azevedo



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Oficina *Ação Ambiental e Produção Cultural*. A produção de *klinamens* através de microintervenção.

Pesquisador Responsável: Cláudio Tarouco de Azevedo.

Telefone para contato do pesquisador: (53) 8417-3425

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (que tipo de movimento é necessário para produzir grupos que consigam subverter a lógica instituída, conservada? E que tipos de materiais podemos estar produzindo para utilizá-los como instrumentos de subversão, reflexão e provocação de discussões alternativas ao que é instituído pela grande mídia?) é a preocupação em contribuir com a educação ambiental, de maneira a possibilitar a formação de grupos sujeito que possam estar intervindo nos diversos espaços possíveis. A pesquisa se justifica pela necessária compreensão da produção de subjetividade implementada pela mídia, de maneira a produzir uma autonomia, do pensar e agir, para geração de novas subjetividades produzidas pelos próprios atores sociais. O objetivo desse projeto é através de uma oficina *Ação Ambiental e Produção Cultural*, promover processos de auto-análise e autogestão para criação de vídeos produtores de pequenas transformações em seus produtores e nos espectadores. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: realização de fotografias dos sete encontros previstos para realização da oficina. A produção de vídeos por parte dos participantes e um único encontro para exibição das produções realizadas pelo grupo sujeito com posterior aplicação de questionários. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

**DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)
 PARTICIPANTE:**

Eu, Wagner Torres Silveira, abaixo assinado, concordo em participar do estudo Oficina *Ação Ambiental e Produção Cultural*. A produção de *klinamens* através de microintervenção. Fui informado(a) pelo pesquisador Cláudio Tarouco de Azevedo dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo (X) Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o(a) pesquisador(a) necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação ou tese.

Local e data: RIO GRANDE 23/02/2010.

Nome: Wagner Torres Silveira

Assinatura do sujeito ou responsável: Wagner T. Silveira

Assinatura do(a) pesquisador(a): Cláudio Tarouco de Azevedo